Monografia H. C. de Paracatú

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Públic

M
5.1)

Monografia Historica e Corografica de Paracatú

1954

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ANTONIO RIBEIRO JUNIOR

ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL
OLÍMPIO MICHAEL GONZAGA
Rua Temístocles Rocha, 249 Centro - Paracatu-MG
CEP:38.600-270 - TEL. (38) 3671-5236

MONOGRAFÍA HISTÓRICO COROGRAFICA DE PARACATÚ

Organizada de acôrdo com as normas estatuidas pe'o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

1954

JOSÉ JOEL DE AQUINO

FOLHETIM DA A TRIBUNA DE PARACATÚ

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

À memória de minha santa mãe,

D. Norbertina José Ribeiro

Reg Nº 813

Ao meu venerando pai e amigo,

Antonio Ribeiro

O MUNICIPIO

Tradição corrente, quanto ao devassamento do território do Município

No intúito de fugir ao cunho grave e feição austera de que se revestem, geralmente, as Monografias Histórico — Corográficas dos municípios brasileiros, procurarei, apenas — e é êste o objetivo colimado — fixar no presente esbôço, em ligeiros traços, os aspectos reais do território paracatuense, como os encontrei na realidade, no limiar do ano de 1941.

Não há, no presente ensaio, uma centêlha, siquer de imaginação, ou ficção alguma que venha desvirtuar sua finalidade precípua.

É verdade que meu ponto de vista pessoal afluirá a cada instante, no desdobrar dos capítulos E, se se prestarem êles a análises, pelo menos, dos entendidos, eis a minha recompensa. A minha vaidade jámais comportou tamanha distinção.

Ao leitor que primeiro procurar anular meu esfôrço, consigno toda minha gratidão.

Ao elaborar a presente Monografia, não pretendí arrebatar a quem quer que seja, o direito de dar-se á mesma fastidiosa tarefa, imprimindo á sua obra as feições artísticas e literárias de que se ressentem êstes ensaios.

Velha e caduca, Paracatú reflete no futuro a história do seu passado esplendoroso, aureolado de glórias e circundado de

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

tradições que se perpetúam, e que já constituem o orgulho de seus filhos no presente.

Não obstante a divergência reinante entre os historiadores, quanto ao descobrimento de Paracatú, não padece duvida, deverem-se as suas primeiras penetrações ás auspiciosas notícias das riquezas colossais existentes no interior das Minas Gerais, robretudo durante a última década do século XVII.

Muito embora desde o último quartel do século XVI fossem conhecidas as notícias dessas riquezas, sòmente um século depois foram elas patenteadas por sertanistas destemidos, como Anhanguera, seguindo a orientação de Sebastião Fernandes Tourinho, quem primeiro falou das incalculaveis riquezas das Minas Gerais, por êle encontradas, durante sua segunda expedição, em 1573. Margeando o rio Manhuassú, atingiu êle o revôlto Rio Doce e seguiu-o em direção às suas nascentes, numa extenção de 240 quilômetros, até alcançar o País das Minas. Daí, as notícias seguras dos inexgotaveis mananciais de ouro e pedras preciosas existentes nestas regiões. E novas expedições foram enviadas aos sertões brasileiros, alimentando cada uma o desejo ardente de encontrar o lendário El-Dourado, que supunham existir do outro lado ao Oéste. Dêle, falavam-lhes insistentemente as cubiçosas imaginações. Embalado por êsse sonho, Bartolomeu Bueno da Silva, o famoso Anhanguera, numa arrancada louca, embrenhou-se pelo sertão. Partindo de S. Paulo, alcançou nossas terras e assinalou-as em seguro roteiro. O fato de haver êle rumado para Goiaz, na carruagem incontida de suas ambições, indica não se haver contentado com o ouro aquí encontrado. Tirou, contudo, uma cópia do seu roteiro e o enviou á Baía.

Ao intrépido sertanista Anhanguera, cederam vários historiadores a glória de haver sido o precursor do descobrimento de Paracatú. O seu roteiro, datado de 1725, foi, pouco depois, encontrado por um jesuita nos arquivos de S. Salvador. Uma cópia foi logo extraida e entregue pelo religioso ao seu bom amigo Felisberto Caldeira Brant que, àquela época já desbravava nossos sertões, animado pelo mesmo sonho de Bartolomeu Bueno. De posse desse documento, Felisberto fez dêle ciência, depressa, aos seus irmãos Joaquim e Conrado, rumando, sem demora, sua bandeira em direção às nossas minas, logrando atingir as cabeceiras do Córrego Rico, em cuja margem esquerda se abarracou, em 1734, segundo afirmações de vários historiadores.

(Continua no próximo número)

Inúmeras contradições, porém, levam-nos a descrer da veracidade dessa versão histórica, pouco segura.

Dada a hipótese de que Anhanguera houvesse realmente atingido nosso território e o assinalasse num roteiro, a lógica não comporta a frágil concepção de que um religioso, velho e sem ambições — que já se recolhia ao seu mosteiro, para nele findar os dias — extraisse e conservasse, sem finalidade determinada, uma copia dêsse roteiro, para logo cedê-lo a Felisberto, a quem conhecera ligeiramente, em viagem para sua saudosa Piratininga. Demais, não se concebe ainda que Felisberto, aquí chegando em 1734, assentasse, tão auspiciosamente, as bases de uma povoação que se desenvolvesse tanto, neste longínquo rincão, a ponto de, dois anos após, tornar-se um grande centro. Essa asserção baseia-se em documentos encontrados nos arquivos da cidade, segundo os quais, em 1736 havia já em Paracatú cinco grandes igrejas, inclusive as de Santana e Abadia. Por mais vertiginosa que fosse a construção dêsses templos, colossais em relação à época, demandaria um espaço de longos anos, ainda que erigidos simultaneamente, o que por certo, não se verificou, visto como, em todos os tempos, neste mundo de pecados, a sêde do ouro sempre-se sobrepôs aos sentimentos religiosos.

Demais, nossos historiadores conheceram tão pouco os irmãos Caldeiras, que nem siquer se referiram a Sebastião, um dos seus mais valorosos componentes.

Relativamente á descoberta de Paracatú, há quem se ponha ao lado da versão de que, partindo da Baía, em direção a S. Paulo, um religioso da Companhia de Jesús atingiu as nossas jazidas, assinalando-as pelos acidentes geograficos que

Fundo Oliveira Mello/Cód.081/Acervo Arquivo Público de Paracatu

que se tingissem de sangue as primeiras páginas da história de Paracatú. O ouro era de tal forma abundante, que sua conquista não comportava qualquer disputa: bastava para enriquecer as duas expedições e a outras mais que aquí viessem ter, guiadas pelo mesmo objetivo. E o ódio que, a princípio, carbonizava as animosidades dos adversários, desfez-se em franca e alviçareira cordialidade e auxilios mútuos, transferindo-se logo José Rodrigues Fróis para as margens do Córrego Rico e pondo-se ao lado dos Caldeiras, na edificação do povoado, a que denominaram de São Luiz e Santana. Suas primeiras casas alevantaram-se na velha Bitesga, no primeiro quartel do século XVIII.

A junção das duas bandeiras determinou o primeiro surto evolutivo do arraial. Uma igreja foi logo erigida para celebração de atos religiosos. Apareceu, então, a velha Santana, e nela celebrou-se, ruidosamente, o casamento da bela D. Helena, irmã de Fróis, com Joaquim Caldeira Brant. Êsse consórcio foi o sêlo da paz, com que o destino consolidou a amizade das duas bandeiras.

Graças ao trabalho e ao devotamento de seus fundadores, o arraial cresceu, floriu, tornando-se, pouco depois, o reino do ouro, o pôço inexgotavel de riquezas, onde os sequiosos da fortuna saciavam suas incontidas ambições. Afluíram, dêsse modo, a estas soberbas minas, hordas intermináveis de aventureiros, atraidos pela resplandecência do ouro. Assim que se radicavam a terra, levavam vida nababesca e farta. As adégas estavam sempre repletas de finos vinhos portuguêses, enquanto as baixelas de ouro e prata passavam ao uso quotidiano.

Corria assim a vida no arraial, quando o bravo Felisberto se pôs rumo ao Tijuco (atual Diamantina) com apreciavel carregamento de ouro. (1). Lá, fez-se contratador de diamantes,

(1) Referindo-se á saída de Felisberto, das Minas de Paracatu para o arraial do Tejuco, o sr. Rodrigo Otávio em sua obra "Felisberto Caldeira", (fls. 144/5) assim se expressa: — "Por êsse tempo, chegou a Felisberto notícia de que iam em grande desmoralização os negocios do contrato dos dia-

caracterizam suas adjacências, delas fornecendo informes a vários bandeirantes paulistas e baianos. A verdade, porem, foi que a notícia de nossas minas se espalhou — com tal vertiginosidade, que não tardou que um de seus roteiros chegasse ás mãos do intemerato sertanista José Rodrigues Fróis, que aquí veio ter, ao mesmo tempo que os irmãos Caldeiras. Por um deslise de orientação e devido a semelhança e aparências dos acidentes geográficos de que estava de posse, Fróis alcançou as nascentes do Córrego S. Domingos, a dois quilômetros do cobiçado Córrego Rico, de cujas minas haviam se apossado os audaciosos irmãos Caldeiras.

A exuberância do ouro encontrado alí por Fróis, convenceu-o de que havia, realmente, atingido as desejadas minas. E tratou logo de recheiar seus surrões, enquanto os Caldeiras, senhores dos mananciais do Córrego Rico, cuidavam, tranqüilos, da exploração de suas minas e ao mesmo tempo de estabelecer as bases de uma povoação que mais tarde, viria chamar-se Paracatú.

Assim que as bandeiras se radicavam ao nosso solo, cada um dos seus componentes procurava assenhorear-se das possibilidades que lhes poderiam oferecer as regiões adjacentes, tomando todos pleno conhecimento da terra. Não tardou, dêsse modo, — reza a tradição — que componentes da bandeira dos Caldeiras avistassem o abarracamento de Fróis. A insidiosa nova chegou, celere, aos ouvidos de Felisberto. E o ódio de que se achou possuido, ao certificar-se daquela perigosa intrusão, cresceu, assomou-se de tal forma, que a possibilidade de um conflito entre as duas bandeiras se estabelecia fremente, açulada pela ação encorajadora de cada um de seus membros. Esta foi a consequência lógica da estreita distância que as separava: a defesa do direito de predomínio, mútuamente ameaçado.

Antes, porém, que o sangue decidisse sôbre a sorte das bandeiras, resolveram seus chefes entrar em entendimentos pessoais. A índole pacífica de seus fundadores sobre-pôs-se aos ânimos acirrados de seus exaltados comparsas não permitindo

Fundo Oliveira Mello/Cod.831/Acervo Arquivo Público de Paracatu

arrematando a sua exploração, sob o contrato de depositar as pedras que fosse encontrando nos cofres da Intendência, onde se achava, igualmente, o ouro que levara de nossas minas. Uma suposta violação dos cofres, levou o nosso herói à mais vexatória ruina. Perdeu, assim, Felisberto, tôda sua fortuna, fruto de impereciveis esforços e sacrificios inauditos. Arrefeceu-se, assim, a auréola que lhe circundava o espírito aventureiro. E como uma desventura está sempre ao lado de outras, o infame Ouvidor José Pinto de Morais Bacelar arremessou sôbre os ombros de Felisberto responsabilidades por que não devia êle responder. Durante anos, o nosso descobridor vagou de cárcere em cárcere de cela em cela nos mais hediondos

mantes do Tejuco . . . " " . . . que, afinal, resolveu partir com a fa[illegible] lia para o Tejuco."

"A José Rodrigues Fróis ficou destinada a permanencia em Pyracatú. Era pelo ano da graça de 1744. . . " .

Posteriormente, em 1910, baseado certamente na afirmativa de Rodrigo Otavio, o sr. Olimpio Gonzaga, em sua "Memoria Historica", (fls. 7) diz textualmente: — Pelo ano de 1743, Felisberto Caldeira, com os seus, resolveu partir para o Tejuco (hoje Diamantina)....".

Ambos os autores se enganaram quanto ao ano em que Felisberto deixou o arraial de Santana. Em 1746 era êle ainda aquí, procurador de uma Irmandade religiosa, conforme se vê às fls. v/6 de um "Trazlado dos auttos de embargo", de que era Felisberto testemunha e do qual destacamos o tópico abaixo para comprovar o exposto:— "... que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e sette centos e quarenta e seis anos aos vinte e dois dias do mez de Agosto do ditto anno, neste arraial de Sam Luiz e Santa Anna minas de Paracatú (e não Pyracatú), em casa de morada de mim... ao deante nomiado apareceram presentes os Irmãos de Meza da Confraria de Santa Anna, que actualmente servem o Senhor Juiz José Rodrigues Fróis — Escrivam o Capitam Thomaz Francisco Xavier — Thezoureiro o ... Pedro Gomes Lino, Procurador o CAPITAM FELISBERTO CALDEIRA BRANT, TODOS MORADORES NESTE ARRAIAL e pessoas reconhecidas de mim Tabeliam...

ergástulos do Brasil e de Portugal, até que a morte o libertou do Mundo, uma semana após haver grangeado a liberdade entre os homens.

Felisberto Caldeira Brant faleceu em Lisbôa, a 7 de Novembro de 1755.

Pouco depois do derradeiro adeus de seu marido, não resistindo ao tremendo golpe, à miseria e à injustiça da côrte, D. Branca cerrava os olhos ao mundo.

A saída de Felisberto das minas de Santana, abriu novas perspectivas à vida de José Rodrigues Fróis, Assumindo a direção suprema do arraial, cuidou, sem demora, de fazer ciente da descoberta ao então Governador da Capitania, Gomes Freire de Andrade que, por sua vez, a divulgou por todos os quadrantes da próspera capitania. Como recompensa, não tardou a ser Fróis agraciado com o titulo de Capitão-Mór e Distribuidor das Minas recém-descobertas. E várias levas de aventureiros aquí vieram ter, vadeando rios, transpondo serras, varando matas. Foi vertiginoso o desenvolvimento do arraial, ao lado da opulência, do luxo, do capricho e do orgulho. Teve início, àquela época, a seleção de classes, ainda hoje conservada com desvelado carinho, pelos atuais filhos da velha terra de São Luiz de Santa Ana e Minas de Paracatú do Principe.

A concepção seletiva de então, deu origem à construção de templos católicos para as celebrações espirituais das diversas comunhões cristãs, entre as castas sociais.

Os bracos erigiram a Matriz, aonde sòmente êles tinham

O mesmo documento faz repetidas referências a Joaquim (Joakim), Contado e Sebastião (Sebastiam) Caldeira Brant, bem como a Pedro, irmão de José Rodrigues Fróis.

O fato de haver Felisberto exercido as funções de procurador de uma Irmandade religiosa, parece declinar o prestígio do descobridor das minas de Santana. Tudo indica que a tradição foi que lhe emprestou essa honra, a que sua memória, a custo, vem arrastando através da história.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

acesso. Surgiram o Amparo e a Abadia dos mulatos e cafusos. O Rosário apareceu sob os auspícios dos crioulos, ficando a velha capela de Santana relegada aos negros.

Se a seleção se estabelecue tão austeramente à presença de Deus, nos templos, claro que deveria estender-se, imperturbavel, às relações familiares. Mas a verdade, é que as suntuosidades se ostentavam em tôdas as classes. O ouro não era peculiar a ninguém, mas o explendor comum a todos. As senhoras mandavam vir da Côrte as suas vestes e os seus adôrnos, sem cogitar dos preços que lhes custavam.

Às festas, de suas castas, compareciam mulatas e cafusas ostentando dixes e braceletes finos, e custosos colares de ouro, com interminaveis voltas a cairem-lhes do colo aos seios. Ricos tabelimãs, cravejados de pedras preciosas, cintilavam nas golas dos seus vestidos, enquanto na carapinha reluzia ouro em pó, espargido sôbre o óleo que detinha seus fios rebeldes. Os galanteios e declarações de amôr, naquela época, eram simbolizados pelo ouro atirado à mulher cortejada, no meio dos salões, durante as contradansas.

Os varões trajavam rigorosamente á Luiz XV.

Nos campos, a lavoura ia sempre bem. Era cuidada pelos leais escravos. A produção era de tal forma abundante, que as huchas nunca estavam desprovidas, quando a nova safra vinha substituir as provisões anteriores.

Enquanto às margens das estradas erguiam-se as edificações, no alargamento do arraial, nas minas adjacentes a faina era incontida. Os terrenos auríferos eram revolvidos e os cascalhos levados a enormes tanques, onde eram lavados, desagregando-se dêles o ouro, sobejamente compensador. Dentre êsses tanques, cujos vestígios estão ainda patentes, na atualidade, destacou-se, por certo, o que foi construido pela engenharia empírica de Manoel de Bastos Neiva. Para êsse tanque, fez êle convergirem as águas do ribeirão Galinheiro, num

percurso de mais de 60 quilometros. A obra de Bastos Neiva constituiu um verdadeiro desafio às possibilidades e conhecimentos da época Vindo para as nossas minas, a convite do seu amigo José Rodrigues Fróis, aquele ousado Mestre de Campos pôs, aqui, em prática, seus conhecimentos adquiridos em grandes centros europeus. Formou-se técnico em mineração e localizava, de maneira precisa, os mananciais auríferos das circunvisinhanças do arraial, evitando, assim, que se perdesse qualquer serviço.

Vítima de sua capacidade profissional, assistiu, impávido, ao apedrejamento de sua residência pelos que se sentiam humilhados em face de suas gigantescas realizações. Indignado, retirou-se para Goiaz, em 1755, indo prosseguir nos seus triunfos em Santa Luzia, onde lhe souberam acatar os méritos.

Assim corria a vida pelo arraial de São Luiz de Santana, quando o Reino decidiu chamar a si o contrôle das minas, entregues até então, ao autocrata José Rodrigues Fróis. O Governo de S.M.D José I, por ordem do onipotente Conde de Oeiras e futuro Marquês de Pombal, o poderoso Sr. Sebastião José de Carvalho e Melo, às nossas minas anexou São Romão, sob a denominação de "Distrito de Santo Antonio da Manga do Pyracatú do Principe". Mais tarde, foram elas adstritas à Comarca de Sabará, como medida de accessibilidade à cobrança do Quinto, de que eram encarregadas as casas de fundição, sob contrôle real.

Afim de evitar a evasão do ouro, destas longínquas minas, inúmeros postos de fiscalizaçao foram estabelecidos nos arredores do arraial, em diversas distâncias, passando os seus encarregados em revista todos os viandantes ou tropeiros que transitavam por essas paragens. Esses postos subsistiram durante largos anos, sendo encontrados em 1819 por Auguste de

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Saint—Hilaire, (1) célebre naturalista francês, que a um dêles assim se refere: "Perto de Santa Izabel, foi construida a casinhola onde estabeleceram um posto de militares do regimento de cavalaria de Villa-Rica: foi lá que me apeei. Mostrei meus papeis ao cabo que comandava o posto e fui por elle muito bem acolhido. O posto compauha-se apenas de dois soldados tirados de um destacamento de nove homens acantonados em Paracatú. Estes militares eram encarregados de verificar todos os fardos e volumes provenientes de Goyaz, afim de se certificarem se não continham diamantes e ouro em pó. Deviam impedir também que se passassem as piastras (2) da Hespanha, sem o cunho das armas de Portugal, que o Govêrno por uma fraude indigna, mandava por nessas moedas, elevando-as, após tal formalidade, de 780 réis (4 fr. 88 c.), seu valor real, ao valor fictício de 960 reis (6 fr.)"

"O posto de Santa Izabel tinha ainda outro destino: aí obrigava-se a pagar um direito de 375 reis (2 fr. 24 c.) por arroba, sobre todas as mercadorias sahidas de Coyaz para serem vendidas em Minas Geraes".

Deve-se notar, entretanto, que essa medida do então Conde de Oeiras, não visava melindrar aos nossos habitantes. Fazia parte do seu plano político, concorrendo poderosamente para a reforma econômica em que se achava empenhado o reino.

Teve início, aquela época, o periodo negro determinado pelas oposições religiosas, com o consentimento de Clemente XIII, devido ao choque então havido entre o Govêrno português e a Igreja Católica, que resultou no sequestro dos bens da opulenta Companhia de Jesús e no seu expulgo do reino e co-

(1) Viagens às Nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goyaz — 1819 — Tomo I — pag. 252.

(2) Moeda de prata, originária da Itália e usada em diversos paises, em diferentes valores.

lonias. Subjugados aos caprichos de Sebastiãq José de Carvalho e Melo, mais tarde Clemente XIV, em sua famosa bula 'Dominus ac redemptor" suprimiu a grande Ordem, "a bem da Cristandade e dos interêsses da Igreja" (1).

A repercussão dêsses distúrbios políticos ocorridos no Velho Mundo fez-se sentir, de modo temerário, no opulento distrito de "Santo Antonio da Manga do Pyracatú do Principe". Pouco antes havia chegado aqui D. Luiz de Santa Tecipe", bispo de Pernambuco, trazendo vários secretas do insidioso Tribunal de Inquisição de Lisbôa, afim de disseminá-los pelas paróquias de sua diocese. Tiveram então, início, no distrito, as revoltantes atividades do Tribunal, que tanto sangue fez correr na terra dos Caldeiras.

Tão rápida foi a ação de D. Luiz, quão pronta a sua repulsão, por parte de quantos se achavam divorciados da religião. E a vingança aflorou à lembrança dos acusados, como consequência da opressão. D. Luiz teve o "Lacrima christi" envenenado, quando celebrava a Missa do dia 12 de dezembro de 1750, no Igreja Matriz. Poucos momentos depois, S. Excia. Revma. dava a vida em holocausto aos seus deveres e virtudes sacerdotais. Encontrou a morte quando servia a Deus, procurando repôr no caminho da religião almas transviadas pelo pecado. O inquérito aberto para elucidar o crime foi improficuo: não bastou para positivar o culpado. A Antônio José de Aranjo foi imputada a culpabilidade do crime, devido mais à sua inoportuna fuga do distrito, do que mesmo às provas coligidas. O Tribunal do Santo Ofício, sediado nas proximidades da Igreja Matriz, não podendo queimá-lo em pessôa, o fez simbólicamente na caracterização de um boneco, na presença de quantos, no arraial, repudiavam os dógmas da Igreja Católica Apostólica Romana. Êsses episó-

(1) Rocha Pombo — História do Brasil — pag. 314

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

dios puseram em alvorôço as autoridades locais e não passaram de impotência do terror, pretendendo sobrepor-se à fé.

Se não foi Antônio José de Araújo, evidentemente, o responsável pela morte de D. Luiz, a sua imagem inaugurava aqui, a formidável ação saneadora do malsinado Tribunal, que tantas vítimas fez no arraial nascente. Dentre os milhares de heréges que tiveram a mesma sorte do suposto assassino de D. Luiz, figuravam vultos eminentes, cujos nomes, vencendo os anos, nos chegaram a nós, através de tradições, como certificado precito da Inquisição — página negra que a Igreja Católica traçou nos anais da sua história, em pleno século XVII.

CAPITULO II

O Vocábulo Paracatú

À glotologia falacem recursos para determinar, com precisão, a formação dos idiomas indígenas, mesmo no seu período histórico. José de Anchieta foi quem primeiro se lenbrou de enfeixar num volume os vocábulos usados pelos gentíos americanos. A obra do grande missionário não logrou, no entanto, desenvolver-se a ponto de constituir fonte segura às prescrutações do passado, em face das necessidades do presente.

Tudo, porém, induz-nos a crer que a linguagem dos nossos ancestrais vermelhos seja de origem ùltimamente onomatopáica, dado o espírito de imitação do nosso gentío. Aproximando tanto quanto possivel, as suas expressões da realidade de suas observações, é natural que aquêles bárbaros tivessem no transcurso dos séculos, constituido a sua linguagem facil e intuitiva. O vocábulo Paracatú surgiu, assim, indeciso, no emaranhado dessas conjecturas. Os grupos silábicos constitutivos da palavra, (pirá e catú), integram-se na significação de

peixe saboroso, É de estranhar-se a razão de ser dessa designação bucólica, de vez que os peixes desta zona não possuem sabor diferente dos de outras regiões.

O desdobramento do vocábulo constitui, contudo, certificado preponderante em pról da origem onomatopáica do Tupi—Guaraní.

Aceitando-se a versão corrente em tôrno da palavra, tem-se a lastimar a intromissão da corruptela, que roubou à expressão indígena a originalidade de sua significação.

CAPITULO III

Povoamento da Zona rural do território. Formação e desenvolvimento de novos núcleos

Após o descobrimento de nossas minas pelos sertanistas Rodrigues Fróis e Caldeira Brant, deu-se início à ocupação da zona rural do território, a princípio, por elementos integrantes das bandeiras descobridoras. A necessidade de lavrar a terra foi o principal fator a arremessar ás matas próximas ao arraial grande número dêsses homens destemidos. A cobiça fê-los senhores de dilatados domínios. Tornaram-se grandes proprietários. Surgiram, então, os sítios, edificados nas melhores regiões circumvizinhas do povoado. Como foram sempre abundantes as colheitas, o trabalho e os esforços dos primeiros cultivadores do solo paracatuense tornaram-se largamente compensadores, o que resultou em prejuizo de inúmeros braços, até então entregues aos árduos labores da mineração. Devido a isso, jàmais se re entiu da falta de viveres, no povoado nascente.

Os primeiros amanhadores de nossas terras assenhorearam-se de enormes pertenças, delimitadas imaginàriamente ao

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

sabôr de suas insaciáveis ambições. Foram, assim, impelidos para o interior do território aquêles que, posteriormente, alimentavam o mesmo desejo de posse. A expansão territorial não comportava conflitos. Novos domínios se estabeleceram, suscessivamente, além das delimitações imaginárias, fixadas pelos primeiros senhorios. Êsse fato explica a largueza das propriedades rurais, ainda hoje existentes no município, não obstante as desanexações sofridas, em virtude de alienações e heranças sucessivas. Mau grado as fixações convencionais, as circumvizinhanças do arraial despertavam, de tal modo, a ambição de nosso homem rural, que inúmeras pequenas propriedades foram se engastando em "terrenos alheios", de forma a darem lugar à formação de vários núcleos de população, que circundavam o então arraial de São Luiz do Santana e Minas do Pyracatú do Principe.

Nenhum dêsses povoados logrou, siquer, manter a pujança e o arrôjo de seu aparecimento. Quase todos ficaram reduzidos a escombros, como certificados lúgubres das áureas épocas de suas fulgurações. O tempo a tudo submerge e o passado fica, quase sempre, responsável pela gloria efêmera, que não se perpetuou. Os terrenos contíguos às regiões auríferas são estéreis: inteiramente inacessiveis às plantações. Êsse fato determina a inutilidade das terras que margeiam as cabeceiras do Córrego Rico. Nunca foram elas, por isso, veementemente disputadas.

Mas o nosso homen rural foi bastante inteligente ao localizar suas moradias. Escolheu, para isso, as regiões que podiam atender, de pronto, às necessidades que o rodeavam e estabeleceu-se, definitivamente, onde lhe pareceu conveniente. Cercou a fossos e com a ajuda valiosa dos acidentes geográficos parte de "suas" terras. Em pouco tempo, uma área de vários milhares de quilômetros quadrados estava literalmente ocupada e servia aos rebanhos de bovinos já existentes.

Vê-se, dêsse modo, que a ocupação da nossa Zona rural

verificou-se ao mesmo tempo que se desenvolvia o arraial, seguindo-lhe o mesmo rítmo de acelerada e incontida evolução.

Á medida que essas propriedades se distanciavam do arraial, mais cresciam as possibilidades do estabelecimento de novos núcleos de população. Muita vez, porém, êsses núcleos surgiram empìricamente, ou motivados por fatores secundários, á maneira de uma grande cidade do nordeste brasileiro, que emergiu em torno de uma venda de molhados.

Em uma das cabeceiras do Córrego Rico, no local em que se erigiu uma capela, apareceu o arraial de São Gonçalo.

Dêsse núcleo nenhum vestígio existe hoje.

O arraial de São Luiz surgiu, ao N., sob os auspícios de Frei André Diniz; que mais tarde se fez seu pároco. Desapareceu, tempos depois; dêle não há lembrança entre a geração presente.

Saint-Hilaire dá notícia de um arraial, em 1819, nas proximidades das fazendas Monjolos e Lavras; trata-se, possìvelmente do arraial de São Luiz. Assim se expressa êle:— "Monjolos, (1) logar onde me apeei, é uma espécie de pequeno povoado de algumas casinholas esparsas num vallão, ás margens de um corrego, e habitado por negros creoulos e livres".

A dois quilômetros do arraial de São Luiz do Santana, na sua parte N., existe ainda, em plena decadência, o povoado de São Domingos, cujas bases foram assentadas por José Rodrigues Fróis. Nos primeiros anos de sua fundação, foi tal o seu desenvolvimento, que o arraial de São Luiz de Sant na sentiu-se sèriamente eclipsado pela pujança do grande núcleo

No Morro da Cruz das Almas, ergueu-se, pouco depois, outro povoado, sob o patrocínio do Padre Domingos de Castro Guimarões. Se bem que não pudesse êle competir-se com

(1) A palavra Monjolos designa uma tribu de negros africanos.

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

os demais, logrou, entretanto, vida longa. Encontrou ainda a geração presente acentuados escombros e vestígios de suas antigas habitações.

Tiveram origem, na mesma época, os arraiais de S. Sebastião e Augustinho, fundados por Deodósio Duarte Coimbra. Contam que se tornou logo senhor intemerato de tôda aquela região. (1) A fertilidade do solo dos arredores de alguns dos arraiais nascentes determinou, sem dúvida, a vertiginosidade do seu desenvolvimento. Daí os choques de interesses originando conflitos. Vários delitos verificaram-se alí, sendo apontado como responsável pela maioria dêles o seu despótico fundador. Não obstante essas dissidências, os arraiais cresceram, fulguraram e tiveram a sua história escrita com o sangue de quantos lhes disputavam a soberania.

Em consequência dêsses choques de interêsses deixaram os arraiais, tão ardorosamente disputados, as famílias Pinto Rabêlo, Afonsêca Silva e Martins Ferreira, e foram fundar

(1) Contam, a propósito do autocrata Deodósio, personagem de alto coturno, em cujas veias corria acentuado sangue de drago, que durante a sua Vida de déspota, todos os que transitassem pelos seus infiltráveis domínios, eram obrigados a zumbrir-se perante êle, trazendo de-baixo dos braços seus chapéus, ao passarem pela sua porta. Deviam, ainda, êsses incautos transeuntes, de joelhos, solicitar-lhe permissão para trazer ao arraial de São Luíz de Santana os produtos de suas colheitas. Os preços de venda dêsses produtos eram taxados pelo excelso senhor, não podendo, em circunstância alguma, ser vendidos á sua revelia.

Isso demonstra a que altura pode o curo elevar um homem rústico; cujos cabedais superaram as mais avultadas posses de que há notícia no sertão, nos últimos anos do século XVIII.

Embora não seja possível precisar o ano exato de seu falecimento, sabe-se que ocorrera anteriormente a 1803. Naquele ano, D. João VI confirmava no "Posto de Capitão da Quarta Companhia do Regimento de Infantaria de Millicias do Continente de Piracatú, o Sr. José Pimentel Barbosa, do qual posto foi Coronel Deodozio Duarte Coimbra". — José Gregorio Moraes Navarro — Registro de Patentes de Officiaes" fls. v/4.

pouco além, novos núcleos, a que denominaram Pitúba e Santo Antonio da Lagôa. Este último logrou desenvolver-se tanto, que chegou ofuscar até mesmo o arraial de São Luiz de Santana.

Além dêsses, vários outros pequenos núcleos surgiram e desapareceram no território; dêstes, poucos vestígios subsistem. O tempo submergiu a todos, cumprindo sua ação destruidora.

CAPITULO IV

Tríbus indígenas. Sua contribuição no desenvolvimento do Município

Quando as caravelas destemidas de Cabral tocaram as terras do Novo Mundo, os aborígenes da gigantesca Ilha de Vera Cruz iniciaram a sua grande marcha para o Oeste. Pretendiam, tão sòmente, fugir aos rigores a êles impostos, como um tributo exigido pelos vencedores aos vencidos.

Crentes de que "super-homens, vindos do outro lado do mar" os dominariam um dia, os nossos naturais receberam com respeito e veneração, num misto de terror, os audaciosos enviados de D. Manoel, que vieram descobrir o Brasil, por acaso. Dêles aproximaram-se, humildes, os nossos selvícolas; ofereceram-lhes, servilmente, os hábitos e os costumes. Puseram-nos em contacto com a terra e, conseqüentemente, com algumas de suas possibilidades, e partiram.

O litoral brasileiro era, assim, pelo menos no século XV, habitado por homens selvagens, ignorando-se se eram autóctones, ou imigrados de outros continentes. A primeira vista, supuseram os navegadores fossem os seus hospedeiros constituidos por uma única raça, dividida em tribus e estas disseminadas pelas novas terras.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Os caracteristicos fisionômicos, os hábitos e os costumes observados, constituiram pègadas seguras que levaram, posteriormente, os etnógrafos a classificar o nosso gêntio em quatro grandes grupos ou nações, além de inúmeras outras menos importantes, sufocadas, sucessivamente, pela pujança dos grupos predominantes. Mas é verdade que na época do descobrimento do Brasil, centenas de tribus perambulavam pelas suas matas, desde remotos tempos.

A carência de documentos nunca permitiu caracterizar-se a raça dos aborígenes existentes no território paracatuense, na época em que foram desbravados êstes sertões. Provas esparsas conduzem-nos á crença de que algumas famílias descendentes dos tupís puros, foram os nossos primitivos habitantes. Devem elas haver aquí chegado por ocasião da tríplice migração, empreendida pela valorosa nação, no alvorecer do século XVI. Crendo-se nessa hipótese e tendo-se em vista que, ao emigrarem, essas raças seguiram a direção Oeste do Continente, somos impelidos a crer, do mesmo modo, que aquí habitaram os valorosos Chiriguanos e Guaraios, pertencentes á família dos Guaranís, cuja bravura foi imortalizada pelo grande Gonçalves Dias, o maior dos cantores indígenas de todos os tempos.

Contràriamente, porém, a essas hipotéticas asserções, manifestaram-se vários etnologistas, afirmando haverem habitado o centro do continente os ferozes Gês, ou Tapúias, que constituiram sempre o terror de nossos colonizadores, pela sua temeridade, intrepidez e inservilidade. Dessa grande nação, fazem parte os bravos Aimorés, que se instalaram, comodamente, no vale do Rio Doce; os Xavantes, que, indo mais além, ainda hoje habitam o alto Araguaia, onde se bateram com os Carajás, até expulsá-los da região.

Há ainda quem afirme — e é essa a versão mais concreta — haverem os Quiriris (Kiriris) habitado a região N. do

São Francisco e seus afluentes. Sendo essa suposição mais a cessível ás nossas prescrutações, podemos afirmar que foram êles (representantes de uma nação. não classificada) os nossos verdadeiros ancestrais indígenas.

Várias outras tribus, se aquí não vieram ter, pelo menos, avizinharam-se bastante do nosso território. Dentre elas, destacam-se os Acuens, radicados em Goiaz e integrantes da grande família dos Gês.

Devido, certamente, aos choques havidos entre várias famílias dos nossos aborígenes, ou a outro fator qualquer, disseminaram-se êles, de tal modo, pelo continente, que somos levados a admitir o homem ecumênico, preceituado pela Igreja, e habitando igualmente o mundo civilizado e o desconhecido.

O espírito rústico de vários de nossos exploradores, no começo do século XVI, enriqueceu, sobejamente, a teratologia da época, escrevendo nela páginas palpitantes, que fizeram tremer aos seus coetanos europeus, dotados de infinita credulidade, compreensão tacanha e insensatez descomunal.

O ciclope, "monstro senhor da terra onde habita, de um único ôlho, capaz de liquidar os viandantes e aventureiros", criado pela crença ingênua dos fenícios, foi patenteado no Brasil, pela imaginação perniciosa de indesejáveis intrusos que aportaram à terra de Cabral.

Conta-nos Afonso Arinos de Melo Franco (1) que o Padre Cristoval de Acuna falava da existência, aquí, de gigantes de 16 palmos de altura, bem como de homens de pés voltados para trás, tudo isso no mais acintoso desrespeito á complexidade inteiramente normal do nosso gêntio.

Graças, porém, aos Jesuitas, essas mentiras desfizeram-se entre os aulicos do Velho Mundo.

Em Paracatú, como em várias localidades brasileiras, encon-

(1) "O Indio Brasileiro e a Revolução Francêsa"

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

tram-se ainda acentuados vestígios de habitações indígenas, certificando a sua remota existência no território do município. Embora não seja possível localizar êsses centros, sabe-se que algumas tríbus habitaram a bacia do Rio Preto, em cujas margens encontra-se a chamada "Gruta do Gentío", onde se fixaram possívelmente os Quiriris. Conta-se que aquêles selvícolas não cessavam de atacar as expedições que por lá passavam, em qualquer direção, subtraindo-lhes tudo que conduziam e matando, após, a todos os que não conseguiam fugir-lhes ás garras sanguinárias. Certa vez, ao assaltarem uma caravana, foram vítimas de formidável moléstia. (provàvelmente a bexiga), da qual pereceu quasi tôda a tribu, escapando, apenas, algumas mulheres que ficaram como ancilas de famílias então radicadas naquelas regiões.

Êsse fato ocorreu no último quartel do século XVIII.

Embora tenham sido encontrados diversos objetos pertencentes aos nossos gentíos, em várias localidades do município, nunca se pôde localizar em seu território outra habitação indígena, de vez que êsses objetos foram apanhados em locais inteiramente inacessíveis a qualquer habitação.

Na fazenda "Bôa-Sorte", alguns trabalhadores deram, há pouco, numa excavação, com enorme panela de barro, que não é sinão a famosa igaçaba, usada pelos Tupis e destinada a conter os cadáveres, ao serem levados ao muladar ou á tibicoera. (2).

Fugindo de — certo, ao cativeiro ou impelido por outra circunstância qualquer, parece que nosso indígena deixou o território paracatuense, logo após a expansão de seus colonizadores pelo interior das novas terras.

Quasi nula foi, dêsse modo, a contribuição do elemento indígena no desenvolvimento do município. Não há mesmo

(2) Cemitério indigena.

notícia do braço vermelho na construção de nosso patrimônio rural.

Sabe-se, no entanto, que Felisberto Caldeira e Rodrigues Fróis serviram-se. na exploração do ouro, dos poucos elementos que trouxeram em suas bandeiras, como auxiliares de pouca confiança e máus serviços.

Do elemento indígena, restam-nos, apenas, as denominações dadas á maioria dos nossos acidentes geográficos. Foi tudo quanto nos legaram nossos ancestrais vermelhos.

CAPITULO V

CONTRIBUIÇÃO DO ELEMENTO AFRICANO NO DEVASSAMENTO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO

O segundo quartel do século XV assinalou, indubitavelmente uma época de terror para os povos africanos. Iniciou-a o desditoso Gil Eanes que, ao transpor o Cabo Bojador, fez extender à Africa a insidiosa mercantilização do homem, roubando-lhe a liberdade e transportando-o, agrilhoado, a outras terras, sem o menor respeito a Deus e sem temor algum de sua conciência.

O Infante D. Henrique, ao certificar-se da insensatez do seu grande navegador, fêz-lhe repatriar os infelizes homens levados aos mercados europeus. Dispôs-se S.A. Real a não consentir que Portugal abrisse ao mundo as cortinas negras da escravatura.

Mau grado a vontade do Infante, porém, á Península Ibérica coube a vergonha da infamante mercantilização humana.

Para o Brasil, os primeiros negros escravizados foram trazidos em 1568, por Martim Afonso de Souza, em obediência às ordens de Salvador Correia de Sá. Não tardou, porém, que o exemplo fôsse seguido por João Gutierrez Valério.

Fundo Oliveira Mello/Cod.1831/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Não sendo possível enquadrar-se em um gráfico estatístico a quantidade de africanos desembarcados no Brasil durante o insidioso tráfico, pode-se, afirmar, no entanto, que, no periodo compreendido entre 1759 e 1852 aportaram á antiga terra de Santa Cruz, cerca de três milhões de escravos. Vendidos nos cáis, á escolha ou arrematados em leilões, essas indigitadas criaturas foram levadas para o interior do país, sem a menor esperança de regressarem á terra de origem.

O domínio de Portugal sôbre Angola, Moçambique e Bengala concorreu poderosamente para incrementar o tráfico negro para o Brasil Colônia. Inúmeros foram, também, os escravos vindos de Guiné, São Tomé e Ano-Bom. Mas os negros da região N. da Africa (Congo), dóceis e serviçais, eram preferidos aos demais para os misteres domésticos, segundo afirmou João Ribeiro.

Distante, embora, da costa atlântica, Paracatú, desde a época do devassamento de seu território, recebeu apreciáveis contingentes de africanos. Vieram os primeiros, integrando as caravanas de Rodrigues Fróis e Felisberto Caldeira, como servos fiéis e elementos indispensáveis aos árduos labores a que se entregaram as bandeiras. Desde então, enorme, inigualável, foi o transcendental concurso do negro na formação material e constituição étnico-social do grande território.

O calçamento rústico, mas eficiente, de quasi tôdas as nossas ruas e praças, foi obra dos africanos; os gigantescos templos e residências particulares são certificados incontestes da ação negra na edificação da cidade. As obras de arte constatadas nos altares de algumas de nossas igrejas, revelam a intuição artística de alguns dêsses escravos.

Graças ás disposições constitucionais do Primeiro Império, tolerando, apenas, o culto doméstico de qualquer religião que não fôsse a do Estado, os indigitados filhos de Alá, no Brasil, foram esquecendo o bárbaro fetichismo, cujos ritos eram

celebrados, noites altas, no interior de suas miseráveis residências, sem o menor conforto e "após o estafante e embrutecedor trabalho diurnal no eito, no engenho, nas fazendas e estâncias no próprio recesso das senzalas promíscuas, ou no terreiro delas".

Diante da intervenção do Estado, o sacerdócio iorubano foi destituido da vida civil de seus cultores, de vez que os atos religiosos eram regulados por leis, no país.

Quando a Constituição de 1891 permitiu o exercício livre de práticas religiosas, os nossos africanos já se haviam identificado ao culto católico. Poucos se lembravam dos "xangôes", da "macumba", dos "candoblês" e suas comprometedoras ramificações pela medicina e práticas homeopáticas. Daí, a nulidade da influência religiosa legada pelo elemento africano no Brasil, particularmente em Paracatu, onde o catolicismo sempre vicejou ruidoso e triunfante. Como últimas reminiscências de sua terra natal, os negros celebraram sempre, entre nós, festas tipicamente africanas, como o congado e o batuque, para o que contaram sempre com a ajuda dos senhores e, não raro, com a sua admiração.

O curandeirismo que o negro trouxe da África, patronado por São Lazaro, era "devido, na opinião de Edson Carneiro, à miséria em que vivia a maioria dos negros, cujo único confôrto talvez fôsse mesmo o de Ômulú, santo que os previne contra a bexiga e outras moléstias que lhes afetam a pele".

Em Paracatú, como no nordeste do Brasil e demais regiões onde a escravidão foi ampla, nota-se a influência das velhas mães-pretas na educação das crianças, entretendo-lhes a vigília com interminável resenha de lendas, das quais nos legaram inúmeros vocábulos africanos. A sua poesia rústica mas expressiva foi, cuidadosamente, recolhida às páginas do nosso folclore.

É lamentável que para Minas tenha vindo o maior con-

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

tingente de negros sub-equatoriais de Angola e Congo — de vez que os estudos etnográficos os tenham considerado em "gráu de civilização muito inferior aos seus irmãos sudaneses, principalmente em relação aos Nagôs e Gêges", no dizer substancioso de Reginaldo Guimarães. Conclui-se, daí, que nenhum proveito auferiu o município de Paracatu, da cultura africana, visto como nada nos puderam os negros oferecer, no campo da ciência ou das letras,

Como já dissemos alhures, desde a sua fundação verificou-se completa cisão entre as castas sociais, em Paracatu. Dêsse modo, as relações entre o elemento colonizador e os negros não bastaram para que os costumes africanos superassem os habitos europeus. Pelo contrário: êstes sobrepuseram-se àqueles, tanto quanto possível.

O concubinato entre escravas e senhores, a prostituição impune das negras donzelas e outras infâmias, praticadas pelo elemento branco, deram origem ao aparecimento do elemento mesclado, que se retirou, em sociedade à parte, ao lado dos poucos cafusos então existentes. Formou-se, assim, a classe média. O cruzamento entre os negros, assegurou a estabilidade da sub-raça, considerada inferior pela primeira e segunda castas. Tão sólidos foram os alicerces em que se apoiaram essas separações, que ainda hoje perduram, intangíveis, irreconciliáveis.

Foi essa a mais substanciosa influência do elemento negro no município.

Paracutu, em síntese cresceu embalada nos braços de sens escravos — baluartes do seu desenvolvimento material, sustentáculos da sua vida econômica

CAPITOLO VII

Procednêcia dos primeiros povoadores do Município

Os fins do século XVII e princípios do XVIII foram as-

sinalados, efetivamente, pelas inumeras entradas e bandeiras, iniciadoras da grando Marcha para o Oéste — um dos postulados nacionais, — de que tanto se fala na atualidade.

Ávidos de encontrar as riquezas que souberam existirem no interior do país, milhares de aventureiros deixaram o litoral e rumaram para os sertões, em busca da fortuna e, conseqüentemente, de melhores dias. Outros embrehavam-se pelos sertões a cata de índios para a escravidão. Embalados por êsses sonhos e vindos de rumos opostos, aquí chegaram ao mesmo tempo nossos bravos descobridores. O primeiro, partindo da Bahia, sua terra natal, tinha a sua bandeira composta de elementos roubados à antiga Capitania de que era donatário Francisco Pereira Coutinho. O segundo, procedente de S. Paulo, fez-se acompanhar de apreciável contingente de escravos e de numerosos filhos da prospera capitania de S. Vicente. Baianos e paulistas foram, pois, os nossos primeiros povoadores. Conhecida a exuberância de nossas minas, como já dissemos alhures, aquí chegaram inúmeros grupos avulsos de exploradores, vindos de todos os rincões da grande terra.

Saint-Hilaire, referindo-se ás nossas minas, afirmou que, com a notícia do ouro aquí existente, cêrca de doze mil habitantes das margens ocidentais do rio S. Francisco aqui vieram ter, entregando-se, grande parte dessas pessôas, á exploração do ouro. dedicando-se outros á cultura do solo.

A auspiciosa notícia chegou, célere, ao litoral, não tardando aquí chegarem grandes levas de capichabas, que se serviram dos caminhos abertos por Alchorne, às margens do Rio Dôce. Embora não disponhamos de elementos para enumerar as primeiras e principais familias do município, cumpre-nos destacar, além, dos Caldeiras e Fróis, os Coelho Guimarães, Pinto de Queirós, Silva Canedo, Albernaz, Avelino Pereira de Castro, Araújo Caldas, Moura Brochado, Si-

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

mões da Cunha, Melo Franco, Afonseca e Silva, Martins Ferreira, Pinto Rabelo e Reis Calçado.

Em pouco tempo, paulistas, baianos, mineiros e capichabas formaram a grande famíiia paracatuense.

A fase intensa do povoamento de Paracatú verificou-se entre os anos de 1735 e 1750.

O povoamento dos nossos distritos não teve por causa determinante o fator que deu origem à séde municipal. Verificou-se circunstanciado pelas distâncias, sendo suas criações devidas, exclusivamente, aos poderes públicos e influências políticas.

Os povoadores dos nossos distritos, como da séde municipal, foram todos brasileiros natos. Não há notícia de estrangeiros, além dos escravos, na colonização do nosso território. Paracatú tem, por isso, a primazia de ser a mais brasileira das regiões brasileiras. Possui, na atualidade, além da séde do município, cinco prósperos distritos, disseminados pelo seu vasto território, aos quais nos referiremos alhures.

CAPITULO VII

LINHAS GERAIS DA EVOLUÇÃO SOCIAL

Não obstante sua caprichosa situação geográfica, devido ao seu isolamento, Paracatú evoluiu sempre. A sua sociedade acompanhou-lhe, em todos os tempos, o acelerado ritmo de seu desenvolvimento, ao lado dos grandes centros, votando, no entanto, o mais acrisolado respeito às suas tradições e aos costumes de seus antepassados.

Difícilmente se pode conceber com que habilidade o paracatuense soube sempre conciliar duas épocas de mentalidades antagônicas, sem prejuizo de nenhuma delas. O passado e o presente harmonizaram-se milagrosamente no espírito de

nosso povo. Os deveres sociais dos nossos avós, são ainda conservados, indeléveis, pela geração hodierna. Os festejos nupciais são testemunhas frisantes dessa afirmativa. O culto religiosc é ainda circundado por festividades, como há duzentos anos. Os foguetes durante as diversas solenidades, as honrarias conferidas aos reis, rainhas e príncipes, nas festas de S. Benedito, bastam para certificar o carinho com que se perpetuam, no município, as celebrações religiosas. É o passado invadindo o presente e arrebatando a alma do paracatuense, para transportá-la ás épocas vividas pelos seus antepassados. É o amor a velhas usanças, imperando no espírito evoluido da mocidade, que as recebe insubmissa e as perpetúa com orgulho. Essas práticas são antes um culto de saudade, um tributo de gratidão e respeito, devidos aos nossos antepassados.

O desvêlo e o luxo de que se revestem, em Paracatu, as festas sociais, aliados ao desvêlo dos que as dirigem, são provas, evidentes de que a nossa gente acompanha a marcha dos seculos. Mas o sentimentalismo não logrou desaninhar-se de sua alma sensível.

Não há negar, no entanto, que algumas crendices são ainda objeto dos cuidados de certos elementos, que não conseguiram libertar-se das últimas concepções fetichistas, que lhes chegaram pelos seus ancestrais africanos. Os seus cultores encontram-se entre os pobres de espírito, na ínfima esfera social, com raras e lamentáveis exceções. As bruxarias, o curandeirismo, as benzedeiras e as "simpatias" existem no município do mesmo modo que se encontram nos mais desenvolvidos centros. Essa mazela social, que em minguado índice, ainda persiste em Paracatu, foi o mais nefasto legado da raça negra, dos seus pais-João e inexcrupulosas mães-pretas. Em muitos casos, os senhores, donos de latifundios e possuidores de vastos cabedais, chegaram a considerar os pobres como seres inferiores, elementos despresíveis e, como tal, indignos de sua

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ções. Apenas os negocios vantajosos e, posteriormente, as eleições, impeliam-nos a se aproximarem dêsses elementos. Terminados os negocios e passados os pleitos, eram os mesmos o orgulho, o descaso, a superioridade votados á indigitada casta.

O poder público sempre esteve em suas mãos e a justiça, á merce de suas razões. Isso completava-lhes a superioridade.

E os humildes acharam sempre razoável essa supremacia. Aceitando-a sem sofreguidão, jámais bradaram contra a usurpação de seus direitos.

CAPITULO VIII

MOVIMENTO IMIGRATÓRIO

Se nos déssemos ao trabalho de organizar um quadro comparativo do movimento migratório do município, nos últimos vinte e cinco anos, teriamos que lastimar a desproporção entre as cifras indicadoras do exodo de nossa população e as que nos dessem a conhecer a insignificancia numérica da imigração, no mesmo período.

Fatores de ordem social, a que nos referimos no capítulo anterior, têm sido responsáveis pela saida, para outros lugares, de muitos filhos de Paracatu. A mocidade procurou fugir á escravidão social dos potentados soberanos da terra, sempre que foram sentindo rarefazerem-se as possibilidades de viverem independentes em sua terra natal.

A escassês de recursos pessoais e meios de subsistência têm incrementado consideràvelmente o movimento emigratorio do município. Os latifúndios impedindo a dispersão dos nossos habitantes das zonas urbanas para a rural, diminuiram, sensivelmente as nossas possibilidades.

A ausência de estabelecimentos de ensino secundário, di-

gamos de um ginasio, tem arrastado para fora do município grandes contingentes de moços que, ao terminarem seus cursos, não mais regressam á terra.

Em 1920 foi intensa a emigração do municipio, principalmente para o Estado de Goiaz, devido às possibilidades economicas. que então oferecia êle aos seus imigrantes.

Após aquela grande arrancada, de que se ressentiu profundamente o município, a nossa emigração decresceu bastantante, vindo incrementar-se, de novo, entre os anos de 1934 a 1936, movida por razões de ordem política.

A intensidade da luta chegou ao extremo de dividir a população municipal em duas grandes facções, cujos elementos se tornaram, na maioria, inimigos figadais. O partidarismo apaixonado interpôs-se, com tal veemência, entre velhas e sólidas amizades, que chegou a arrastar, em consequência, para fora do município, apreciável número de conterrâneos nossos. A inclemência da luta fez supor na impossibilidade de uma reconciliação da familia paracatuense. Mas êsse desastre não chegou a verificar-se, graças ao espírito elevado do Prefeito Romualdo Ulhôa Tomba. Correspondendo plenamente á confiança de seus correligionarios, conquistou, milagrosamente, ao mesmo tempo, a simpatia de seus antigos adversários.

Além dêsses fatores, vários outros, menos importantes, têm concorrido para o êxodo de nossa população. São os mesmos que, em todos os tempos, se teem verificado em todos os logares

Quando á imigração, embora lenta, não tem sido nula. Vários elementos, e quasi todos de elevada projeção social, radicaram-se no município, nos últimos tempos, contra pondo-se á nossa evasão, na estimativa aproximada de 10%.

Os fatores que os têm conduzido ao nosso meio são, na maioria, de ordem economica.

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

CAPITULO IX

ORGANIZAÇÃO MUNICIPAL

Pouco tempo após seu descobrimento, já Paracatú se apresentava em condições de manter-se políticamente, cabendo-lhe exigir dos poderes superiores a autonomia de sua administração, dada a vertiginosidade com que floriu e cresceu. As vistas dos seus exploradores, porém, estavam voltadas, apenas, para suas inexgotáveis minas e as atividades pessoais canalizadas, tão sómente, para o maior aproveitamento da terra. Mas o crescente desenvolvimento do arraial impôs, sem demora, a criação de um juizado de paz e de um tabelionato, a cujos aprovisionados ficaram, desde então e durante mais de meio século, afetos os atos civís inadiáveis e a pratica da justiça do arraial, irregularidade que perdurou devido, sobretudo, á grande distância da séde da comarca: Sabará.

Em 1798, D. Maria I, Rainha de Portugal, houve por bem elevar o arraial de São Luiz de Santana á categoria de Vila, denominando-a "Vila do Piracatú do Principe"; em seguida, foi nomeado o seu primeiro Ouvidor Geral, o Dr. José Gregório de Morais Navarro. que se empossou no dia 14 de Dezembro do ano seguinte. Um de seus primeiros cuidados, foi prover a eleição dos vereadores à Câmara Municipal, para o que foram escolhidos por sufrágios: (1) Os sargentos-móres Manoel José de Oliveira Guimarães e Alberto Duarte Ferreira, os capitães José da Silva Paranhos e José Pinto de Queiros, bem

(1) "Memória Histórica de Paracatú" — Infelizmente não nos foi possivel buscar, nos arquivos da nossa antiga Câmara Municipal, provas convincentes dessa afirmativa, em virtude de estarem êsses documentos em poder do Prof. Gonzaga.

como os senhores Francisco Dias Duarte e Manoel Gonçalves Bragança.

É digna da mais elogiosa referência a administração de Navarro, pela grandiosidade relativa de suas realizações à frente dos destinos da Vila, durante os longos anos de sua fecunda gestão. Dentre suas realizações, avultam:— o calçamento rústico de nossas ruas e praças; a construção de uma cadeia pública, pontes nos arredores da vila, chafarizes para abastecimento d'água e várias outras obras que ainda chegaram aos nossos dias.

Homem de ação, enérgico e decidido, Navarro procurou moldar sua administração pela aspiração do povo, consentâneo às necessidades locais, entregando-se inteiramenté à melhoria da Vila. Mesmo assim, não logrou corresponder à vontade de todos. Houve quem se abrisse em luta contra êle, pretendendo arrebatar-lhe as rédeas do govêrno municipal. Em consequência dessas fortuitas dissidências, deixou Navarro o cargo de Ouvidor Geral em 1812, após 12 anos de inestimáveis serviços prestados à nossa terra. Substituiu-o o Vigário Joaquim de Melo Franco, que fez logo sentir ao Govêrno da Capitania a necessidade da criação da Comarca de Paracatu. Três anos depois, em 17 de Maio de 1815, foi esta criada, havendo sido nomeado o seu primeiro Juiz de Direito, o Dr. Teodosio Manoel Soares de Souza.

Ao vigário Melo Franco deveu nossa terra a primeira luta política; ensinou ela á nossa gente a hostilizar o poder municipal. Vítima da sua própria obra, pouco depois viu-se obrigado a relegar a confiança que depositava nos seus próprios comparsas políticos, passando a Ouvidoria da Vila a Antônio Batista da Costa Pinto, descendente próximo de Joaquim Caldeira Brant e D. Helena Rodrigues Frois. Durante sua improfícua administração, avultaram, no município, as controvérsias partidárias instituidas pelo seu antecessor. Impossibilitado

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

de manter-se á frente dos destinos da Vila, devido á opressão adversária, pouco depois, afastava-se Costa Pinto do govêrno municipal, assumindo-o o invicto Dr. Antonio Paulino Limpo de Abreu, que conseguiu, em pouco tempo, aplacar os animos açulados do pôvo, pelos seus malogrados predecessores.

Durante sua gestão, foi jurada, em Paracatú, a Constituição do Primeiro Império do Brasil, a 23 de maio de 1824.

Passava, então, o País por radicais transformações políticas e a tôdas soube corresponder o grande Ouvidor, respeitando os seus munícipes e impondo-se ao conceito geral, pela sua obra administrativa, farta de realizações. Enquanto isso, o vigario Melo Franco fazia política, arregimentava suas fôrças e reconciliava seus funâmbulos, no desejo incontido de arrebatar, novamente, os destinos da Vila. E a vitória coroou, de novo, suas ambições. A 12 de outubro de 1826 reassumiu êle o cargo de Ouvidor Geral, circundando seu desejo de avultadas promessas, que cumpriu, em parte. Graças aos seus esforços foi Paracatú elevada a cidade, a 9 de março de 1840, ao mesmo tempo que Peçanha e Minas Novas, sendo então a 13ª em série, criada na Província de Minas, por Araújo Lima, substituto de Feijó, na Regência do Império.

CAPITULO X

SÉDE MUNICIPAL

O município de Paracatú, situado ao N.W. do Estado de Minas Gerais, está compreendido entre 17º, 13', 10'' 50 da Latitude S. e 46º, 52', 34'', 50 da Longitude W de Greenwich. Sua área territorial eleva-se a 28.000 Klms2. Limita-se; ao N. com S. Francisco, a L. com S. Romão, João Pinheiro e Presidente Olegário, ao S. com Coromandel e em tôda a sua extensão W. com o Estado de Goiaz, confinando-se com os

municípios de Catalão, Cristalina e Formosa. A altitude da séde é de 710 metros e a sua temperatura média, 21º6.

A séde municipal dista, em linha reta, 435 e 735 quilômetros de Belo-Horizonte e do Distrito Federal, respectivamente, cortando a última a cidade de Dôres do Indaiá e o município de Rio Preto, êste na divisa de Minas com o Estado do Rio.

Dentre os itinerários que mais fàcilmente nos conduzem àquelas capitais, são preferidos:

Paracatú-Belo Horizonte:

1ª) Via Patrocínio — pela R M.V., num percurso total de 871 quilômetros, dos quais 276 são feitos por estrada de rodagem.

2º) Via Pirapora — pela E. F. C. B., num percurso total de 993 quilômetros, dos quais 431 pela linha férrea, 504 por navegação fluvial (rios Paracatú e S. Francisco) e, finalmente, 60 por estrada de rodagem — da cidade ao Porto do Burití.

Como as viagens ao Rio — Distrito Federal — são em geral, feitas via Belo-Horizonte, para se obter a distância ordinàriamente percorrida de Paracatú a Capital Federal, acrescente-se aos itinerários acima a distância, pela E. F. C. B. da Capital mineira àquela metropole, de 590 quilômetros: Teremos então:

De Paracatu ao Rio de Janeiro, via Patrocínio: 1.361 quilômetros.

Idem, idem, via Pirapóra — 1583 quilômetros.

As cidades mais próximas de Paracatú são: Cristalina — (Goiaz) — 132 klms. e Coromandel, 192 klms.

Fundada nos primeiros anos do século XVIII, em pleno período colonial, nada quizeram fazer os seus fundadores em prol do aspecto material de Paracatú, de vez que seus objetivos estavam em plena harmonia com o sonho que em-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

polgava a época: o ouro; e êsse havia, em abundância, nestas soberbas minas. Edificada numa estreita garganta, formada por serras que se estendem em direção S.N., as suas primeiras casas alevantaram-se entre os córregos Rico e Pobre, precisamente no local hoje conhecido por Bitesga.

À margem das estradas de acésso ao arraial nascente, ergueram-se edificações provisórias, sem o menor respeito às normas de urbanismo e condições higiênicas, de que, mais tarde, veio ressentir-se a cidade. A sinuosidade de suas ruas, o exotismo de suas praças e irregularidades de suas edificações, são devidas à inobservância e ao descaso dos seus fundadores. Embora haja o então Governador da Capitania de Minas, Gomes Freire de Andrade, nomeado a José Rodrigues Frois — Capitão-mór das minas por êle descobertas, preferiu êle cuidar da solidificação de seus cabedais a interessar-se pelo aspecto material do arraial nascente, de vez que o seu fundador o considerava, por certo, de duração efêmera. Para Frois, a vida do arraial era o ouro, apenas o ouro.

Com a nomeação de seu primeiro Ouvidor Geral e a instalação da Vila, em 28 de Dezembro de 1799, começou Paracatu a sentir os primeiros influxos de uma administração sadia e fecunda. Era já, então impossível alterar o seu aspecto geral e nem a tanto aconselhavam os conhecimentos de urbanização da época.

Em 1800, a Câmara Municipal exigiu o primeiro tributo de seus munícipes. Foram, naquele ano, lançados para pagamento de impostos 696 prédios, existentes na cidade, assim distribuidos:

Rua Direita	93
» das Flores	41
» do Ávila	41
» S. Domingos	39
» do Gorgulho	31

Rua do Santana	40
» da Capelinha	44
» Goiaz	77
Rua de Trás do Rosário	9
» do Sacramento	77
» da Abadia	22
» dos Açougues	31
» dos Olhos Dagua	43
» do Amparo a Cima	9
» dos Angolas	21
» do Cacunda	14
Travessa do Rosário	14
Chacaras vizinhas	20

Como pode verificar, várias de nossa ruas, áquela época já existiam com os mesmos nomes com que as conhecemos hoje. Desapareceram, entretanto, designações de outras, substituidas, possivelmente, pelas atuais denominações de ruas da Praça, Manoel Caetano, Péres e Córrego, e por praças de que não ha notícias na resenha de Navarro.

Quanto ás denominações dadas ás ruas das Flores, Ávila e Peres, posteriormente nada se sabe que as possa justificar com segurança. Presumimos haverem elas tomado os nomes de alguns de seus influentes moradores. Pelo menos, foi o que se verificou em relação à primeira, onde residia D. Rosa das Flores, mãe de numerosas filhas, donzelas cuja beleza constituia verdadeira tentação aos moços da época. É possivel que ao terem que se referir àquela rua; os habitantes da localidade a designassem pelo nome daquela família, ali residente, vindo depois a municipalidade confirmar êsse empirismo. Nada, no entanto, há de positivo a respeito. Tudo são conjecturas baseadas em afirmações antigas.

Há mais de cinquenta anos pretendeu o Conselho da Independência Municipal de Paracatú substituir os nomes das

Fundo Oliveira Mello/Cod 631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ruas S. Domingos. Flores, Abadia e Largo da Jauqueia, conforme consta da seguinte resolução da mesma Intendência.

"Art. 1.º — A rna S. Domingos denaminar-se-á d'ora em diante — rua Cel. Pedro Roquete; a rua das Flores, rua Cel. Paula Carneiro; a rua da Abadia, rua Dr. Bernareo; e o Largo da Jaqueira, Praça Cel. Ulhôa.

Art. 2.º — Fica o procurador da Intendência autorizadado, quando permitirem as rendas da municipalidade, a mandar collocar as placas nas ruas e praça acima designadas.

Art. 3º. — Revogam-se as disposições em contrario.

Paço da Intendência, 29 de Maio de 1890.

aa) Saajano Antonio Roquete Franco.
Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessôa
Fortunato Jacintho da S. Bolho".

No mesmo dia, em sessão da Intendência, "O Cidadão presidente (Trajano) passando a cadeira a seu imediato, apresentou uma proposta escripta, requerendo para que se transferisse o nome de General Deodoro, dado ultimamente á rua de Goyaz, para a de rua do Dr. Bernardo, baseando sua proposta em razões conhecidas do publico que devêo áquelle patriota não os seus desvelados serviços de sua profissão, mas ainda porque soffreu por amor dos principios liberaes, que defendeu, sacrificando sua fortuna e sendo alvo de perseguições por parte dos que encarceravão os sãos principios em tempos animosos, hoje restabelecidos pela aurora que disponta na patria nova-propoz mais que sejão dados os nomes de General Deodoro a rua do Calvario e o de Cel. Ulhôa á rua do Ávila, requerendo que se fizesse constar nesta acta os principaes topicos de sua proposta".

Vê-se, portanto, que a resolução da Intendência foi contraria á opinião de seu presidente. Contrária a ela, foi igualmente a opinião pública, que preferiu respeitar a nomenclatura primitiva dessas ruas, a consentir nas alterações votadas pelo poder municipal. Foi o primeiro derespeito á lei, em favor da tradição.

A índole conservadora do nosso povo fez valer, mais uma vez, o seu poder, a sua fôrça.

O desenvolvimento da cidade, a partir de 1800, tem sido sumamente lento. Durante êsse longo período, apenas uma rua surgiu na cidade — a Nova República, na gestão do Prefeito Quintino Vargas. Foi projeto seu, a Avenida Olegário Maciel, que deveria estender-se na parte N. da cidade, em direção L.W.; mas poucas edificações possui ela na atualidade.

No tocante às construções modernas, não podemos negar a existência de algumas na cidade, em contraste, embora, com o velho estilo colonial predominante. Surgem, freqüentemente, avançadas ou em recúos, no desejo ingênuo de servirem de bases a um alinhamento imaginário. A cidade conta já com uma centena dessas construções, disseminadas por todos os seus quadrantes. Destinam-se mais ao confôrto de seus proprietários do que à melhoria do conjunto.

É digna de especial referência a elegância do estilo colonial de vários de nossos prédios. Alguns de nossos templos ostentam aprimoradas obras de arte, sobretudo concernentes á escultura. A velha Igreja do Santana dispunha de grande parte dessas obras. Ao ser demolida, foram estas, criminosamente cedidas a espertos semitas, sem o menor respeito ao nosso valioso patrimônio artístico.

Ainda hoje o altar da Igreja do Rosário ostenta primorosas esculturas em madeira, o que constitui uma das poucas relíquias que possuimos, certificando o bom gôsto que sempre caracterizou o espírito evoluido de nossos ancestrais.

Na atualidade, dispomos de um jardim público, que se tornou logradouro preferido pela mocidade, para seus "footings" habituais. Foi construido em 1933, pelo Prefeito Quintino Vargas, coincidindo a sua entrega ao público com a inauguração da luz e fôrça de que é dotada a cidade.

CÔMPUTO DEMOGRÁFICO E ECONÔMICO

Na zona urbana, 949 prédios, dos quais 706 constituem

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

os domicílios particulares e 6 os coletivos, onde se abrigam os seus 3.772 habitantes. O perímetro suburbano compõe-se de 183 prédios, 153 domicílios e 666 pessôas. No distrito da cidade — zona rural — a população e de 11.823 almas. O número de prédios eleva-se a 2.327, dos quais 2.246 constituem domicílios particulares.

As unidades econômicas da cidade estão assim distribuidas:

ZONA URBANA:

Estabelecimentos	agrícolas	1
»	industriais	5
»	comerciais	57
»	prestadores de serviços	40
Emprezas de transportes		2

ZONA SUBURBANA:

Estabelecimentos	agrícolas	5
»	industriais	1
»	comerciais	4

ZONA RURAL:

Estabelecimentos	agrícolas	667
»	industriais	9
»	comerciais	4

A média de residência de cada domicílio é de 5 pessôas. Nos estabelecimentos agrícolas, explorados e acima citados, estão compreendidas as fazendas de criação, que são, numèricamente, muitíssimo superiores, aos estabelecimentos agrícolas, pròpriamente ditos.

VIDA POLÍTICA

Há quasi um e meio século vem Paracatú sofrendo as mais acerbas consequências de acesas lutas políticas, quer movidas por pleitos locais, quer por adesões aos antigos núcleos do Império e da República.

Anteriormente a 1840 havia já, no município, dois opulentos partidos — o Liberal e o Conservador — cujo poderío oscilava com as reorganizações constantes dos gabinetes. O movimento político de 1842 repercutiu intensamente em Paracatu. Vitoriosos, fizeram os liberais valer tôda e qualquer resolução do Império, sancionada pelo Infante Pedro II.

Foi quando surgiu em Paracatú a figura austera do Dr. Manoel de Melo Franco, cuja ação o tornou famoso no cenário político de então.

Naquela época, a Província de Minas foi sobressaltada por motins, ocasionados pelo descontentamento que, a alguns conservadores, causou a ruidosa maioridade do nosso augusto Imperador. Para pacificá-la, foi a Ouro Preto o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva. Como delegado dos amotinados e proponente da paz, apresentou-se o Dr. Melo Franco ao insigne Duque de Caxias, então expoente máximo de nossas fôrças armadas.

Na Capital da Província, foi o Dr. Melo Franco eleito deputado e, sucessivamente, reeleito em várias legislaturas. Transferiu-se mais tarde para Petrópolis e, pouco depois, para o Rio. Lá faleceu a 3 de novembro de 1871.

Posteriormente, com os adventos da República, fundou-se em Paracatú o partido republicano, a cuja frente se pôs Eduardo Pimentel Barbosa, um de nossos grandes valores políticos e intelectuais.

Foi eleito deputado estadual em três legislaturas; durante um dos seus mandatos, foi Presidente da Câmara Estadual.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Vários outros paracatuenses iniciaram, aquí, suas atividades políticas; chamados ao serviço da Pátria, nunca se lembraram de sua terra natal. Alguns glorificaram-se, pelas alturas a que atingiram.

Enquanto isso, em Paracatú, digladiavam-se os partidos; eram sucessivas as lutas políticas.

O Partido Municipal, há muito existente, foi reorganizado a 15 de junho de 1908. Subsistiu até 1912, sob a chefia do Cel. Rodolfo Garcia Adjuto e Dr. Sérgio Ulhôa. Do seu diretório faziam parte os srs. Cristino Fimentel de Ulhôa e Francisco Botelho.

Integravam suas fileiras valorosos elementos, como o Cel. Fortunato Jacinto Botelho, Dr. Francklin Botelho, Fernando Gonçalves de Ulhôa, Bernardo de Souza Dias. Dispunha da inteligência robusta do Dr. Gastão de Deus Vitor Rodrigues à frente do "O Paracatuense", seu órgão de propaganda e das penas abalizadas de João Ulhôa, Anísio Botelho e Nestório de Paula Ribeiro.

Derrotado, após quatro anos de luta, dissolveu-se.

Em 9 de Novembro de 1909, fundou-se o Partido Popular, patronado pelo Dr. Afrânio de Melo Franco. Foram seus expoêntes máximos os Drs. Martinho Álvares da Silva Campos e Virgílio Ulhôa, os coronéis Antônio de Siqueira Torres, José Martins Ferreira, Lauro Guimarães, Leopoldo Faria Pereira, Dr. Henrique Itiberê, Padre Manoel de Assunção Ribeiro, João Barroso e outros. Foram seus acérrimos defensores, pela imprensa, os srs. Alírio Carneiro, Alísio de Matos, Samuel Rocha, Bernardo Caparucho de Melo Franco e prof. Josino Neiva, valorosos jornalistas de então.

O partida assinalou-se por quatro fases distintas, assim discriminadas:

1ª — Presidência do Cel. Antônio de Siqueira Torres — lutas sangrentas, dissidências internas, arregimentação de fôrças eleitorais, até sua estabilidade. — 1909 — 1910.

2ª — Presidência do Dr. Virgílio Ulhôa — Nessa fase, a vitória, nas urnas, coroou seus esforços — 1911. Foi o início do seu período áureo.

3ª — Presidência do Cel. Lauro Guimarães — O triunfo obtido em fins de 1911, permitiu ao partido um período de paz, que se estendeu até 1915. Bastou a argucia do seu então presidente, para que fosse conduzido com serenidade à

4ª e última fase — Presidiu-o, naquele período negro o cel. Leopoldo de Faria Pereira — 1916 — 1917. A essa altura e depois de novas e violentas lutas, entrou o partido em estado comatoso. E o seu desaparecimento não tardou. Sobreveio, após um periodo de anarquia, de sobressaltos, de chibatadas, em que figuraram como protagonistas elementos da nossa própria sociedade.

Sua evidente dissolução foi ainda incentivada pela incineração da Empreza Funerária, empastelamento da "Folha do Povo" e, sobretudo, pelos ruidosos acontecimentos de que foram vítimas os srs. Alirio Carneiro, Drs. Henrique Itiberê, Luiz Pinto e Eurico Gutierrez.

Não resistindo a tanto, desapareceu o glorioso partido.

Dos seus destroços surgiu o Partido Republicano Mineiro, sob a chefia do Dr. Joaquim Brochado — 1918. Calma e pacificamente conduziu ele os nossos destinos politicos, até 1930, época em que a Revolução veio perturbar o rítmo sereno da vida municipal. Com a sua vitória, quis o Presidente Olegário Maciel obsequiar ao sr. Quintino Vargas, com um presente de grêgo: fê-lo Prefeito de Paracatú. A êste, interessou, a princípio, apenas a administração. Pouco a pouco, porém, fascinava-o a glória política. Organizou, então, o seu partido e a êle se enfileiraram valorosos políticos do municípios, ciosos de uma revanche.

Fundo Oliveira Mello/Cod.691/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Exarcerbaram-se novamente os ânimos e não tardou que o sangue de valorosos filhos da terra corresse pelas ruas da cidade, muito embora sem responsabilidade dos chefes. E a luta foi enorme. O momento não comportou indiferenças. Todos se definiram.

Com exceção de alguns elementos, o sr. Quintino Vargas contou, sobretudo, com o apôio dos Martins Ferreira, Melo Franco, Batista de Oliveira, Rocha, Faria Pereira, Gonzaga, Lisbôa, Macêdo, Laboissiére.

O Dr. Joaquim Brochado dispunha, dentre outros, dos Botelho, Ulhôa, Silva Neiva, Santiago, Pinheiro, Adjucto, Lepesqueur, Costa, Porto, Roriz, Carneiro de Mendonça, Sá Guimarães.

Dois epítetos surgiram da ralé social e passaram a definir os adeptos dos partidos. Aos correligionários do sr. Quintino, apelidaram "merendinhas"; aos do dr. Joaquim, "Cataventos". O mais singular é que ambos os partidos apoiavam o Govêrno, sob o símbolo do Partido Progressista.

A intensidade da luta fez crescer, desmesuradamente, o quociente de nossas fôrças políticas. O número de eleitores do município elevou-se a quasi 6.000.

Em junho de 35 foi o sr. Quintino Vargas substituido no poder municipal pelo Dr. M. Pimentel de Godoi.

As eleições de maio de 36 deram ganho de causa ao Dr. Joaquim Brochado e seus companheiros de luta. Elegeram, então, o seu Prefeito, em julho do mesmo ano, recaindo a feliz escolha na pessôa do sr. Romualdo Ulhôa Tomba.

Pouco depois, um vereador da situação enfileirava-se à corrente Vargas. Êssa adesão resultadaria, numericamente, na derrota dos "cataventos". Enquanto os acontecimentos encaminhavam-se para êsse desfecho, foi a Nação surpreendida pela proclamação do Estado Novo, continuando à frente dos destinos de Paracatú o atual Prefeito Romualdo Ulhôa Tomba.

10 de Novembro foi o epílogo dessas lutas sangrentas; o Presidente Vargas, o seu intemerato realizador.

CRIAÇÃO DOS DISTRITOS

Infelizmente não nos foi possível apreciar a legislação do Reino de Portugal e, posteriormente, do Brasil Império, sob as quais se moldavam as divisões administrativas da época. Assim, é que designavam por distritos todos os povoados adjacentes às vilas e por julgados as localidades dotadas de administrações autônomas, mas jurídicamente subordinadas a outras. De nossas averiguações deduzimos que os julgados correspondiam aos têrmos judiciais na atualidade.

Dêste modo, o povoado da Lagôa do Santo Antônio era mencionada como distrito, conforme se vê a fls. v/ 77, do livro de "Registro de Patentes de Oficiais" — 1800 1828, em que o "Dr. Francisco Pereira de Santa Apollônia. Comissario da Bulla da Santa Cruzada, 1º Conselheiro do Governo e Presidente da Província de Minas Geraes" provia no posto de "Capitão da Companhia de Ordenança do Distrito de Sto. Antonio das Alagôas e São Pedro, Termo e Comarca da Vila de Piracatú do Principe" a José Alves de Souza, sendo êle "obrigado a requerer a sua Magestade o Imperador confirmação do mesmo posto dentro de dois annos, sob pena de ficar sem efeito...". "Imperial cidade de Ouro Preto, a 13 de 8brº e Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1827 Sexto da Independência do Imperio".

A falta de dados não nos permitiu precisar os desmembramentos sofridos pelo nosso município, as épocas em que se verificaram, bem como as leis que as autorizaram. Sabemos, contudo, haverem pertencido a Paracatú os atuais municípios de S. Romão, (desmembrado a 13 de outubro de... 1831), Januária, Carmo do Paranaíba, Sacramento, Patrocínio

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

(desmembrado a 23 de março de 1840, sendo anexados a êste os distritos de Araxá e Desemboque, tambem pertencentes, até então, a Paracatú), Patos, (elevado a Categoria de Vila em 30 de outubro de 1866), Coromandel (Santana do Pouso Alegre do Coromandel), Ibiá, (São Pedro de Alcântara), João Pinheiro, (Santana dos Alegres), último desmembrado.

Atualmente, compõe-se o município de seis distritos, inclusive a séde, aos quais passamos a nos referir.

Guarda-Mór — Ao S. da cidade, acha-se êsse distrito, que tem por séde o arraial do mesmo nome, a 74 quilômetros de distância, situado em um dos extensos vales formados pela serra dos Pilões, ou serra das Vertentes, prolongamento irregular do grande massiço goiano.

Criado a 30 de novembro de 1842, desenvolveu-se vertiginosamente, graças a fertilidade do seu solo e exuberancia de sua indústria pastoril. Fatores diversos, porêm, nunca consentiram na sua emancipação administrativa. Jàmais se apresentou em condições de tornar-se autônomo.

A sua sêde originou-se de um posto de fiscalizaçãa alí colocado, para pôr têrmo à evasão ilegal do ouro de nossas minas. A êsses postos ou registros, era igualmente dado o nome de Guarda-Mór, denominação a que se deve o nome do arraial.(1)

Contràriamente, porém, Augusto de Sainte-Hilaire (2) assim se refere a êle: — "Após caminhar 2 léguas além do sítio dos Pilões, parei numa fazenda que tinha o nome de Guarda-Mór. Se a chamavam assim, não é porque então pertencesse a um guarda-mór, mas o seu primeito proprietário o

(1) "Memória Histórica de Paracatú" — Prof. Olimpio Gonzaga, — pag. 88.

(2) "Viagens às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Provincia de Goyaz" Tomo I — pag. 249.

fôra e a maioria das fazendas conservam o nome de quem lhes lançou os fundamentos"

O ilustre naturalista francês não encontrou alí o posto de fiscalizazação de que nos fala a "Memória Histórica", conforme já tive ocasião de dizer, alhures.

É possivel, dêsse modo, que a sêde do distrito haja surgido em tôrno de uma fazenda, contràriamenfe à suposicão corrente.

Possi ela, na atualidade, 30 domicílos, 4 outros prédios, 1 templo católico, 3 estabelecimentos comerciais e 3 unidades agrícolas, situados, na zona suburbana. É, ainda hoje, sede de fiscalização estadual. É servida por uma agência de correios e pela estrada de rodagem Paracatú-Patrocício.

Possui 2 ruas pròpriamente ditas e algumas travessas, tôdas destituidas de nomenclatura oficial.

A sua zona rural com quilometros quadrados, tem uma população de 5.276 pessôas, abrigadas em 1005 domícilios; 291 propriedades agrícolas exploradas e 3 estabelecimentos prestadores de serviços diversos.

Lages — O distrito de Lages, situado ao N.E. do município, foi creado a 6 de novembro de 1869. Tem por séde o arraial de Bonfim, que dista quilômetros da séde municipal. Nasceu êle em tôrno de uma capela erigida numa fazenda, à margem esquerda do ribeirão Sta. Cruz, em uma extensa planície coberta por cerrado, constituido de vegetação raquítica e enfezada.

A sua população urbana é de 139 habitantes, seus domicílios elevam-se a 37, além de 8 outras unidades, 1 templo católico e 2 estabelecimentos comerciais.

Na sua zona rural, residem 2 509 pessôas em 488 domicílios, dos quais 89 constituem propriedades agrícolas exploradas.

O distrito é servido, apenas, por estrada de rodagem, sen-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

do o seu território de quilômetros quadrados.

Unaí (1) — Criado a 13 de novembro de 1873, com o nome de Rio Preto, por achar-se às margens dêsse rio; tem o distrito por séde o arraial do mesmo nome, antigo Capim Branco, situado ao N. do município, de cuja séde dista 132 quilômetros.

A origem do nome Capim Branco prende-se à fazenda da mesma denominação ainda hoje existente nas adjacências do arraial.

Nasceu êle em tôrno de um porto fluvial, no Rio Preto, pertencente ao então proprietário da fazenda acima. Foi esta, logo mais, vendida a ascendentes da família Pinto Brochado, que cuidaram de erguer uma capela e de construir um prédio escolar e um cemiterio junto ao porto. Surgiu, assim o arraial. Um dos fatores que mais concorreram para o seu desenvolvimento foi, sem duvida, a existência de uma capela nas suas proximidades, a L., no logar denominado Boqueirão. Alí celebrava-se já a famosa romaria em homenagem a Sto. Antônio, a 13 de junho de cada ano.

Unaí está localizada à margem direita do Rio Preto. No local do antigo porto, estende-se sólida ponte de madeira. Possui o arraial 4 ruas e uma praça, 135 prédios, dos quais 124 servem de domicílios aos seus 644 habitantes do perímetro urbano, 1 prédio escolar, 1 templo católico, 8 estabelecimentos comerciais, 2 de prestação de serviços, 4 propriedades agrícolas e 1 estabelecimento industrial, inclusive a zona suburbana.

A sua zona rural, abriga uma população de 11.381 habitantes, domiciliados em 2.387 prédios, compreendendo 565

(1) Etimológicamente deveria grafar-se Unahi (una-preta e hi-agua) e não Unah, y como se escrevia, até então. A grafía Unaí é devida às últimas reformas ortográficas verificadas no país.

Postos fiscais do Estado:

Há no município três Postos Fiscais, sendo:

1.º — Da cidade:

Número de extravios subordinados	4
» » guardas	5
Receita de 1941	Cr$8.042,30

2.º — De Guarda-Mór:

Número de extravios subordinados	9
» » guardas	9
Receita de 1941 (Junho a Dez°)	Cr$7.491,50

3.º — De Unaí:

Número de extravios subordinados	8
» » de guardas	9
Receita de 1941	Cr$35.711,20

Os dois últimos postos eram sediados em Rio Verde e Formosa, respectivamente, sendo que suas transferências para essas sedes distritais foram motivadas pelos têrmos da solução litigiosa entre Minas e Goiaz.

Fiscalização permanente

A fiscalização permanente do município está a cargo de dois agentes fiscais de 2ª- clase, subordinados ás suas Coletorias.

Fiscalização volanta

As coletorias do município estão subordinadas à 24.ª

Fundo Oliveira Mello/Cod.1631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Circunscrição Fiscal do Estado e os Postos Fiscais, à 1ª- secção, com séde na cidade.

Coletoria Federal

A Coletoria Federal de Paracatú rendeu, no exercício de 1941, pouco mais de Cr$100.000,00

Sua fiscalização permanente está a cargo do Coletor e a volante, de fiscais que periodicamente visitam o município.

Bancos

Há no município uma sub-agência do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S.A., subordinada à Agência de Patrocínio, com correspondente autorizado na séde distrital de Unaí.

Os Bancos do Brasil S.A., Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S.A. e Crédito Real de Minas Gerais S.A., mantêem correspondentes na séde municipal. O primeiro efetua grandes transações, mórmente no tocante ao financiamento agrícola-pastoril, um dos seus grandes planos.

Acha-se em período de organização, graças aos esforços do financista José Machado Barbosa, o Banco de Credito Mercantil e Rural Ltda., cujos acionistas são todos do lugar, dentre êles, os srs. Antônio Torres Lima, Raul Botelho, Antônio Brochado, Alexandre Macêdo Sobrinho, Joaquim de Moura Santiago, Dr. Antero de Moura Santiago, Dr. Joaquim de Moura Santiago, Pedro de Moura Santiago, João de Moura Santiago, e José Machado Barbosa.

Cinema e Teatro

Paracatú é dotada de um cinema sonoro, desde 1937, funcionando num prédio de construção antiquada. Êsse prédio destinava-se, há meio século, às representações teatrais hoje, em franco declínio, na cidade.

Mesmo assim, constitui o cinema uma de nossas poucas diversões.

Correios e Telégrafo:

A cidade é dotada de uma estação telegráfica, de propriedade da União, desde 1917, graças, sobretudo, aos esforços do Cel. Lauro Guimarães e bôa vontade do Dr. Rodolfo Paixão.

A nossa agência postal remonta a longos anos, sendo relativamente intenso o seu movimento.

Sua receita, entretanto, tem sido pouco expressiva.

Cadeia Públ'ica

Dispõe a cidade de uma cadeia pública de construção moderna, onde funciona, sempre, a delegacia de pclícia.

Forum

O edifício do Forum é de construção antiga — estilo colonial —. È um prédio de dois pavimentos, de propriedade particular, mas suficientemente adaptado para êsse mister

Não obstante os seus 127 anos de autonomia judiciária, Paracatú é, ainda hoje, comarca de 1ª entrância. O seu primeiro Juiz de Direito, como já dissemos alhures, foi o Dr. Teodósio Manoel Soares de Souza e primeiro tabelião, o sr. José Cardoso de Almeida.

CAPITULO XI

Aspecto e relêvo do solo

O município de Paracatú é de aspecto inteiramente ir-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

regular, não permitindo, por isso, que se caracterize bem a sua configuração. Observando-o, sem a preocupação de detalhes e com auxílio de bôa vontade, tem-se a impressão de que se assemelha ligeiramente ao Estado de Mato Grosso. Ocupando o seu vasto território a parte N. W. do Estado, alarga-se êle, consideravelmente, em direção ao N. Ao S., à medida que as nascentes do rio Paracatú vão sendo contornadas pelas vertentes do Paranaiba, nas imediações do ribeirão das Carrancas, a sua faixa longitudinal vai se estreitando visívelmente, a ponto de tocar as cabeceiras do córrego Taquára, da bacia do Paracatú. Daí, em direção N., como já dissemos, essa faixa vai-se alargando até as imediações do Porto Soledade, no rio S. Marcos. Verifica-se, dai por diante, novo estreitamento, em virtude da direção N.—N. E., seguida pelo aludido rio.

Uma reta, partindo de 12 quilômetros acima do porto Faustino Lemos, ao Porto do Burití, no rio Paracatu e passando pelo Morro da Cruz das Almas, a 6 quilômetros N. da cidade, determinaria a parte mais estreita do municipio, excetuando-se a sua parte meridional.

A sua maior dimensão longitudinal está mais ao N compreendida entre o Porto das Campinas, no rio S Marcos, logar dominado Arrependidos e a foz do ribeirão Sta. Cruz, no St. André, confluentes do Rio Urucuia.

O sistema orográfico do município é inteiramente variado. Não seria exagêro frisar em 1/4 do seu território a sua área acidentada. Suas serras, cordilheiras e elevações seguem, em geral, direção N., paralelamente ao grande massiço goiano, a cujo sistema pertencem.

Uma de suas extensas e importantes serras denomina-se

Vertentes (1). Corta de S. a N. os distritos da cidade e de Unai, servindo, a certa altura, de divisor de aguas do rio S. Marcos e Rio Preto, das bacias do Prata e S. Francisco, respectivamente.

O seu aspecto, em alguns logares, é verdadeiramente assombroso, devido ao enérgico enrugamento da crôsta terrestre, na sua formação, impedindo, não raro, mesmo o trânsito de pedestres.

A N.E. do município encontra-se a gigantesca Serra do Rio Preto, que se estende em direção S.E.—N.W, unindo-se, nas proximidades da cabeceira do ribeirão Roncador, à serra das Vertentes, já no extremo N. do município. Forma ela, ali, a nossa linha divisória com o Estado de Goiaz.

Essa grande elevação do nosso sistema orográfico serve de divisor de águas dos Rios Preto e Urucúia. Uma de suas ramificações, à altura das cabeceiras dos ribeirões Camisa, Água Dôce e Catingeiro toma a direção L.—S. W., procurando as margens do Rio Preto, em cujas proximidades se submerge.

Separa a Serra do Rio Preto, tôda a parte NE. donosso território, atravessando inteiramente os distritos de Lages e Guarapuava.

---

(1) Auguste de Saint-Hilaire insiste em chamá-la Serra do S.Francisco e do Paranaíba — "Em Tapera — (Viagens ás Nascentes do S. Francisco e pela Provincia de Goyaz, Tomo I — pag. 273), encontrei-me, pela segunda vez, sôbre o planalto que corôa a Serra do S. Francisco e do Paranaíba, e seguí-o num espaço de cerca de 16 leguas, até o Registro dos Arrependidos". "Este planalto (Id. pag. 278) continúa até a povoação de Couros (atuai cidade de Formosa). "Pode-se pois afirmar — acrescenta Sains-Hilaire — baseado em Martins Reise (II, fls. 570), que ela se estende longe, em direção ao N., sendo um fato mais ou menos averiguado que não há nenhuma interrupção entre a Serra do S. Francisco e do Tocantins".

A verdade é que esta última não é sinão especie de contraforte da primeira.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A SW. do município, estende-se, igualmente em direção N., outra grande cordilheira: a Serra do André Quicé ou Serra dos Pilões, de que são as Vertentes, avançados prolongamentos. Êstes, passam a uma légua da cidade, em cujas imediações recebem as denominações de Serras da Contagem, Lourenço Castanho e Bôa-Vista. Mais ou menos nessa altura, outra ramificação se alevanta, a 10 quilômetros L., dando logar à Serra do Ambrósio. À medida que avança para o N., ela se submerge e reaparece alternadamente, formando, ao longo da séde distrital de Unai, (à direita) a chamada Serra do Pico.

Encontram-se a SE. do município, as Serras da Mata da Corda e das Almas, na direção dos municípios de Presidente Olegário e João Pinheiro.

Inúmeras outras serras de menor importância, acham-se disseminadas pelo município, completando o seu sistema orográfico. Deve-se notar, entretanto, que não dispomos de picos ou elevações que mereçam referência especial no presente esbôço.

Formação geológica

Geològicamente, as terras do município de Paracatú, pela sua aparência externa e estrutura de seu corte, assemelham-se às do grande massiço goiano, onde predominam frequentes cêrros, ora abruptos, ora disfarçados em rampas suaves, imperceptíveis. Dentre as suas variedades sílicas, destacam-se os quartzitos, de que constitue o cristal de rocha o seu mais apreciável espécime. É verdade que, no município, têm sido encontrados apenas formações dêsses quartzitos; nunca, porém, foram êles explorados em nosso território. Os quistos frequentes e depósitos sedimentares que entram, em abundância, na formação de nossas rochas, afastam para a era terciária, segundo Gerber, a constituição geológica do massiço a que

pertencem as terras do município. As massas gneissgraníticas que se estendem do S. do país, atingiram estas regiões, deturpadas, embora, por formações calcáreas. Deram, contudo, logar às vastas planuras que se encontram encrustadas entre nossas elevações orográficas, mórmente nas regiões de terrenos silicosos.

Devido, talvêz, ao adusto sol desta região — região semi-equatorial —, o cume de nossas serras aparenta feições exsicadas, de alarmante esterilidade. Levanos isso a crer ainda que foi demais intenso e pertinaz o desgaste erosivo sofrido por esta região, em priscas éras.

Em várias cordilheiras que se estendem a L. da cidade, são frequentes as rochas eruptivas e nelas encontram-se inúmeras formações calcáreas e graníticas. Essas formações, acentuadas na serra do Ambrósio, resparecem na serra dos Picos, distanciado prolongamento desta.

Nas margens de alguns de nossos ribeiros, mórmente nos de pequenos volumes dágua e cursos pouco extensos, são intensas as formações argilosas, desfalcadas de quaisquer segmentos. São, por isso, de esterilidade absoluta essas terras. Prestam-se, apenas, a vegetações raquíticas. Essa esterilidade estende-se, não raro, ao longo de várias planícies, interceptadas, algumas vezes, por faixas de excelente fertilidade, onde se nota a pujança vigorosa da vegetação, num choque tremendo da natureza.

A formação geológica do município é, pois, de aspecto inteiramente variado. Jàmais sofreram suas camadas qualquer estudo geognóstico.

Encontra-se, em quase todo o seu território, inúmeras minas de ouro, alumínio, chumbo, estanho, salitre e várias jazidas de ferro e mármore, bem como outras riquezas minerais, tão frequentes no sub-solo do Estado montanhês.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Grutas e Cavernas

O município de Paracatú é um dos que mais grutas possúem em tôda Minas Gerais. Tão numerosas são elas e tanto se assemelham entre si, que seria demais fastidioso descrevê-las separadamente. Há no município 92 grutar ou cavernas, pròpriamente ditas, situadas em 42 localidades diferentes.

Dentre essas grutas, merecem especiais referências as seguintes:

1.º) — Lapas do Bom-Sucesso — Situadas a 15 quilômetros da cidade, são também denominadas Lapas do Ambrósio. São em número de 6, das quais a principal tem uma capacidade cúbica calculada em 420 metros.

2.º) — Gruta de Santa Rita — Dista 24 quilômetros da cidade, medindo cerca de 200 metros de profundidade. Possui amplos e insondáveis salões, onde se encontram os nossos maiores depósitos calcáreos e reservas salitrosas. É de aspecto curioso e aterrizador, ao mesmo tempo.

Dentre as 43 grutas que se acham no distrito da cidade, são essas as principais.

No distrito de Unaí, em 13 localidades diversas, encontram-se 45 dessas grutas, das quais são mais notáveis:

1.º) — Lapa do Afundá, ou do Baú: — acha-se localizada à margem esquerda do ribeirão da Aldeia, na serra do mesmo nome. Além dos depósitos salitrosos nela encontrados, nota-se no seu interior grande quantidade de magnésia e águas minerais laxativas de excelentes propriedades e de que se servem os habitantes dos arredores.

2.º) — Lapa do Canto — Situada nas proximidades da séde distrital de Unaí, torna-se essa lapa uma das mais importantes do município, dado o seu aspecto bizarro e ao carinho de que se serviu a naturezn ao orná-la. Encontra-se ela no morro do Canto, elevação da Serra das Vertentes. O seu

aspecto é de um verdadeiro tunel, com cêrca de 2 quilômetros de extensão, ou seja o bastante para varar a serra de lado a lado. Por êsse tunel, pode-se transitar, com alguma dificuldade.

3º) — Lapa do Gentío — localizada à margem esquerda do ribeirão Roncador, afluente da margem esquerda do Rio Preto, na fazenda Jataí, a 36 quilômetros da séde do distrito de Unaí, a sua existência é aureolada de lendas indígenas, a qual de haver sido residência de feroz tribu indígena — possívelmente os Quiriris (Kiriris) — nossos valentes ancestrais vermelhos e aos quais já nos referimos alhures.

Há no seu interior, profundas exçavações onde, dizem, eram depósitos de riquezas roubadas às caravanas que por lá passavam outrora. Ainda hoje, encontram-se no seu interior, em gravações indeléveis, desenhos multiformes, semelhantes a hieroglifos, caracóis e folhas de arvores.

4º — Lapas do Tamboril — Acham-se localizadas a 9 quilômetros de Unaí, entre os ribeirões Tamboril e Areias, afluentes da margem direita do Rio Preto. Essas lapas destacam-se por suas profundezas subterrâneas e por suas incalculáveis subdivisões. Até hoje, pessôa alguma conseguiu sondar suas verdadeiras dimensões, devido ao seu formidável aspecto interior. Sabe-se, apenas, que a sua profundidade é superior a um quilômetro; a essa altura puderam chegar alguns curiosos, munidos do possantes archotes.

No distrito de Vazantes, na Serra da Mata da Corda, e proximidades da Serra das Vertentes, encontram-se as duas seguintes lapas:

1ª) — Lapa do Pamplona (1) — Essa lapa acha-se dentro do arraial do mesmo nome, séde distrital de Vazantes, sendo

(1) A denominação "Pamplona" designa uma praça forte da Espanha, capital da Provincia de Navarra.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

uma das menos importantes do município, mas a que se cercou de maior significação, sob o ponto de vista religioso.

Sendo de natureza inteiramente calcárea a rocha em que se acha, é natural a formação de estalagmites no seu interior. Um dêsses depósitos, petrificando-se, com o espaço de certo tempo, o seu conjunto deu ligeiras aparências de uma imagem.

Uma capela foi logo erigida no local e os fiéis que lá iam, todos os anos, incumbiram-se de difundir a notícia da existência da lapa.

2ª-) — Lapa Nova — A 5 quilômetros S. da primeira, encontra-se a Lapa Nova, de aspecto interessante e curioso. Destaca-se pela imponência de suas estratificações calcáreas, pelos amplos salões que a compõem e, sobretudo, pelos seus insondáveis corredores. Num destes, a imaginação fácil de crentes acérrimos "descobriu" um "Santo Antônio de Pádua, com o Menino Jesús nos braços". Essa descoberta, porém, não proporcionou ao Santo gloria alguma. Lá está "Êle", esquecido no interior da infecta caverna, num nicho asqueroso, abjeto, de této calcáreo, sem sol e sem devótos.

No distrito de Lages, há notícias de 2 lapas de somenos importância, denominadas Lapas do Arrozal e da Matildes.

Não há notícia de nenhuma no distrito de Guarapuava. Guarda-Mór possui lapas em pequeno número.

CAPITULO XII

Hidrografia

Hidrográficamente, pertence o município a duas grandes bacias — do Prata e do S. Francisco, sendo que 7/8 do seu território pertencem a esta última.

Dentre os seus principais cursos dágua, destacam-se: o rio SÃO MARCOS, afluente da margem direita do Paranaíba.

Nasce em território paracatuense, na fazenda Lequicé, sendo que uma de suas cabeceiras aproxima-se muitíssimo do ribeirão dos Arrependidos, afluente da margem direita do Rio Preto.

RIO PARACATÚ — Na parte L. do municipio corre o seu mais importante curso d'água: — o rio Paracatú. Suas cabeceiras, constituidas pelos ribeirões Sta. Catarina, Carranca e Carrapato (1), encontram-se ao S. do município. Corre em direção S.W. — N.E., marcando, seu leito, nossa linha divisória com os municípios de Presidente Olegário e João Pinheiro. Recebe, na sua margem esquerda, numerosos cursos d'água, em território paracatuense, dentre os quais se destacam os ribeirões Escúro (unido ao Escurinho e Traíras), Córrego Rico, Bôa Sorte, Bezerra, Entre — Ribeiros, (constituido pelos ribeirões do Franco, Aldeia e S. Pedro) e, finalmente, o Rio Preto.

É navegável desde sua foz, no S. Francisco, até o Porto do Burití, num percurso de 368 quilômetros. Suas margens são pantanosas, insalubres e cobertas de espessas matas, exuberantemente férteis.

Não obstante suas condições de navegabilidade, encontram-se no seu percurso pequenas cachoeiras, sobretudo na sua parte inferior. Durante as estações chuvosas, constitui a sua navegação o nosso mais cômodo meio de transporte, pondo-nos em contacto com o caudaloso S. Francisco e com os trilhos da Central do Brasil, em Pirapora.

RIO PRETO — Ao N. do município corre o Rio Preto, assim chamado devido à côr barrenta de suas águas. Nasce na majestosa Lagôa — Feia, a quatro quilômetros da cidade de Formosa, no Estado de Goiaz, tomando o seu curso a di-

(1) Há quem afirme ser o Escurinho a mais alta cabeceira do Paracatú. Saint-Hilaire assegura acharem-se as suas nascentes a 14 leguas da cidade, nas proximidades da Serra do Carrapato. ("Viagens, etc." pag. 267).

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

reção S.E, até encontrar o Paracatú, de que é o principal afluente.

Banha inteiramente o distrito de Unaí, em cuja séde é atravessado por uma ponte de madeira. Recebe, pela margem direita os ribeirões: — Cambaúba, Tamboril, Areias (1) Capão do Arroz (unido ao ribeirão do Brejo), e Murzelo. São seus principais tributários da margem esquerda os ribeirões: Bezerra, S. José, Inferno (unido a o St. Clara), Roncador, Canabrava, Mamoneiras, Cotovelo, Lages e Gado Bravo.

Suas margens são férteis, insalubres, cobertas por densas matas e surpreendidas por descobertos impressionantes, É completamente inacessível à navegação, devido a inúmeras cachoeiras que possui. Não obstante êsse impecilho, várias embarcações atingiram já a foz do ribeirão Mamoneiras, conduzindo cargas e fazendeiros residentes em suas margens.

RIO URUCUIA — A Serra do Rio Preto, que se estende ao N. E. do município constitui o único divisor de águas dos Rios Preto e Urucuia, como já dissemos atraz. Alguns afluentes dêste, apenas, fazem parte da nossa rêde hidrográfica. São êles:

1°.) O S. Miguel, que nasce no extremo N. do município, num recanto formado pela Serra do Rio Preto e pela nossa linha divisória com S. Romão e seus afluentes da margem direita: Garapa, Gibóia e Ilha; da margem esquerda, o córrego Bebedouro.

2°.) O Santo André e seus afluentes, dos quais a vulta o ribeirão Santa Cruz, constituido pelos seus confluentes Almas Vale — Rosa, Tabócas e Riacho — Fundo.

Correndo ao longo do município de S. Romão, constitui o Rio Urucuia um dos mais avantajados afluentes do S. Francisco.

(1) Na foz do ribeirão das Areias acha-se a séde distrital de Unaí.

LAGÔAS

Não possui o município lagôa alguma que mereça referência especial, visto como são quasi tôdas minguadas fontes e volumes d'água; outras acham-se ao longo das margens de alguns rios, ou mesmo disseminadas pelas planicies do município, quasi tôdas de natureza efêmera.

No distrito de Guarda-Mór, nas proximidades da cabeceira do ribeirão Arrenegado, encontra-se a Lagôa Feia e, pouco além, outra, que nem denominação recebeu dos que a conhecem.

À margem esquerda do ribeirão da Aldeia, no distrito de Unaí, encontram-se algumas, das quais se destaca a Lagôa do Cercado. Entre as cabeceiras dêste ribeirão e as nascentes dos ribeirões das Areias e Capão do Arrôs, acham-se as chamadas "Sete Lagôas", num recanto da Serra das Vertentes.

Além dessa serra, em direção ao S. Marcos, encontram-se pequenas lagôas dentre as quais a "Lagôa dos Porcos". Também, no extremo N. do município, acha-se a Lagôa Formosa, de maior dimensão e volume d'água existente no município; serve de linha divisória entre o distrito de Unaí e o município goiano de Formosa. Nela, nasce o ribeirão Formosa, afluente da margem esquerda do Bezerra, tributário do Rio Preto. É interessante notar a forma triedra, absolutamente regular, tomada por aquela lagôa, num perfeito contraste de configuração, em relação às demais.

CAPITULO XIII

CLIMA

Situado, como já dissemos, a N. W. do Estado, num gráu de latitude pouco elevado, o município está compreendi-

Fundo Oliveira Mello/Casa de Arquivo Público de Paracatu

do numa zona relativamente quente. A êsse fator, acresce a circunstância de achar-se a sua séde localizada numa estreita planície, circundada por serras, de modo que as brandas virações nunca podem amenizar o calor concentrado na cidade.

A sua temperatura normal, repetimos, é de 21°-, 6. Essa média eleva-se, momentaneamente, a 35°-, 36°- e nessa altura, mantem-s, ás vezes, durante dias. O clima do municipio é, assim, quente, sêco e bom. É menos saudável nas proximidades do S. Francisco, sobretudo nas vizinhanças do Rio Paracatu e Rio Preto.

A brusca elevação de temperatura, com que é geralmente surpreendida a cidade, resulta da presença do Suão, vento quente, que sopra do S., mas que nunca alcança as vertentes do S. Marcos, onde o clima é extraordinariamente saudável e amêno.

Na séde distrital de Unaí, o clima é mais aprazível, graças ao seu previlegiado local: margem de rio e proximidade de enormes matas. Em contraposição, o impaludismo grassa até mesmo entre os habitantes da zona urbana.

Nas demais sédes distritais, o clima é bom.

As chuvas e as estiagens são periódicas. As primeiras verificam-se, regularmente, de novembro a março. Êsse período, não raro recúa para outubro ou se estende até abril, dando lugar a assustadoras estiagens em Janeiro. A intensidade das chuvas no municipio, verifica-se nos mêses de novembro, dezembro e fevereiro, por excelência.

A erosão ocasionada pelas chuvas é quasi nula. Seus desgastes causam pequenos danos e as enchentes são pouco sensíveis, devido às profundidades dos álveos da maioria dos nossos cursos d'água.

As tempestades de granizo são raras, sobretudo durante as chuvas intensas. Verificam-se sempre no início e no fim das

estações chuvosas, quando são frequentes os ventos que sopram de S. para N. ou de L. para W.

São raras as geadas no municipio. As que se verificam ocorrem, em geral nos mêses de junho a agôsto, causando danos, apenas, às pastagens.

CAPITULO XIV

RIQUEZAS NATURAIS

MINERAIS — Como em quasi todos os municipios do Estado de Minas, há, no territorio de Paracatú, intactas, enormes jazidas de minérios, à espera de braços para explorá-los.

O ouro é o unico metal extraído de suas minas, mesmo assim, por processos antiquados e rotineiros.

Devido ao isolamento em que se acha o município, em virtude da deficiência de transportes de que se ressente, jamais se cuidou aqui de qualquer outra exploração congenere.

O nitrato de potassa, ou salitre, tão abundante em nossas grutas, pode ser cotejado ao que, em larga escala, é importado do Chile.

Em algumas de nossas rochas graníticas, mòrmente nos prolongamentos da Serra das vertentes, a L. da cidade, encontram-se enormes jazidas de marmore róseo, igual aos melhores existentes no País.

Na fazenda S. Sebastião, a 6 quilômetros da cidade, segundo afirmações verídicas, quando seus proprietarios ateiam fôgo aos campos, enormes blocos de estanho são encontrados na superfície do solo. Dêsse minério, servem-se os naturais para soldagem de metais, em suas herdades.

Em várias partes do município, têm sido encontrados fragmentos de quartzo hialino e formações seguras de manganês, prata e aluminio, além de inúmeros sais minerais.

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Auguste de Saint-Hilaire (1) em suas viagens pelos sertões brasileiros, assim se refere a uma fonte d'água mineral no município: — "Goza-se, neste districto, duma grande vantagem. A 5 léguas de Guarda-Mór há, na Serra (2) aguas minerais que, como as de Araxá, Salitre e Serra Negra, substituem o sal para o gado bovino".

Encontrou alí o grande naturalista, certamente, alguma jazida de sal-gêma, tão comum no interior brasileiro.

VEJETAIS — FLÓRA — Embora sejam colossais as reservas vegetais do município, jamais foram elas exploradas para fins comerciais, ou industriais, com excessão de poucas madeiras, aproveitadas para consumo interno.

As florestas do município cobrem cêrca de 270.000 hectares de sua área, dos quais 90.000 hectares, constituem matas virgens, onde se encontram, em abundância, os mais custosos espécimes vegetais, dentre os quais a aroeira, a peroba, o bálsamo, o angico, o tamboril, o vinhático, o arco, a embúia, o cedro e outras de grandes aplicações nas industrias.

A maioria de nossas reservas florestais acham-se localizadas nas margens dos Rios Preto e Paracatu. Centenas de hectares dessas matas tombam, anualmente, para cederem lugar às invernadas; e o fôgo é o corolário dêsse nefando crime perpretado contra a natureza.

Dentre os inúmeros frutos emulsivos existentes no município, destacam-se os oriundos de várias famílias monocotiledôneas, avultando diversas espécies de palmeiras. Incontáveis são as variedades de plantas fibrosas que se encontram, inexploradas, no território.

Relativamente às espécies medicinais, a nossa Flora é de

(1) Viagens ás Nascentes do S. Francisco e Pela Provincia de Goiaz" — pag. 249.

(2) O autor se refere á Serra dos Pilões, citada algures.

possibilidades extraordinárias. Milhares de plantas medicinais pululam em nosso sólo, destacando-se diversas variedades de quina, (chinchonas), cujas propriedades, (febrífugas e tônicas, por excelência) desempenham importantes papel na terapêutica. Originária da América do sul, é frequente entre vegetações enfezadas, nos cerrados descobertos.

Ninguém, melhor do que o nosso sertanejo, conhece nossa flora medicinal. Dela, serve-se largamente, no combate aos males que o afligem. Há pessôas que aplicam êsses conhecimentos a uma especie de profissão, que exercem plenamente, na zona rural, com resultados, algumas vezes, palpáveis.

Dentre as espécies medicinais mais conhecidas no município, destacam-se:

Barbatimão (Stryphnodendron), poderoso adstringente, empregado contra úlceras e corrimentos uterinos.

Jurubeba (Solanum paniculatum) empregado nas obstruções do figado e baço, por excelência.

Velame do campo (croton Campestris) de propriedade anti-sifilítica. É grandemente empregado nas moléstias cutâneas.

Salsaparrilha brava (Aralia Racemosa), estimulante, depurativa e anti-sifilítica. A mais abundante no município, é conhecida vulgarmente por japecanga.

Baunilha (Vanilla planifolia), estimulante, aromática, afrodisíaca.

Cabeça de Negro (Trianosperena), antisifilitico, febrífugo de primeira ordem.

Caínca (Ohiococca-Rubiaceas-coffeaceas), antiasmática, diurética, purgativa e antiofídica.

Carapiá (Dostenia Brasiliensis), antifebril e estimulante.

Chapéu de Couro — (Equinodorus macrofilum), antireumático, depurativo.

Fundo Oliveira Mello/Cod.832/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Erva de Bicho (Polígono Persicária) estimulante, diurético.

Erva Tostão (Boeraávia Paniculata) de propriedade antihepática e diurética, por excelência.

Além das espécies citadas, várias outras existem no município, como a poáia, quebra-pedra, gengibre, angelin, butarei, alcaçuz, arruda, abacateiro, etc., de uso doméstico e aplicação urgente.

FAUNA — CAÇA — Há, na fauna do município, representantes de quasi tôdas as espécies existentes no Brasil; tal é a sua exuberância.

A classe das aves é representada por várias ordens, divididas em inúmeras famílias, achando-se os seus representantes disseminados, irregularmente, pelas diversas regiões do município. Não são caçadas para fins comerciais. Vivem livremente pelos nossos campos e matas, raramentes atingidos pelas armas de turistas ou curiosos. Os animais silvestres são, do mesmo modo, pouco caçados para fins industriais ou mesmo comerciais. Dêsses, poucas espécies são procuradas, como:

1.º) O jaguar (Felix Onça), ou onça pintada.

2.º) A sussuarana, ou onça vermelha.

3.º) A jaguatírica.

Todos êsses filídeos pertencem á ordem dos carnívoros e ao grande grupo dos digitígrados. São caçados mais com finalidade saneadora, do que mesmo para fins comerciais. Infestam, de preferência as margens do rio Paracatú e Rio Preto, causando, anualmente, sérios prejuizos aos fazendeiros dessas regiões.

4.º) A lontra e a Ariranha, pertencentes ao grupo acima, mas da familia dos mastelídeos. São frequentes no município e caçados com maior carinho, graças a procura de suas peles.

5.º) A anta (Tapirus Americanus), da ordem dos paquidermos, sub-ordem dos perissodátilos e familia dos tapirideos, cujo couro espêsso e resistente é largamente procurado.

A quantidade de carne que cada indivíduo fornece, incentiva a sua çaça.

6.º) O caetitú, ou queixada, da mesma ordem e familia dos porcídeos são tambem bastante caçados no município, graças às suas peles e ao sabor de suas carnes.

7.º) O veado (Cervus), da ordem dos ruminantes, procurado mais com finalidade esportiva, do que mesmo comercial. Contudo, sua pele e sua carne são aproveitadas.

Vários outros animais são caçados na município sem observância ao Código da Caça e da Pesca, não obstante o carinho com que o poder municipal vela pelas normas preceituadas pelo citado Código.

O nosso quociente econômico oriundo dos produtos da caça, é relativamente insignificante.

PESCA

Embora nenhum ictiólogo haja estudado os peixes desta região, não temos dúvidas em atestar, por conhecimentos práticos, a existência, em nossos rios, de quasi tôdas as ordens dos teleósteos, notadamente os fisòstomos abdominais. Dentre os seus mais frequentes representantes, destacam-se: a traíra, o bagre, o pacú, o curimatã, o piáu ou leporino, etc.

Pertencentes à ordem dos anacantins, destaca-se o surubí, cujo tamanho atinge, às vezes, 2 metros. Dentre os acantópteros, é o doirado o mais comum em nossas águas.

A pesca não é industrializada no município; constitui, apenas, um complemento alimentar muitíssimo apreciado. É praticada por diversos processos, como a rêde, a tarrafa, o

Fundo Oliveira Mello/Coleção Arquivo Público de Paracatu

parí, o jequí (1) e a tinguijada. Esta última é usada, apenas, nas lagôas, consistindo no envenenamento da agua com plantas leguminosas (mirtíneas). Todos os cardumes atingidos pela substância venenosa são dizimados. Em virtude de ser morosa e pouco lucrativa, a pesca a anzol quasi não é usada no município.

Todos os nossos cursos d'água, vertentes do São Francisco, são piscosos, mormente o rio Paracatú e seus afluentes — Escuro e Entre-Ribeiros.

POTENCIAL HIDRÁULICO — QUEDAS D'ÁGUA

Em virtude do aspecto irregular de nosso solo, vários cursos d'água do município precipitam-se, a cada instante, de alturas consideráveis, resultando em gigantescas quedas-d'água, cujo potencial se eleva a milhares de H.P.

Dentre as nossas mais importantes quedas d'água, destaca-se a Cachoeira-Queimada, no Rio Preto, entre o Córrego Campanha e o ribeirão Lagôa. Despejando suas águas de 40 metros de altura, é majestoso o espetáculo inédito de sua queda. As gotas que se espargem em tôdas as direções, no rolar da imensa caudal para o abismo, assemelham-se, de perto, a uma chuva intensa, pertinaz, incontida. Vista de longe, dá impressão de nuvens densas, deslizando vagarosas, pelo espaço, para se condensarem ao alcançar o álveo que a natureza lhes destinou. Pouco adiante, eis que se precipitam de novo por outros penhascos. Sòmente seu potencial hidráulico ascende a vários milhares de H.P.

Nas proximidades do arraial de Unaí, encontra-se ainda

(1) Especie de chiqueiro, feito nas correntezas dos rios, onde caem e são apanhados os peixes. São feitos de jungote e assemelham-se a uma nassa.

no Rio Preto, a cachoeira do Capim Branco, com três metros de queda; as do Saco da Canôa, Russão e outras menos importantes, cujos potenciais jamais foram calculados.

Ainda no distrito de Unaí, encontram-se as cachoeiras do Inferno e Roncador, nos ribeirões dos mesmos nomes.

O rio Paracatú, embora corra em terreno menos acidentado, apresenta consideráveis quedas, como a Cachoeira Grande, com um potencial avaliado em 400 Hp; a do Garrote, com 150 Hp.; a Cachoeira Rasa, com 200 Hp e, finalmente a da Pedra de Amolar, com 3.000 Hp.

No distrito da cidade encontram-se as cachoeiras "Deus-me-Livre", no ribeirão S. Pedro; cachoeira da Prata, no ribeirão do mesmo nome, com 150 Hp. dos quais 120 são aproveitados pela municipalidade, para fornecimento de luz e fôrça á cidade; as cachoeiras da Batalha, Galinheiro e Espalha, nos ribeirões dos mesmos nomes, tôdas de potenciais não calculados. No distrito de Guarda-Mór, dentre outras, destacam-se a Cachoeira dos Pilões, no ribeirão Arrenegados e a de S. Romão, no ribeirão Januário.

Em Lages, é bastante conhecida a cachoeira do Poço Fundo, no ribeirão Sto. André. Embora não tenha sido ainda avaliada a sua capacidade, sabe-se que é bastante apreciável seu potencial, graças à altura de sua queda e volume d'água do ribeirão em que se encontra.

Dentre as importantes quedas que possui, destacam-se, em Garapuava, as cachoeiras de S. Miguel, no ribeirão que lhe empresta o nome. Tendo suas nascentes nas encostas da serra do Rio Preto, o ribeirão Gibóia corre tranquilo, ao longo da grande chapada do Garapa, nas vertentes do Urucúia. De repente, suas aguas precipitam-se num imenso abismo, formado por uma intercepção brusca do terreno. Lançam-se de uma altura de 90 metros, num salto vertiginoso, verdadeiro embuste da natureza, contra a tranquilidade do seu curso su-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

perior. A rampa é brusca e a queda é enorme. Ao vê-la, tem-se a impressão de que, ao atingirem o álveo inferior do seu curso, suas aguas perderam grande parte do volume, evolando-se no percurso da queda gigantesca.

Embora não se tenha ainda calculado seu potencial hidráulico, sabe-se que atingiria a milhares de HP. se captadas fossem tôdas as suas forças e transformadas em energia tôdas as suas possibilidades.

Atinge, como se vê, a vários milhares de HP o potencial hidráulico do vasto municipio de Paracatú.

CAPITULO XV

Lavoura

A imensa extensão territorial que, no municipio, ocupam as florestas em geral e, de modo particular, as matas virgens, constitui o maior patrimônio que a natureza robusta, vigorosa, legou ao povo paracatuense. Mas a mentalidade tacanha do nosso sertanejo não lhe permitiu ainda utilizar, inteligentemente êsse enorme patrimônio. E centenas de hectares de matas, tombam, todo ano, aos golpes criminosos do machado, para cederem logar ás invernadas onde vicejam forragens (1) especiais para os rebanhos. As matas dão lugar às pastagens. E uma grande possibilidade, é quasi inutilmente malbaratada. Deve-se, antes de tudo, lastimar os processos antiquados, retrogrados, primitivos quasi, que ainda hoje norteiam a lavoura do município.

(1) Nessas invernadas são plantados, sobretudo, o capim provisório, (forragem pertencente á classe dos monocotiledôneos e ordem das graminídeas) e o gordura, (gramínea cientificamente denominada Melíneo miumtiflora), forragens preferidas pelos criadores do município.

As inovações hodiernas, neste setor da atividade humana, partindo dos campos experimentais dos grandes centros agrícolas, não lograram penetrar nossas fronteiras. No município, os que amanham a terra, o fazem pelos mesmos processos que houveram de seus avós. Conservadores, parece que nossos sertanejos pretendem transmití-los, inalteráveis, aos seus netos. Pela obstinada rotina, e responsavel, tão somente, a falta de conhecimentos do povo, na expressão feliz de Ingenieros. Alguns lavradores reconhecem as vantagens da lavoura mecânica; nenhum, porém, toma a iniciativa de sua adoção.

Não obstante a precariedade dêsses processos, desde longo tempo constitui a lavoura uma das incontestáveis riquezas do município.

Em 1819, Saint-Hilaire dava notícia de mercadores baianos em Paracatú, à procura de víveres. Demonstra essa auspiciosa revelação, que a nossa lavoura já foi bastante intensa, mergulhando-se, depois em estado letárgico, devido ao descaso a ela votado por quantos se achavam em condições de incentivá-la. Houve anos em que os minguados produtos de consecutivas colheitas requereram suprimentos de municípios vizinhos, para o abastecimento interno.

Hoje, só se verifica escassez de alguns produtos agrícolas, quando fatores naturais se interpõem entre as plantações fartas e colheitas compensadoras

Desde os mais remotos anos da vida municipal, tem sido nossa lovoura constituida, principalmente, da cana de açúcar, feijão, milho, arroz (1) e mandioca.

É verdade que não há grandes lavouras no município. Surge, de quando em vez, um cidadão decidido a incrementar a agricultura em suas terras, prometendo melhorar suas

(1) No município, essa graminea é cultivada nos manguezais — terrenos alagadiços e pantanosos.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

condições; mas suas pretenções são logo absorvidas por atividades mais lucrativas, relegando, êle, assim, a segundo plano, sinão ao abandono, sua louvável pretenção.

Os nossos lavradores nunca cuidaram de adquirir sementes e mudas selecionadas e expurgadas nos departamentos públicos de assistência à lavoura, devido, alegam êles, ao isolamento em que se acha o município e à célebre falta de transportes. (2)

Não se conhece no município o métro de rotação de culturas, de ótimos resultados. Derribada a mata e preparado o terreno, a primeira semente nele lançada é o milho e, logo após, o feijão — 1ª. safra. No terreno reservado ao plantío do arroz não intercalam, nunca, outras plantações, do mesmo modo que nada se costuma plantar entre a cana de açucar e a mandióca.

Sob o ponto de vista agronômico, as terras do município não se acham ainda empobrecidas; pelo contrário, a sua fertilidade é ubérrima, graças ao humus natural que contêm.

(2) O Prefeito Romualdo Ulhôa Tomba foi o único dirigente do município que se lembrou de proporcionar-lhe um campo agrícola experimental, cujas finalidades deveriam ser, dentre outras, as seguintes:

1.º) Introduzir no município a lavoura mecânica, patenteando "de visu" aos nossos lavradores as suas vantagens, em relação aos processos rotineiros.

2.º) Fornecer aos agricultores do município sementes selecionadas e expurgadas.

3.º) Incrementar a cultura de plantas oleoginosas, como a mamona e, finalmente,

4.º) Aproximar do poder público os nossos agricultores, afim de serem amparados de perto e assistidos convenientemente por um técnico, que a Prefeitura faria vir para o município.

O campo foi uma realidade efêmera. Subsistiu durante dois anos, no logar "Babão", a 6 quilometros da cidade, O orçameno municipal, porém, não comportou. Mesmo assim, foram palpaveis os seus resultados.

Jamais receberam elas um ceitil, siquer, de adubo químico. Dispõem, apenas, de seus próprios elementos e estes mesmos suportam, anualmente, a ação destruidora do fôgo, motivo por que não se prestam elas a plantações sucessivas, por mais de três anos. Forçoso é salientar que há, no município, terrenos, especialmente culturais, constituidos de enormes zonas de natios. Outros, só se prestam a vegetações enfezadas. São os campos descobertos e cumiadas de serras, onde não houve resíduo algum que désse origem ao humus fertilizante. Pela esterilidade de algumas dessas regiões, têm sido responsáveis os desgastes erosivos.

As maregns dos nossos grandes cursos dagua são, em geral, de ótima cultura, mormente as ribeiras dos Rio Preto, rio Paracatú e afluentes de ambos.

Numa faixa de terreno que se estende da parte S' em direção ao N. do município, abrangendo partes dos distritos de Vazantes e Guarda-Mór, está a nossa melhor zona cultural. Essa extensa faixa abrange os arredores da cidade, compreendendo as fazendas Brocotó, Guerra, Agostinho Ambrósio, Frutuoso e os povoados de São Sebastião, Pituba, Lagôa de Santo Antônio e Santa Rita, estendendo-se às margens do ribeirão S. Pedro, até alcançar as nascentes do ribeirão Aldeia.

Sob o ponto de vista agrológico, são essas terras, como as das demais regiões férteis do município, mixtas, perdominando nelas as qualidades argilo-silicosas, ricas em humus e demais elementos necessários à fertilidade do solo. Em outras regiões, apresentam-se elas, igualmente humíferas, mas sob outros aspectos e diferentes côres. Atacam ordinàriamente nossas lavouras a saúva (himenoptero vulnerante), ondas de gafanhotos, (ortópteros saltadores, também chamados bucratos), o pulgão (hemíptero-heterópteros) e a lagarta (lepidóptero). São essas as pragas que mais danos causam às nossas plantações. Contra elas, tem sido eficiente o auxilio prestado aos lavradores, pe-

Fundo Oliveira Mello/Casa Setecentista/Arquivo Público de Paracatu

lo poder municipal, quer no seu combate direto, quer no fornecimento aos lavradores, de ingredientes e aparelhos necessários à extinção das pragas.

Um dos grandes entraves ao desenvolvimento da nossa lavoura, são os latifúndios. Os pequenos agricultores, sujeitos aos proprietários das terras em que trabalham, não passam de infelizes escravos seus. Lutam o ano todo, trabalham a vida inteira, suportando as mais vexatorias condições, para entregarem a êsses excelsos senhores, no fim de cada safra, o produto quasi integral de suas colheitas. A êsses indigitados lavradores, são impostas condições humilhantes, das quais nunca se libertam. Se percebem salários (3) de seus patrões, são êstes, de tal forma minguados, que longe ficam de corresponder às suas necessidades.

(3) É, evidentemente, difícil enquadrar numa resenha os salários percebidos pelos nossos agricultores, ou por quem se entregue a outra atividade similar no município, dados a diversidade de suas condições, e formas usuais de pagamentos. Em linhas gerais, porém, em épocas normais, estão, êstes salários, compeendidos entre:

Salário rural:			
Diária sem refeição	Cr$ 3,00	a	Cr$ 4,00
» com »	2,00	a	3,00
Campeiro			
Diária	Cr$ 4,00	a	Cr$ 5,00
Auxiliares			
Diária	Cr$ 1,00	a	Cr$ 2,00
Salário urbano:			
Carpinteiro — diária	Cr$10,00	a	Cr$12,00
Pedreiro »	Cr$10,00	a	Cr$12,00
Serventes »	Cr$ 4,00	a	Cr$ 9,00
Motorista »	Cr$10,00	a	Cr$15,00
Cosinheira » mensal	Cr$20,00	a	Cr$30,00
Salário dos Servidores Municipais:			
Administrador de turmas — diária com refeição	Cr$ 8,00	a	Cr$10,00
Idem, s/ refeição	Cr$10,00	a	Cr$12,00

Nessa hipótese, o pagamento é feito, quasi sempre, em mercadorias, o que torna mais alarmantes e precárias suas condições. Si colhem, nunca têm os celeiros providos. São eternos miseráveis, vivendo num solo ubérrimo e cercados de incalculáveis possibilidades.

A propósito dos salários, já disse Durkheim — "O salário dos operários depende de certas condições morais: sobe ou desce, conforme a idéia que formamos do bem estar que pode reivindicar um ser humano, isto é, no fim de contas, conforme a idéia que tivermos da pessôa humana."

Êsse sábio princípio sustentado pelo grande sociólogo Durkheim, fala bem de perto à consciencia do nosso empregador rural ou patrão, que vê em seu empregado ou "peão" humilde servo, a desbaratar suas energias inutilmente, sem que possa, com elas, pelo menos, assegurar a manutenção da prole. Mas o que importa àquele é o trabalho dêste. Tudo isto significa que a legislação trabalhista do país não chegou a êste rincão distante, para amparar e proteger a quem trabalha e a quem realmente produz. Como poderia um operário, nessas condições, suprir convenientemente as necessidades diuturnas de sua familia, sem lançar mão de recursos criminosos? É a escola dos indiciados. É a inópia corrompendo validades, inutilizando os esforços e criando pêsos mortos para o Estado. É a escassês e a insuficiencia imperando na perpretação dos delitos. É a necessidade originando o crime. São os

Diaristas — c/ refeição	Cr$ 4,00	a	Cr$ 6,00
Eletricistas ou uzineiro mensal			Cr$350,00
Auxiliares — mensal			Cr$120,00
Jardineiro — diária			Cr$ 5,00
Encarregado do matadouro — mensal			Cr$200,00
Encarregado do cemitério — mensal			Cr$100,00
Magarefe — diária			Cr$ 3,00
Coveiro »			Cr$3,00

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Público de Paracatu

soberbos senhores que, instituindo a fome, pretendem pacificar com ameaças, a miséria de quem os opulenta. Enquanto as consciências não se associarem, nosso meio social sofrerá sempre as consequências dessa luta insana e desigual. E as malversações não cessarão jamais.

Como os membros isolados de tôdas as classes pensam e agem diferentemente dos grupos e nunca se amotinam, preferem os empregadores conservar seus empregados destacados, distanciados de quem os possa instruir a respeito. Tudo isso fazem no intuito de impedir os conflitos. Mas a revolta, e ódio e a indignação residem sempre na alma do nosso trabalhador assalariado, inhábil e submisso. Surge, então, á lembrança um dos postulados da doutrina cristã, de que "a terra foi dada em comum a todos os homens." Exacerba-se, a moral social, avivam-se os ânimos, vicejam, para morrerem logo após, esmagados pela força, sufocados pela desigualdade do tôdo, a que tem que se submeter cada um dos membros do mesmo corpo social.

Porisso mesmo, a lavoura do município jamais foi suficientemente incrementada. Os responsáveis pela sua inércia alegam, como já dissemos, dificuldades de transportes. Em verdade, é óbvio o isolamento em que se acha o município; mas isso não justifica a deficiência de nossa produção, nem deve constituir motivo aduzido, de vez que o frete de retôrno é insignificante, relativamente ao das mercadorias importadas.

Em épocas normais, cobra-se de Patrocínio a Paracatu Cr$0,40 por quilogramo de mercadoria transportada e Cr$0,20 de Paracatú e Patrocínio, estação de via férrea mais accessível ao nosso comércio. Um saco de café, por exemplo, com 60 quilogramos, transportado daquela praça fica onerado de Cr$24,00 de fréte; se exportado à mesma, êsse onus se elevaria apenas a Cr$12,00.

Nada, portanto, além dos latifúndios, justifica o descaso

votado pelo nosso pôvo ao sagrado amanho da terra

A pomicultura, no município, é desordenada. Mesmo assim, seus produtos são abundantes, prestando-se, apenas, ao pequeno comércio. Embora não haja quem dela cuide especialmente, em quasi todos os quintais da zona rural e, não raro, das zonas urbanas, há grandes variedades de arvores frutíferas.

A horticultura é pouco cuidada na zona rural; A floricultura constitui trabalho feminino, prestando-se as flores aos adornos de igrejas e residências particulares. Não constituem nunca objetos de negócio. Cada familia cuida da sua roseira e dos espécimes que mais lhe agradam, cujas mudas ou sementes adquire na casa da vizinha ou da comadre.

CAPITULO XVI

CRIAÇÃO

Dêsde os primórdios da vida municipal, assumiu, incontestàvelmente, a indústria pastoril, a liderança da nossa economia rural. Ainda hoje, constitui ela a sua principal riqueza, o pivô, em tôrno do qual giram as demais atividades municipais.

Embora numèricamente desfalcados, em relação a outros tempos, os nossos rebanhos apresentam-se, na atualidade, em condições bastante melhoradas, graças às seleções de raças que vêm sendo feitas por alguns criadores, mais evoluida, que pretendem arrancar da rotina os processos usuais de criação.

Não obstante nosso propósito de não citar nomes, quando falamos em tése, forçoso, no entanto, é salientar, aquí, a ação louvável do sr. Lindolfo Adjucto, como pioneiro da seleção de raças bovinas, no município. Já que nos referimos a êle, cumpre-nos lembrar os srs. Dr. Joaquim Brochado, Ri-

Fundo Oliveira Mello/Cod.651/Acervo Arquivo Público de Paracatu

cardo Adjucto, Leopoldo Faria, José Botelho Sobrinho, Irineu Torres Brochado, Irmãos Santiago, Raul Botelho, inteligentes fazendeiros que vêem cuidando com carinho da seleção de seus rebanhos.

Ao lado dos grandes fazendeiros, há uma infinidade de pequenos criadores, que integram a exuberância da produção anual do município. Como logo se percebe, em Paracatú é fomentada, de modo particular, a criação bovina, elevando-se a cêrca de 100.000 cabeças o rebanho do município.

Da pecuária vivem, exclusivamente, vários de nossos fazendeiros. Muitos, nunca cuidaram de outro mistér. É a ela que se dedicam. É a vida do município. As matas virgens, dissemos, cedem lugar aos pastos artificiais, onde são semeadas gramineas a que já nos referimos alhures e onde são recolhidos os rebanhas, até então criados às sôltas. É verdade, que êsses pastos artificiais facilitam a seleção dos rebanhos e o cruzamento das raças. Dentre essas, as mais difundidas no município são a Gir, Guzerá e o tipo Indo-Brasil, economicamente expressivo, produto híbrido, resultante do cruzamento dessas duas raças.

Embora iniciadas há tempos, as seleções vêm sendo intensificadas há pouco, sobretudo pelos criadores, cujas sólidas condições econômicas lhes permitem adquirir, fora, especialmente em Uberaba, reprodutores de puro sangue, em virtude de não haver no municipio nenhum posto oficial de assistência à pecuária.

Nossos rebanhos desconhecem, ainda, os banheiros carrapaticidas e sarnífugos, bem como outros processos racionais inherentes à criação.

A perigosa ameaça das sêcas rigorosas e prolongadas constituiam, sempre, em algumas regiões, o grande espantalho dos criadores. Êsse mal está em vias de ser compensado, graças à introdução de forragens especiais no município.

Dentre as moléstias que mais vitimam nossos rebanhos, causando sérios prejuizos aos criadores, destacam-se:

1º) A coroára, que não passa de uma pneuro-enterite, vulgarmente conhecida por "curso". Ataca as crias novas, manifestando-se em inchações nas junturas, atrofiamento do animalzinho, resultando esmorecimento geral do mesmo. As inchações articulares redundam, quasi sempre, em pús.

É causada, provavelmente, por excesso de umidade, de vez que se intensifica nos periodos de chuvas rigorosas e inverno insistentes. Os processos de cura, usuais no município, são ainda rudimentares. Consistem, sobretudo, em resguardar as crias atacadas, fumentando-se-lhes as regiões afetadas. Mesmo assim, a caroára causa, anualmente, sérios prejuizos aos nossos criadores.

2º) A moléstia que, indubitavelmente, mais ataca os rebanhos bovinos do município é a peste da manqueira. Os criadores especificam-na por carbunculo (1) sintomático. Quando ataca as crias novas, manifesta-se em contrações nervosas, manqueiras, fastio e excessivo atrofiamento.

Devem, no entanto, lembrar os nossos criadores de que, no Brasil, o carbunculo propriamente dito é frequente, apenas, no vale do Paraiba (Estado do Rio), em cuja região se acham os chamados "campos malditos".

É verdade, que em nossos meios são empregados, com palpáveis resultados, como preventivos, nos casos dessas manifestações, sôros anti-carbunculosos.

Um dos motivos que nos levam a afirmar não serem os nossos rebanhos atacados do verdadeiro carbúnculo, é o fato de ser absolutamente impossivel debelar êsse mal, sem que não se incinere a rez atacada.

(1) Molestia infecciosa, comum ao homem e aos animais.

Fundo Oliveira Mello/Cad.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Nossos criadores não têm êsse cuidado e, no entanto, o mal não se alastra entre os rebanhos com tamanha intermitência e nem é demais assustadora a sua virulência. O repouso do rebanho atacado basta, como tratamento específico, para exterminar completamente o mal.

3º) Outra moléstia que ocasiona sérios prejuizos ao gado do municipio é a aftosa, peste intermitente, que ataca de preferência o animal adulto. A sua primeira manifestação são as aftas, formadas na bôca da rez afetada, dando origem a frequentes esputos. Manifesta-se ainda por feridas nos interstícios das unhas, fazendo-as crescer de tal forma, que chega a tolher a marcha da rez atacada. Daí, a sua denominação vulgar de peste de unha. A essa altura, o mal tornou-se crônico. Os criadores mais evoluidos preservam a moléstia com eficientes antídotos; outros, curam-na por processos rudimentares, sendo o mais conhecido a aplicação de sal moido misturado com cinza.

4º) Além desses males, há ainda outra peste que raramente ataca os rebanhos do município. Embora não especificada, presume-se tratar-se da alopecia. O seu principal sintoma é a excessiva elevação da temperatura do animal atacado, resultando na desagregação da camada epitelial, juntamente com os pêlos. As feridas e bicheiras são a sua imediata consequência. As rezes afetadas são consideradas perdidas: raramente escapam.

5º) Em algumas regiões do município, notadamente nas chapadas, vertentes do rio S. Marcos, é frequente a "secadeira", espécie de tuberculose, cuja cura consiste, apenas, na retirada do rebanho para outra região.

Quanto às criações cavalar e asinina, podemos, de modo geral, afirmar que bastam apenas às necessidades da criação bovina e à serventia particular do nosso homem rural. Sòmente agora, vieram para o município alguns garanhões de

sangue árabe. Atá então, poucos existiam com percentagem de sangue de campolina, ou mesmo manga-larga, raças tão disseminadas no país.

Os mús, preferidos para viagens longas, são igualmente aproveitados para pequenos transportes, entre nós. Sua criação é ainda menos intensa, devido aos cuidados que requer, embora seja mais compensadora.

Não há no município nenhuma coudelaria nem outros processos racionais de criação de raças cavalares

Em geral, a moléstia que vitima nossa espécie cavalar, é o crup, espécie de laringite diftérica, vulgarmente conhecida por garrotilho. É mais rebelde nos animais descansados.

A desarticulação das espáduas, é tambem comum nos logares onde predomina a forragem "melines mimitiflora",(capim gordura).

A criação suina, é ainda rudimentar no município. Basta, apenas, ao consumo interno. Não obstante, de quanto em vez, algum comerciante do gênero retira algumas centenas de suinos magros do município. Essa peqnena exportação, porém, é compensada pela banha que nos vem de outras praças, afim de suprir as deficiências do consumo interno.

Tudo indica que, muito breve, o município estará em condições de exportar, não só exemplares vivos da espécie, como os seus produtos, de vez que a criação de suinos vem se intensificando, graças aos excelentes resultados que se têm obtido com o cruzamento de raças.

Entre nós, a principal molestia que vitima a espécie suina, é a peste conhecida por "batedeira". É uma espécie de febre intermitente, causando excessiva intensidade respiratória, bem como frequentes e desordenadas contrações nervosas. Curam-na, às vezes, com soluções em que entra o mastruço como ingrediente básico.

Quanto aos lanígeros e caprinos, quasi não merecem re-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ferência alguma, devido à insignificância numérica dos rebanhos do município. Do mesmo modo, pouca influência exercem na economia rural. Constituem simples complementos da alimentação do nosso homem rural.

Relativamente à avicultura, basta-nos dizer que cada familia da zona rural (e mesmo das zenas urbanas) cuida da criação de alguns galináceos, dentre os quais a galinha comum (familia dos fasianídeos), o perú, a galinha de angola (1) (familia dos meleagrídeos). Dentre os palmípedes, destaca-se o pato (lamelirostos), criado em menor proporção.

Os produtos dessas criações destinam-se, apenas, ao consumo interno, constituindo objeto de pequeno comércio.

A apicultura e a sericultura são cuidados no municipio apenas por um cidadão, mesmo assim em escala mínima.

De modo geral, a exportação bovina é intensa. Saem do município, anualmente, cerca de 10.000 novilhos para os diversos centros importadores, notadamente para as zonas do Oeste e Sul de Minas e Barretos, no Estado de S. Paulo.

Ao consumo interno bastam as vacas (2). Quando essas já não se prestam à criação, devido à idade ou a outro fator qualquer, os criadores vendem-nas aos açougueiros, para abas-

(1) Vulgarmente conhecida por "cocá".

(2) Durante o ano de 1941 foram abatidas para consumo do município:

Vacas (e alguns bois)	1.567
Vitelos	54
Suinos	1.166
Carneiros	49
Cabritos	41

Dos totais acima, foram abatidos no matadouro da cidade:

Vacas (e alguns bois)	846
Vitelos	14
Suinos	129
Carneiros	2
Cabritos	2

tecimento público. Algumas vezes, porém, êsses motivos são relegados, em virtude de situações prementes em que se encontram, não raro, alguns pequenos criadores. São, então, as vitelas que os salvam.

A criação bovina, em suma, é o pão do município.

CAPITULO XVII

PROPRIEDADE TERRITORIAL

O território do município está cabalmente subdividido em propriedades rurais. Em Paracatú, não há terras devolutas ou propriedade agrícolas-pastoris pertencentes ao município, ao Estado ou à União. Os nossos mais afastados recantos, integram latifúndios exorbitantes. São comuns, no território do município, imóveis de áreas superiores a 40.000 hectares, do mesmo modo que é frequente a um só fazendeiro pertencerem vários dêsses imóveis. Em muitos casos, é vexatória a presssão exercida por êsses soberbos latifundiários sôbre os seus pequenos confinantes, na ânsia incontida de absorvê-los, sem outra finalidade além do alargamento indefinido de suas propriedades. É grande demais e por demais nefasto a influência exercida por êles sôbre a vida economica do município, de vez que, em suas mãos, as terras prestam-se, exclusivamente, à criação de seus rebanhos. As propriedades agrícolas e pastoris, exploradas, no município, elevam-se a 1.770, estando assim distribuidas:

Distrito da cidade:

Zona urbana	1
» suburbana	5
» rural	659

Fundo Oliveira Mello/Cód.837/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Distrito de Guarda-Mór:		
Zona urbana	1	
» suburbana	2	
» rural	291	294
Distrito de Unaí:		
Zona surburbana	5	
» rural	565	570
Distrito de Garapuava:		
Zona rural		55
Distrito de Lages		
Zona rural		89
Distrito de Vazantes:		
Zona urbana	3	
» rural	94	97
		1.770 (1)

Nêsse número, como já fizemos sentir algures, não estão computadas as propriedades inexploradas, que se elevam a 4.332, segundo os lançamentos territorias do Estado.

Quanto ao valor venal dêsses imóveis, é difícil precisá-lo com absoluta coerência, de vez que êste varia frequentemente, sobretudo em relação às suas localizações. Por outro lado, constitui fator preponderante, a natureza das terras. É verdade que, nas proximidades da cidade, se encontram terrenos cujo preço se eleva a Cr$200,00 por hectare, do mesmo modo que,

(1) Recenseamento de 1940.

em localidades distantes, terrenos há, que não atingem a Cr$ 1,00 por hectare. Na zona rural, em média, os campos e cerrados descobertos são cotados à razão de Cr$10,00 o hectare. As matas virgens e cerrados espêssos valem a Cr$30,00, Cr$. 40,00 e Cr$50,00 o hectare, conforme suas propriedades culturais. As áreas constituidas de forragens especiais, atingem a Cr$10,00 nas zonas rurais e Cr$500,00 o hectare, nas vizinhanças das zonas urbanas.

Relativamente às alienações, o valor venal de nossas propriedades nenhuma proporção percentual tem com o locativo fixado pelas exatorías, em que se baseiam os poderes públicos para cobrança de tributos. O valor venal é, entretanto, calculado à razão de 20% sôbre o locativo, embora seja êsse cálculo, poucas vezes, tomado em consideração.

CAPITULO XVIII

INDÚSTRIA

As indústrias predominantes no município são a pastoril e a sua resultante: a de laticínios. O queijo e a manteiga são os principais produtos industriais de nossa exportação.

Devido ao elevado preço do gado, últimamente verificado, e às imposições fiscais, mesmo essas indústrias vêem sendo pouco cuidadas no município. Nossos grandes criadores preferem deixar que os bezerros se nutram com todo o leite, a cuidarem da industrialização dêste. Essas indústrias estão, assim, em pleno declínio em Paracatu. Não obstante, produz ainda algumas toneladas de manteiga e queijo, anualmente, que são exportados, de preferência, para Pirapora e Patrocídio. Até então, nossos grandes criadores quasi que só cuidavam do fabrico da manteiga. O queijo era peculiar, so-

Fundo Oliveira Mello/Coleção/Acervo Arquivo Público de Paracatu

bretudo, aos pequenos fazendeiros, independentemente de qualquer organização frutuária. Os processos de seu fabríco são os mais rudimentares possiveis.

Houve época, em que se contavam 14 fábricas de manteiga no município, além de algumas do município de Cristalina, cujos produtos se ajuntavam aos nossos, para serem exportados. Na atualidade, há no município 6 fábricas, com uma produção anual média de 12.000 quilogramos.

Nossa indústria manufatureira é quasi nula. Os estabelecimentos dêsse gênero, existentes no município, não passam de simples prestadores de serviços, quer pela produção exígua, quer pela precariedade de suas organizações. Mesmo assim, além dos de laticínios, há, no município, 9 estabelecimentos industriais autonomos, dos quais 6 se acham na cidade e os demais, em seus arredores.

Dentre as emprezas industriais da séde, destacam.se:

1.º) Fábrica de arreios, calçados e artefatos de couro, pertencente ao sr. Adriles Ulhôa, tendo um cortume como dependência. Sua produção é já bastante intensa e os excessos do consumo local são exportados para os municípios vizinhos, como: João Pinheiro, Patos, Coromandel, Monte-Carmelo e Cristalina.

2.º) Indústria de madeira — Há na séde municipal duas fábricas de móveis, regularmente aparelhadas e ambas acionadas a força motriz. Pertencem e são exploradas pelos srs. Carvalho & Cia. e José Mundim e Cia. A produção de ambas, é destinada inteiramente ao consumo do município.

3.º) Cerâmica — Localizada na zona suburbana da cidade, há uma fábrica de telhas francesas, manilhas e tijolos, de propriedade do sr. José Rodrigues Guimarães. Seus produtos têem sido vendidos para diveras localidades vizinhas.

Há, na zona rural, duas serrarias movidas a fôrça hidráulica, localizadas nas fazendas Córrego Rico e Lavras, pertencentes aos Joaquim Botelho & Irmão e Rodolfo Adjuto, respectivamente.

A indústria açucareira e fábricas de aguardente são em número bastante elevado, no município. Dentre outras, destaca-se a Granja Santiago, cujos maquinários constituem a melhor organização no gênero, existente em Paracatu. Movida a vapor, produz em abundância: açucar, aguardente e álcool.

Várias outras fábricas de aguardente existem no município, sendo dignas de referência as pertencentes aos Srs. Benvindo Manoel Teixeira e Prisco Alves Campos, movida a vapor; Joaquim Botelho & Irmão, movida a fôrça hidráulica; Benedito Dantas dos Reis Calçado, José Felix de Morais Lima, Francisco Pinheiro e Joaquim da Silva Neiva, sediadas respectivamente nas Fazendas S. Sebastião, Córrego Rico, Frutuoso, Pituba, Santa Maria e Bibóca.

A administração municipal, no intúito de incrementar as indústrias locais, concede-lhes, mormente no período de suas organizações, os favores que lhe é possivel e lhe são solicitados. As organizações industriais do município não proporcionam assitência alguma a seus operários. Premidas por leis, mantêem em vigor, algumas, suas contribuições ao Instituto dos industriários, tão sòmente.

Os fatôres que mais dificuldades criam ao desenvolvimento de nossas indústrias são, sem dúvida, a distância que separa o município dos principais centros importadores de seus produtos e a deficiência de nossos meios de transportes. É bem verdade, que o Prefeito Romualdo Ulhôa Tomba jamais mediu sacrifícios para minorar essas dificuldades, como adiante veremos.

CAPITULO XIX

COMÉRCIO

Se em vários ramos da atividade humana, Paracatu, pe-

Fundo Oliveira Mello/Cod.091/Acervo Arquivo Público de Paracatu

las suas condições geográfico-econômicas, jàmais se fez sentir, o mesmo não tem acontecido em relação ao seu comércio. Foi o ouro que deu início às primeiras transações comerciais do município. Durante longos anos constituiu, aquí, o ouro em pó, o único "padrão" de moeda corrente e usual, cuja unidade básica era a oitava. Essa, ao "cambio da época", era cotada a Cr$1,20. Tôdas as transações se efetuavam, tendo por base o lastro, extraido das proprias minas da localidade. O poder municipal controlava-o. E como era abundante o precioso metal, intensas se tornavam as transações efetuadas.

Houve época em que Paracatú parecia haver-se transformado em verdadeiro emporio comercial da Provincia de Goiás e do Sul da Bahia. Os filhos da terra de Barlolomeu Bueno foram os nossos primeiros e mais valorosos freguezes. Os habitantes dos sertões ressequidos da Bahia aquí vinham em busca de cereais para abastecimento de seus celeiros.

Pouco a pouco, vários centros importadores de nossos produtos foram-se emancipando econômicamente, ficando o comércio de Paracatú reduzido quasi, ao ouro, ao gado e subprodutos dêste.

A partir das duas últimas décadas, porém, vem o município se reabilitando comercialmente, impondo-se, de novo, como exportador fluente de vários produtos.

A produção agrícola é, na maioria, vendida aos comerciantes locais, nas épocas das colheitas.

Nossos lavradores são de tal modo imprevidentes, que às suas huchas não recolhem, siquer, o necessário à manutenção de sua prole. Adquirem depois, aos quilos, por preços triplicados, os mesmos produtos que venderam pouco ontes. Algumas vezes, é essa incoerência premida por compromissos inadiáveis e, não raro, motivada por pressão exercida sôbre êles, pelos credores, em virtude de débitos contraidos anteriormente às plantações.

Com relação à pecuária, já não acontece o mesmo. Seus produtores são economicamente libertados. É verdade, que o mesmo acontece a alguns lavradores, que costumam trazer seus cereais ao mercado municipal e vendê-los a quem melhores preços lhes possa oferecer.

Quando se prevê, no município, escassêz de determinado gênero, surgem logo os "profetas de Israel", açambarcando as pequenas reservas de que têm notícias.

Pouco depois, têm início as extorsões. Mistér se torna, então, a interposição do poder municipal, afim de velar pela economia pública.

Nosso comércio mantem transações com várias praças do Estado, notadamente com Belo-Horizonte, Juiz de Fora, Ubá, Itajubá, Formiga, Divinópolis, Patrocínio, Patos e Pirapora. Fora, com o Estado de S. Paulo e Rio de Janeiro — DF.

Dentre os principais artigos importados pelo município, destacam-se: tecidos, ferragens, armarinhos, calçados finos, bebidas, sal, drogas, etc.

Dentre os produtos de sua exportação, a que já nos referimos, avultam: o ouro, o boi, os produtos de laticínios, a aguardente, o açucar, etc. Nos últimos tempos, tem-se intensificado nossa exportação de cereais, principalmente do arroz.

A influência das estradas de rodagem no desenvolvimento do nosso comércio, é extraordinária. Única via de comunicação de que dispõe o município, não poderia ser outra, a sua expressão econômica. Nunca se sentiu, por elas, o escoamento de nossos produtos, a ponto de prejudicar o consumo interno, graças à ação vigilante e louvável do poder municipal.

Os estabelecimentos comerciais do município, em número de 85, estão assim distribuidos:

Distrito da cidade:	
Zona urbana	57

Fundo Oliveira Mello/Cod.831/Acervo Arquivo Público de Paracatu

" suburbana	4	
" rural	4	65
Distrito de Guarda-Mór:		
Zona urbana	3	3
Distrito de Unaí:		
Zona urbana	8	
" rural	2	10
Distrito de Lages		
Zona urbana		2
Distrito de Vazantes		
Zona urbana	4	
" rural	1	5
TOTAL		85

Nesse total, estão incluindos, apenas, os estabelecimentos comerciais propriamente ditos, exceto os de capital inferior a Cr$500,00.

O comércio ambulante é pouco exercido, a menos nas romarias religiosas, como nas festas da Lapa e do Boqueirão.

CAPITULO XX

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

O problema do transporte constituiu sempre grande entrave ao desenvolvimento do município. É verdade que, desde longos tempos, a vida municipal vem se mantendo estável, não obstante a deficiência de nossos meios de comunicação. Tolhido, pela falta de escoamento de seus produtos, o nosso agricultor quedou-se na sua perniciosa rotina, ante a desnecessidade de incrementação de suas atividades agrícolas. Hoje, êsse problema vem sendo solucionado, graças aos esforços de nossos dirigentes.

O govêrno fecundo e benemérito do sr. Antônio Carlos, proporcionou-nos a mais importante de nossas vias de comunicações: a estrada de Patos, com escalas por S. Pedro da Ponte Firme, Presidente Olegário e ramificação para João Pinheiro. Iniciada, há anos, por iniciativa particular, a estrada de Patrocinio é hoje outra realidade, de que se orgulha o Paracatuense. Incrementada convenientemente nas administrações dos prefeitos Quintino Vargas e Dr. M. Pimentel de Godoi, foi ela terminada há três anos, graças aos louváveis esforços do atual Prefeito.

Pôs-nos essa estrada em contato com os distritos de Guarda-Mór e Vazantes e com os municípios de Coromandel, Patrocínio e, consequentemente, com os trilhos da R.M.V., escoadouro principal de nossos produtos e por onde nos vêm quasi todos os artigos de nossa importação.

A estrada que liga Paracatu a Pirapora, embora nem sempre se apresente em condições apreciáveis de tráfego, é resultante de inauditos esforços particulares, a par de escassos auxílios de poderes municipais. A partir da cidade, aproveitado um trecho da estrada do Porto do Buriti, (25 quilômetros) pertence ao Estado. Dalí ao Porto do Cavalo, no Rio Preto, é de propriedade municipal, sendo resultante da própria natureza do terreno. Segue por trechos construidos e melhorados por particulares, até à cidade de Pirapora, em cujas imediações pertence àquela municipalidade.

Ao Estado de Goiás, o municipio é ligado por sofrível estrada, de propriedades municipal e particular — do sr. Francisco Botelho — até sua fazenda, no município de Cristalina. Um ramal da mesma estrada, recem-construido, liga esta cidade ao Porto Faustino Lemos.

Com a séde distrital de Unaí, pomo-nos em comunica-

Fundo Oliveira Mello/Cod.831/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ção por estrada de propriedade particular. Essa raramente se apresenta em condições de trânsito; mesmo assim, constitui a nossa principal via de comunicação com aquêle distrito. Por ela, é feito todo o comercio daquele distrito.

Aos distritos de Lages e Garapuava, está a séde municipal ligada, apenas, por estradas carroçáveis. Estas, porém, prestam-se ao trânsito de automóveis, em determinadas épocas do ano, graças aos ligeiros reparos nelas procedidos, frequentemente, pela Prefeitura local e por particulares interessados.

Uma de nossas, melhores estradas de rodagem é, sem dúvida, a que vai ao Porto do Burití, no rio Paracatú, ponto terminal de sua navegação. Como já dissemos, é de propriedade do Estado e está sempre em bôas condições de tráfego.

Dispomos, igualmente, de uma estrada de rodagem, pertencente à municipalidade, que da acésso à Usina hidro-elétrica do ribeirão da Prata. Esta, nem sempre se acha em bôas condições, em virtude da inacessibilidade do terreno em que foi aberta, devido a obstáculos que a ela se interpõem, sobretudo nas estações chuvosas.

Nenhuma de nossas estradas foi construida obedecendo rigorosamente a condições técnicas. Quando a natureza do terreno exige, alguns trechos vão revestidos de uma mistura de areia e cascalho, forrados de pedra ou assoalhados de madeira.

A rêde rodoviária do município eleva-se a 666 quilômetros, dos quais 378 pertecem à Prefeitura, 106 ao Estado e 182 a particulares.

No interior do município, o transporte mais comum é o de carro de bois. Embora moroso, é accessivel a tódas as vias, tornando-se, assim, mais eficaz, mais econômico, mais eficiente. Todo criador possui o seu carro, não só para atender aos serviços de sua fazenda, como para transportes longos.

A navegação do rio Paracatú constitui, efetivamente,

uma de nossas principais vias de comunicações nas estações chuvosas.

Atualmente, duas empresas de transportes, regularmente organizadas, servem ao municipio:

1.º) A do sr. Mario Dias, constituida de ônibus, com itinerário periòdicamente regular, até Patrocínio, via Coromandel.

2.º) A dos Irmãos Rabelo, com o mesmo itinerário, mas destinada ùnicamente ao transporte de carga, em épocas normais. Hoje, devido à irregularidades oriundas do estado de guerra em que se encontra o País, essas emprezas tornaram-se mistas e elevaram bastante suas tabelas de passagens e quotas de fretes.

Além dessas emprezas, o transporte de mercadorias é feito por alguns caminhões de propriedades particulares, independentemente de qualquer organização e sem itinerários fixos.

Rememorando os antigos tempos da vida municipal, há ainda quem adote como meio de transporte as bestas de cargas, os cargueiros, constituídos por grandes e ruidosas comitivas, percorrendo distancias avantajadas, com atividades apenas no interior do município.

CAPITULO XXI

ATIVIDADES DIVERSAS

HOTÉIS E PENSÕES:

Há na séde municipal 2 hotéis e 1 pensão. Na séde distrital de Unaí há apenas 1 pensão. Embora não apresentem condições excelentes de hospedagem, alojam êsses estabelecimentos todos os hospedes que os procuram, proporcionando-lhes confôrto relativo. Quanto à mêsa, gozam os hotéis de

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

elogiavel reputação. São todos explorados por particulares, que são também seus proprietários.

Quando vêm à cidade, nossos habitantes rurais nunca os procuram. Hospedam-se em casas de conhecidos, amigos, compadres e patrões ou alojam-se nas dependências do mercado público, onde nada têem a pagar. Sempre que são forçados a se demorar alugam casas, mas nunca se sujeitam aos hoteis ou às pensões.

RÁDIO:

Não há no município nenhuma estação rádio-difusora, do mesmo modo que não se pratica o rádio-amadorismo. O uso do rádio-receptor não está ainda suficiente generalizado. A cidade não conta ainda com uma centena de aparelhos, quando as condições pecuniárias locais comportariam facilmente 200.

Durante as irradiações dos programas que mais interessam à massa popular, afluem os seus fans aos salões dos bares para ouví-los. O paracatuense, de modo geral, não revela preferência acentuada por determinados programas. Os homens, na atualidade, preferem os comentários sôbre a situação bélica em que se acha envolvido o mundo. As senhoras, alguns programas musicais e dramáticos. As crianças ouvem com agrado as partes humoristicas e "horas-infantís". A "Hora do Brasil" (e isto é lamentavel!) é pouco sincronizada. Muitos há, que anseiam pelo seu término. Fecham seus aparelhos ao ouvirem os primeiros acordes do hino da Patria.

CASAS DE MODAS:

Não há uma só casa de modas na cidade; não obstante, em geral, nosso pôvo veste-se bem, sobretudo a classe mais representativa.

As senhoras confeccionam — elas mesmas — seus vestidos, com primor, gôsto, elegância e talho. Ás vezes, também, os adquirem fora, de preferência na capital do Estado. Os mais custosos modelos apresentam-se, comumente, como se dispusessemos de habilidosos profissionais especializados, no gênero.

Os homens, em geral, servem-se das alfaiatarias da cidade. Raramente confeccionam, fora, seus ternos, de vez que, cuidadosos, os nossos alfaiates acompanham sempre as inovações da arte.

PRESTAÇÕES DE SERVIÇOS:

A prática de prestações de serviços, embora não seja intensa no município, basta perfeitamente às necessidades da população. Dentre os principais profissionais, destacam-se os alfaiates, sapateiros, cabeleiros, funileiros e costureiras. Há no municipio, com exceção das costureiras, que não possuem organizações apropriados à profissão, 45 estabelecimentos prestadores de serviços, assim distribuidos:

Distrito da cidade:		
Zona urbana	40	
Distrito de Guarda-Mór:		
Zona rural	3	
Distrito de Unaí:		
Zona urbana	2	45

CAPITULO XXII

ASPECTOS SOCIAIS

ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO:

Fundo Oliveira Mello/APCBS/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Paracatú é um dos municípios do interior brasileiro que se orgulham de possuir menor índice de analfabetos. O desvelo que nossa gente sempre devotou a êsse magno problema, merece os aplausos de quantos vêem na educação o mais significativo expoente do desenvolvimento social e cultural de um povo.

Não obstante a vastidão do seu território, desde os mais remotos tempos coube a Paracatú a vanguarda da alfabetização, no interior. É verdade que os expoentes dessa glória nunca vieram da zona rural, onde os estabelecimentos de ensino são ainda numéricamente deficientes. Em face da impotência dos poderes públicos para manterem escolas em cada aglomeração demográfica do interior, não raro, em cada sítio, surge alguém que se incumbe de vencer êsses obstáculos, dotando o recanto em que vive de uma escola, por menos, eficiente que seja., O ensino ambicionado pela nossa gente rural — e o único que lhe tem sido efetivamente ministrado — não vai além da leitura simples, escrita rudimentar e vagas noções numéricas. Os problemas da vida prática e os valores monetários são familiares, até mesmo aos inteiramente analfabetos. Em geral, quando as condições econômicas permitem ao nosso homem rural manter seu filho num estabelecimento de ensino qualquer, nunca consente que êsse termine o curso. Considera-o logo apto a voltar às atividades da fazenda, de onde o retirou consternadamente, com sérios prejuizos para os misteres de sua lida cotidiana.

A criança da zona rural, nunca vai à escola nas épocas de intenso labôr agrícola. Seu serviço é indispensável e não há razões que se contraponham a essa deliberação paterna. Durante a "vigía", o índice de frequência das escolas rurais cai sensivelmente.

É lastimável o que se nota ao penetrar numa sala de áulas de nossa zona rural. Verifica-se, mesmo sem auxilio de

conhecimentos pediátricos, a diversidade de tipos escolares — alguns verdadeiros "gateaux", — que de modo algum seriam capazes de acompanhar a marcha dos programas e o desenvolvimento intelectual de seus colegas normais. De modo geral, as necessidades individuais da criança escapam aos tacanhos conhecimentos das professoras rurais. A falta de conhecimentos pedagógicos dessas professoras não lhes permite aplicar à sua classe — ou a cada tipo — métodos que atendam às necessidades físico — psíquicas do escolar. Dêsse modo, não se adaptando à escola, a criança é uma eterna insatisfeita. Não há mesmo reconciliação satisfatória ou harmonia entre métodos, processos de ensino, professores e alunos. Também a má alimentação é responsável por inúmeros distúrbios de que se ressentem os nossos escolares. Não raro, as primeiras manifestações físicas da puberdade suspreendem o adolescente na mais intensa fase escolar, em luta com um aprendizado intensivo, irracionalmente ministrado. Êsse encontro é motivado, sobretudo, pelas nossas condições climatéricas, onde a grande crise é sempre antecipada.

" — Época de crise, de instabilidade, de fermentação física e psíquica em que tudo se move, se choca numa febre de vida, de trabalho, de tempestade subterrânea que, aqui e além, abaixa e levanta, arraza e constrói fôrças, sentimentos, aptidões e idéias". "... que exigir de uma criança uma força de trabalho intelectual, ainda que não demasiada, no momento preciso em que o corpo faz apêlo a tôdas as energias que nele se encontram e de que êle precisa para o seu desenvolvimento, particularmente exigente, é, em lugar de educar, destruir e quantas vezes irreparavelmente." (1)

Stanley Hall e Sebatier são de parecer que na época da

(1) Faria de Vasconcelos — "Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental" — pags. 82 e 85.

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

puberdade "pelo menos durante o ano da crise mais intensa, suspendam-se os estudos".

Entre nós, dá-se precisamente o contrário. É justamente nesse período, que se estabelece a luta entre a criança púrbere e os programas escolares, resultando na inutilidade de esforços mútuos. A essa altura, a mocinha, não tolerando a escola abandona-a. Está bastante crescida para sujeitar-se às imposições paternas. Tambem, os interêsses de ordem afetiva vão despontando: é a fase do amôr que se inicía. É a menina que se libertou da infância, que já dilacerou o véu da puberdade, que se fez mulher, que está pensando em casar-se, mas que nada conseguiu aprender. É, apenas. uma analfabeta que passou inútilmente pela escola.

Não obstante os esforços dos chefes de familias, conjugados com interêsses do poder público, é ainda deficientíssimo o ensino na zona rural do município. A Prefeitura mantém 13 escolas rurais (1), onde se acham matriculadas 682 crianças. Essas escolas estão localizadas nos principais núcleos de população do município. Para frequentá-las, não raro alguns escolares percorrem diàriamente distancias superiores a 6 quilômetros. Providas, com exceção de 2, de professoras leigas algumas portadoras de reduzidos conhecimentos, é natural que quasi nada se possa esperar dêsses estabelecimentos. A falta de fiscalização diréta, diminui a possibilidade dos resultados obtidos no fim de cada ano letivo.

Nas zonas urbanas, o ensino é um pouco mais racional. Na cidade, o primário é ministrado no Grupo Escolar, desde 1908. Foi êste estabelecimento intalado a 26 de setembro daquele ano, graças aos esforços de ilustres filhos da terra, dentre os quais os Drs. Afranio de Melo Franco e Sérgio Ulhôa,

(1) Nossas escolas rurais estão assim distribuidas no municipio: — dist. da cidade, 7: G. Mór, 1; Unaí 3; Lages, 1; Garapuava, 1.

à ação meritória do Dr. Carvalho de Brito, então Secretário do Interior do Estado. Êsse modelar estabelecimento, a que deram o nome de um grande paracatuense — Afonso Arinos — teve como primeiro diretor o sr. Demóstenes Roriz. Intergraram-no sempre professores de reconhecido valor intelectual e sólidos conhecimentos pedagógicos.

Na atualidade, sua matrícula é de 848 alunos, elevando-se a 592 a sua frequência média. Seu corpo docente é constituido de 23 professores, das quais 20 são normalistas. O número de alunos diplomados em 1941, elevou-se a 51. É digno de louvor o interêsse com que, anualmente, se processa a sua matrícula. Todos os quadrantes da cidade e regiões circunvizinhas são percorridos pelas professoras, à procura de crianças para serem matriculadas.

A caixa escolar anexa ao estabelecimento, fundada em 15 de Novembro de 1912, fornece vestuário, material escolar e merenda aos alunos pobres, na importância de Cr$9,00 diários, em média. Tão sólida se acha essa instituição, que não obstante êsses dispêndios, acusa, atualmente, um saldo superior a Cr$10.000,00.

Além do Grupo Escolar, há ainda na cidade a escola primária particular "Jesús Maria José", onde o ensino é eficientemente ministrado pela veneranda professora Júlia Camargos.

Nas demais sédes distritais, o ensino é também subvencionado pelo Estado. Em Unaí, está a cargo de 2 normalistas e apresenta-se eficiente e bem orientado sob todos os aspectos. Sua matricula eleva-se a 195 alunos.

De um modo geral, tendo-se em vista a população do município, são insignificantes, numéricamente, as escolas existentes, o quociente de sua matricula e média de sua frequência, em relação a 8.000 crianças em idade escolar existentes no território paracatuense. Lastimàvelmente, cerca de 6.800

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

dessas crianças não recebem instrução no município. Pelo menos, instrução sistematizada. E assim sendo, 85% dos futuros cidadãos paracatuenses estão fadados a integrar a ala vexatória dos analfabetos, na terra de Rodrigues Fróis.

Lastimamos que êste calculo vá de encontro á falsa concepção comum, de que os nosssos estabelecimentos de ensino bastem á população escolar do município. Nada de ilusão. Nada de ficção. É preferível concebermos a realidade dura, a alimentarmos qualquer falsa convicção. À municipalidade não é possível preeneher essa lacuna, devido à deficiência de seus orçamentos e em virtude da dispersão da população rural. A dificuldade está na obtenção de professoras capazes, para preenchimento das cadeiras rurais, e na falta de cooperação dos interessados pelas escolas. Alguns, a princípio, facilitam tudo à professora. Nomeada esta, cobram-lhes pensões que superam a seus vencimentos e enviam à Prefeitura contas de aluguéis de suas próprias residências, onde funcionam as escolas. Esses entraves resultam na impossibilidade da manutenção do estabelecimento. A supressão é a sua imediata e lógica consequência.

A séde municipal é dotada de uma Escola Normal oficial, criada pelo govêrno Antônio Carlos, em 1927 e instalada a 3 de maio de 1928. À sua frente está o Dr. Adelmar da Silva Neiva, a cujos esforços se deve a continuação do seu conceito, como estabelecimento modelar, que tem sido, desde os primórdios de sua fundação.

Constituindo essa escola o único estabelecimento de ensino secundário do municipio, é natural que não seja Paracatú um centro de atração cultural. Sua matrícula não tem sido, nos últimos tempos, integralmente coberta, em virtude de não afluirem à cidade estudantes de outras localidades e devido à exorbitância de suas taxas, não obstante sua gratuidade.

Anualmente, cerca de 70 alunos saem do municipio para os colégios e escolas superiores do Estado, dispendendo seus pais com êsses estudos, cêrca de Cr$350.000,00 anuais.

Houvesse um ginásio em Paracatú, parte dessa importância ficaria no município e o nosso índice cultural cresceria consequentemente.

CAPITULO XXIII

SAÚDE PÚBLICA

Sob o ponto de vista sanitário, Paracatú dispõe, apenas, da salubridade do seu clima. Sem rêde de esgôto, e sem condição higiênica alguma, é mesmo por um milagre que se goza saúde na cidade. Verdade é que algumas moléstias de caráter endêmico grassam no município, como geralmente acontece em quasi tôdas as localidades brasileiras. Dentre essas, citamos o impaludismo, que afeta, de preferência os habitantes da zona rural, sobretudo os moradores das ribeiras e lugares pantanosos. A êsse mal, já o nosso povo se habituou. Embora grasse êle o ano inteiro, acentua-se mais nas mudanças de estações. notadamente durante a primavera, entre o solistício de março e o equinócio de junho, devido às estagnações de águas e resíduos que ficam nas margens dos rios, durante a vazante dêsses.

Dentre as endemías mais notadas no município, destacam-se a "anemia dos mineiros", ou opilação. Origina-se, sobretudo, das precárias condições em que vive o nosso homem rural. Seu organismo indefeso, mal alimentado e débil, é facilmente invadido pelo nematoide "Ankylostoma duodenale" (1), que, como o próprio nome indica, ataca de preferência o duodeno. Seu tamanho varia de 7 a 11 milímetros. E provido de uma capsula bucal, com que se agarra às paredes intestinais e suas mucosas de cujas secreções se nutrem, produ-

Fundo Oliveira Mello/Casa de Arquivo Público de Paracatu

zindo lesões intestinais e consequentes perdas sanguíneas ao paciente. As glândulas cefálicas (2) dêsses vermes segregam substâncias tóxico-irritantes, responsáveis pela dissolução dos glóbulos do sangue, resultando na anemía dos verminados.

A sua introdução no organismo humano processa-se por meio de alimentos crús, órgãos contaminados e, sobretudo, pela pele, através de qualquer abertura da epiderme. Daí, segue pelos linfáticos e gânglios, veia cava, coração, pulmões, endotélio dos alvéolos, cavidade respiratoria, (onde produz sérias infecções brônquicas), faringe, estômago e, finalmente, ao duodeno, onde se fixam. Nêsse caso, a infecção é indireta. Os ovos expelidos pelas pessôas afetadas pupulam livremente nos lugares apropriados. Aí, tornam-se larvas e essas agregam-se aos alimentos, ou ficam na superfície das aguas, de onde são levados aos intestinos, por qualquer das vias já descritas.

A virulência dêsse verme resiste, desassombradamente. à ação dos sucos gástrico e pancreático.

Várias outros moléstias de caratér endêmico afligem a população do município, com menos virulência e intensidade. Nenhuma, porém, de feição epidêmica já se originou no vasto território paracatuense. Sempre que algum dêsses surtos atinge nossas regiões, é certo proceder de outras localidades. Mesmo assim, têm sido de carater benigno e transitório. A epidemia que mais ataca à nossa gente é a gripe, sendo que sua maior intensidade se verificou em 1918, quando fez numerosíssimas vítimas no município.

A tuberculose pulmonar é mais frequente na classe pobre e, sobretudo, na zona rural, em consequência da deficiência alimentar de seus habitantes.

O mal de Hansen parece estar se extinguindo no município, quer pelo desaparecimento — morte — das pessôas afetadas, quer pelo desenvolvimento de sua profilaxia. Desde longos anos, localizou-se nos distritos de Guarda-Mór e Vazantes,

notadamente ás margens do Ribeirão Teixeiras, vertente do S. Marcos.

O município não dispõe, siquer, de um posto de higiene ou estabelecimento similar, de assistência pública. O único de que já foi dotada a cidade, no govêrno Antônio Carlos, passou, há quatro anos, a integrar as sobêrbas instalações hospitalares de Patos, a cuja circunscrição de saúde pertence Paracatú. A sua assistência á nossa população tem sido inteiramente nula.

A cidade não conta nem mesmo com uma sala de cirurgia, para os casos urgentes, do mesmo modo que os consultórios médicos locais não dispõem de aparelhamentos necessários aos diagnósticos e averiguações clínicas, que muitos casos exigem.

Sòmente agora, graças aos esforços de nossos médicos e bôa vontade da população em geral, está se cogitando da construção da Santa Casa de Paracatú, havendo sido já angariada, para êsse fim, importância superior a Cr$200.000 00.

Há, no município, 6 médicos, com consultórios particulares na cidade: 6 farmácias, das quais 2 na cidade, com apreciáveis estoques de drogas e dirigidas por farmaceuticos diplomados, de reconhecida capacidade profissional; 1 em Unaí, 1 em Guarda-Mór, 1 em Vazantes e um em Lages, tôdas nas respectivas sédes distritais. As 4 últimas estão a cargo de punguistas, alguns dos quais habilidosos, a quem estão afetos os casos urgentes e comuns da medicina, nessas regiões.

Isso não impede que o nosso homem rural aceite a prática do curandeirismo e benzeduras, como já dissemos alhures. Essas práticas, entretanto, não chegam a atingir a feitiçaria pròpriamente dita e muito menos ao feticismo ou crendice similar. Não obstante, inúmeras pessôas no município crêem piamente na ação maléfica da jetatura, originando o quebranto. Nesses, como nos casos dos cobrelos e mordeduras de ofí-

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

dios, recorrem às benzeduras. Estas, consistem em rezas apropriadas e aspersão de água, com ramos verdes, sôbre a pessôa "atingida pelo mal".

CAPITULO XXIV

RELIGIÃO

CULTOS DIVERSOS

A Cruz de Cristo foi o primeiro marco que se cravou no tôpe do monte que assinalou o roteiro das jazidas auríferas de Paracatú. Um velho jesuita, que gastou a mocidade difundindo a fé cristã entre os selvícolas do nosso "hinterland", cravou-a à margem do Corrego Rico. Erigida, o religioso benzeu-a, orou diante dela e partiu de novo, no afã incontido de cumprir seus sagrados desígnios na terra.

E foi assim, que antes de surgir, Paracatú já se havia feito católica. Batizou-a um sacerdote, em nome do Senhor. Os missionários que vieram após, integrando as bandeiras de Rodrigues Fróis e Caldeira Brant, celebraram os primeiros atos religiosos que aqui se ouviram ao pé do cruzeiro encontrado. Um templo tôsco foi erigido na parte S. do arraial nascente Outros surgiram após. Em 1746, o arraial de São Luiz e Santana do Paracatú possuía já 5 majestosos templos católicos, dos quais 3 são ainda hoje os únicos de que dispõe a cidade, além de pequenos paços e de uma capela particular. A celeridade com que se construiram êsses templos, deveu-se, por certo, á cisão havida entre as castas sociais, como já dissemos neste esboço

São dignas de referências as decorações de estilos, usadas nas construções dessas igrejas, destacando-se zimbórios elegantes e delicadas edículas. O altar-mór do Rosário, por exemplo,

ostenta uma verdadeira obra de arte. As majestosas mísulas que sustêm as seculares imagens, são um verdadeiro primor de escultura. As colunas laterais e flanjas circundantes, esculpidas em bons cérnes, revelam a sensibilidade artistica e firmesa dos punhos que as talharam.

Não menos custosos eram os altares da velha Santana. Êstes, infelizmente, já não mais fazem parte do nosso patrimonio artístico. Foram criminosamente vendidas a judeus do Velho Mundo.

O pôvo do município, na maioria, é Católico — apostòlico-romano, por tradição. A convicção religiosa nunca empolgou o nosso povo. Cada pessôa deixa-se levar pela crença de seus pais. Ninguém se dá ao trabalho de buscar no Evangelho a razão de ser de sua fé.

O Padre Antonio Mendes Santiago foi um dos primeiros vigários de Paracatú, havendo servido como seu coadjutor o Padre Francisco de Moura Brochado.

Diogo Vasconcelos quer que a nossa primeira igreja tenha sido erigida pelo Padre Santiago; êste, porém, só chegou ao arraial de São Luíz e Santana em fins de 1738 ou principios de 1739, após a celebração do casamento de D. Helena Rodrigues Fróis com Joaquim Caldeira, na igreja do Santana.

Houve época em que residiam em Paracatú mais de cem padres, grande parte dos quais, filhos da terra. Cada arraial possuia seu pastor, cada Paróquía, seu cura.

Hoje, a cidade é séde de Prelazia (criada em 1929) administrada pelo virtuosíssimo Bispo Titular D. Elizeu van de Weijer, religioso portador de imensas virtudes. Várias de suas paróquias estão quasi sempre desprovidas de sacerdotes.

Com raras exceções, apenas as mulheres frequentam a igreja catòlica. Muita gente há no municipio, que, ao cometer um delito, se dirige à igreja, ajoelha aos pés do sacerdote, confessa-lhe a culpa e, contrita, recebe o Senhor, numa Hós-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

tia Consagrada. Julga-se, então, essa pessôa redimida da culpa que lhe atordoava o espírito. E o confissionário torna-se, assim, um pôço de pecados. Passa a ser o crivo sacrossanto por onde as almas se côam, o cadinho sublime onde se purificam. Nada mais alentador do que a convicção de ser redimida uma falta, que se dispôs a cometer. Essa é a concepção religiosa de muitos de nossos católicos.

As leis de Deus devem ser um princípio; nunca um fim. Como princípio, dignificam a quem os segue. Como fim, prestam-se à remissão de pecados, cedendo lugar a novas culpas:

A má educação que o nosso pôvo recebe é, tão sómente responsável por essa desvirtuação da fé. As expressões — Deus castiga, Deus faz isto, Deus faz aquilo, fazem do Senhor um inimigo temeroso da humanidade, ao em vez de seu Supremo Artífice, responsável pela harmonia da criação. A concepção do inferno e de suas chamas eternas, aterroriza a alma crédula. E, desde então, enorme conflito se estabelece nessa alma. Se algum dia os conhecimentos que venha adquirir, ou a concepção que tiver da religião, lhe derem novos rumos, então tudo se desfará. Mas a liberdade conquistada equivalerão, então, a uma incredulidade revoltante. Se o contrário se dér, si êsses recalques não se desfizerem nunca, eis o mau católico, eis o homem perigoso, de quem se deve fugir, sempre que possível.

Em Paracatú, os homens frequentam pouco as igrejas, salvo por ocasiões de festas, devido, sobretudo, às diversões que as precedem e sucedem.

O nosso homem rural é ímpio. Teme e adora a Deus. Recebe condignamente o sacerdote em sua casa, por ocasião das visitas pastorais.

Quando algum pregador íntinerante vem ao município, acende-se a fé em todos os corações.

O ãmor ao proximo não constitui principio religioso. È,

antes, dever social. Assim é que a manutenção da única instituição de caridade existente no município — a Confraria de S. Vicente de Paulo — está a cargo da população. Dirigida sempre por pessôas de larga projeção social, a ela nunca se nega o òbulo solicitado. Fundada a 3 de dezembro de 1933, têm sido relevantes os serviços por ela prestados á pobreza, desde então. Manteve, durante, muito tempo, asilados em sua Vila, quasi todos os miseráveis por ela socorridos. A êstes nunca faltavam o vestuário, o pão, a assistência médica, os medicamentos e, sobretudo a presença do sacerdote "inextremis".

As demais instituições religiosas do município são de finalidades inteiramente eclesiásticas. Dentre estas, são filiadas à Igreja Catolica: o "Apostolado do Coração de Jesús", a "Pia União das Filhas de Maria", a "Liga Católica Jesús Maria José" e a "Associação dos Santos Anjos".

A abstinência é sempre observada com desvêlo; os dias santificados, guardados com veneração. Nesse ponto, em grande parte, a preguiça é amparada pela falsa religião. A nossa gente, sobretudo os habitantes da zona rural, está sempre em dia com o calendário. Abstem-se sumáriamente de qualquer atividade em inúmeros dias do ano, à revelia mesmo da Igreja. Os mais modestos componentes da Côrte Celeste são homenageados pela inércia do nosso sertanejo. As ladainhas glorificam-nos Os pagodes (1) são o complemento dessa glorificação.

Dentre as festas que a Igreja Católica celebra, no municipio, destacam-se: a dos Reis Magos, S. Sebastião, Páscoa — celebrada sempre com invulgar veneração — Espirito Santo, Santo Antônio, — padroeiro da cidade — Senhora da Abadia, Senhora da Conceição, São Benedito e Natal.

Além dessas, outras se celebram no interior do munici-

(1) Festas que consistem em dansas sertanejas, bebedeiras, cantorias e bombochadas.

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

pio, durante as periòdicas visitas pastorais do prelado e do vigário, pela diocese.

Há no município vários templos católicos, além dos já enumerados. Cada séde distrital, com exceção de Guarapuava, possui a sua igreja. Na zona rural, encontram-se as capelas de S. Domingos, de S. Sebastião, da Lagôa de Santo Antônio, do Paiol, da Santa — Maria, do Boqueirão. Todas são anualmente visitadas por nossas autoridades eclesiásticas e nelas são celebradas festas em honra aos seus padroeiros.

O Presbiterianismo é a seita dos protestantes de Paracatú. Não possui o município Igreja organizada, desde 1902, mas simples missão: —"Missão Oéste do Brasil" subordinada à Igreja Presbiteriana do Brasil. É dirigida por um "licenciado", auxiliado por um evangelista. Seus sacramentos são ministrados pelo Pastor da Igreja de Patos.

O número de seus adéptos no município eleva-se a cêrca de 500, radicados, sobretudo, na cidade e fazendas "Soares", Leitão", "Estêvão de Sóuza", "Pouso Alegre", "Sapesal", "Bom Sucesso" e "Contagem".

Suas principais atividades Consistem no Culto, Pregação do Evangelho e Ensino Bíblico. Êste é ministrado a todos os crentes, na Escola Dominical (em número) de 3 no município-cidade, "Soares" e "Leitão"). A Escola da cidade compõe-se de 8 classes, atingindo sua matrícula a quasi 150 alunos. Na atualidade, é superintendida pelo sr. Francisco Rodrigues de Afonseca.

Graças aos esforços da "Missão", o número de crentes tem aumentado bastante no município. Muito breve, terão eles, aquí, a sua Igreja organizada e o seu Ministro assistente.

O número de incrédulos é relativamente diminuto no município. Muitos homens há que não professam religião alguma. Respeitam a tôdas ou delas zombam, por gracejos. São os deístas. Creem em Deus, temendo a miséria ou a outro cas-

tigo qualquer. E só por isso não se declaram ateus.

A doutrina espírita tem poucos adeptos no município, onde não dispõe, siquer, de centro organizado. Os que aqui há, são filiados aos de S. Paulo. Não obstante, seus cultores praticam frequentemente, o exorcismo, sempre que algum "espírito máu" causa distúrbios a algum de seus adéptos locais.

A necromancía, que durante a idade média esteve no apogeu, até mesmo entre os sábios da velha Grécia, é aqui exercida rudimentarmente, sempre que se deseja obter revelações do futuro.

Não raro, tambem, são os centros espíritas de fora procurados por paracatuenses, para fins terapeuticos, mórmente no tocante às molestias mentais. Os medicamentos aplicados são de natureza homeopática e os processos aconselhados à cura, não passam de auto-sujestões.

Não atinge, talvez, a 50, o número dos racionalistas cristãos do municipio. Postos em proporção com a nossa população, equivalem a 1/1.000.

CAPITULO XXV

ASPECTOS DIVERSOS

TURISMO

Há em Paracatú poucos aspectos naturais ou curiosos, que tornem o municipio centro de turismo. Em geral, porém, êsses aspectos são prodigiosos. Fascinam ao observador mais prevenido, dadas as transformações bruscas dos fenômenos naturais aquí verificados.

Muita gente tem-nos visitado para conhecer o aspecto colonial, bizarro, de nossas edficações e interessante sinuosidade de nossas ruas seculares.

É tudo quanto de melhor podemos oferecer ao turista.

Fundo Oliveira Mello/Acervo Arquivo Público de Paracatu

REGISTRO CIVIL

O paracatuense, solerte, não comprendeu, a princípio, a finalidade integral do registro civil. Quando o poder estadual se divorciou da Igreja, o nosso sertanejo, dotado de espírito contumaz, preferiu os registros eclesiásticos à lei civil. Os batistérios e os casamentos religiosos mantiveram seu predomínio sôbre o registro e casamento civís, durante muito tempo.

Aos poucos, porém, premida por circunstâncias inadiáveis, foi a nossa gente aproximando-se dos cartórios de paz, sobretudo para legitimar seus direitos. A comunhão de bens passou logo a determinar o casamento civil, do mesmo modo que sòmente em face do registro civil, vigoraria o pátrio poder. E a vida pública de cada cidadão não mais se tornou possível, divorciada do civil. O regirtro do nascimento foi posteriormente considerado prenúncio de serviço militar, devendo ser, portanto, evitado. Êsse prenúncio tornou-se decisivo no primeiro quartel do século atual, movido pela campanha militar patrocinado por Bilac, nosso grande soldado lírico. Por êsse motivo, os pais deixavam de registrar seus filhos. Posteriormente, os políticos na ânsia louca de aumentarem seus quocientes eleitorais, levaram aos cartórios de paz milhares de ãdultos para serem registrados, servindo-se de indultos do Govêrno.

Entre a população rural, essa rebeldía era determinada pela ignorância; na cidade e nas vilas, por receios, precauções fortúitas. Não houvesse um cartório de paz em cada séde dístrital, e a enorme extensão territorial do municipio se apresentaria como principal responsável por essa omissão. A carência de recursos não é menos responsável por essa falta. Grande parte dessa insubordinação, porém, é devida à recalcitrante ignorância de grande parcela de nossos co-munícipes.

Como comprovante dessa afirmativa, tomemos por base

o distrito da cidade, em cujo Cartório de Paz se registrou o seguinte movimento demográfico em 1941:

Registros de nascimentos	270
Óbitos	78
Casamentos (1)	80

Tendo-se em vista os 16.261 habitantes do nosso distrito, facil é verificar-se a insignificância do movimento demográfico verificado no cartório de paz, durante um ano.

Aos registros de nascimentos deve-se acrescentar um total bastante significativo de registros de adultos.

Do mesmo modo, os casamentos celebrados não correspondem, talvez, à metade das uniões verificadas no distrito, no mesmo período. O cléro, em suas desobrigas anuais, celebram-nos em número muitíssimo elevado. Uma vez unidos pela Igreja, os nubentes raramente se lembram de legalizar sua união perante o Estado. O sentimento religioso sobrepõe-se, aí, cômodamente, à lei civil. É então a bênção de Deus que tranquiliza os insubordinados. É a sabedoria popular, prevenindo as dissídias futuras, na substituição irregular do divórcio.

Quando a Igreja celebra um casamento, nem sempre é possível ao sacerdote prescrutar o estado civil dos nubentes; quando a lei consolida essa união, também, por sua vez, não indaga das condições eclesiásticas dos noivos.

O registro de óbitos faz-se, apenas, nas zonas urbanas. A lei o exige como prova primária, nos arrolamentos e inventários, bem como para a celebração de casamentos dos viuvos.

Pelo expôsto, vimos que o registro civil, no município,

(1) O primeiro casamento civil celebrado no municipio (cartório de paz da cidade), teve como nubentes: D. Salustiana Rufina de Abreu e Conrado Macêdo Guimarães. Celebrou-o o Padre Antônio, como Juiz, servindo de escrivão o sr. Balduino Ferreira Albernaz.

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

é ainda uma obrigação. Sempre que possível, nosso sertanejo o evita

ENTIDADES SÓCIOS — CULTURAIS

Muito embora o conceito de povo civilizado a que sempre fizeram jús os paracatuenses, nenhuma entidade sócio-cultural, ou mesmo de caráter literário-recreativo, lógrou subsistir aquí, pelo menos nos quatro últimos decênios. Inúmeras dessas entidades têm sido idealizadas, fundadas sob os melhores auspícios, mas suas atividades são sempre de caráter e fêmero. Não resistem às organizações primárias. Desaparecem, ao serem elaborados os primeiros capítulos dos estatutos que os deveriam reger. Os livros de atas dessas organizações são as testemunhas mais eloquentes dessa afirmativa. Em muitos dêles, constam. apenas, as atas de fundações. O descaso de seus associados inutiliza o ideal colimado. As bôas intenções fenecem, sempre, à falta de estímulos Diante dêsses fracassos, os novos idealistas se enfileiram à ala dos descrentes.

No tocante ao esporte, a descrença geral é mais aterrorizadora ainda. Aos esforços de alguns entusiastas, contrapõe-se o indiferentismo revoltante da nossa gente. A prova, é que, nos últimos tempos. dois grupos de rapazes, auxiliados pelo poder municipal, tentaram organizar seus clubes esportivos, tendo no futebol a atividade principal. Chegaram mesmo, num esfôrço louvável, a denominá-los "Santana Esporte Clube" e "Comércio Esporte Clube". Um "scratch" foi logo defrontado por clubes dos municípios vizinhos. Nossos valorosos "players" levaram amistosas, mas honradas derrotas. Bastou isto, para que os ânimos dos associados caissem, como a gráduação de um termômetro mergulhado em neve.

Ás duas entidades esportivas restam, apenas, os despojos de suas pistas, certificando até onde chegam as organizações sem fundo, o desejo sem ânimo e a vontade sem estímulo.

Paracatú tem a primazia de fundar tudo e a glória de imediatamente inutilizar os seus próprios esforços. O mesmo se dá com relação às associações de classes, de que é exemplo frisante a sua Associação Comercial.

Glória aos seus fundadores!

Há, no entanto, em Paracatú, um clube social desportista, que logrou sobreviver ao período lúgubre de sua organização. Cresceu e conseguiu fulgurar. É o Jóquei Clube Paracatuense, fundado há anos.

Dispõe êle de ótimo hipódromo, onde se disputam, periodicamente, sensacionais parelhas, entre os melhores animais do município.

Além disso, proporciona, frequentemente, em sua séde social, horas dansantes aos seus associados e suas familias. Tornou-se, há muito, o logradouro predileto de parte da alta sociedade e mesmo de alguns elementos humildes, escrupulosamente admitidos como sócios.

BIBLIOTÉCAS

Graças à operosidade do atual Prefeito, Paracatú possui, hoje, a sua bibliotéca pública. Bem organizada e instalada num dos salões da Prefeitura, dispõe de confortável gabinete de leitura, achando-se à sua frente uma bibliotecária apta a atender a todos, informando a cada pessôa sôbre os mais recomendáveis autores e sôbre as melhores obras, concernentes aos mais variados assuntos. É verdade que essa biblioteca não se acha ainda suficientemente provida. Mas é natural: foi posta à disposição do público há pouco tempo.

A Escola Normal da cidade dispõe, também, de uma biblioteca, de feição nimiamente pedagógica, para uso privativo

Fundo Oliveira Mello/Projeto Arquivo Público de Paracatu

dos professores e alunos do estabelecimento. É considerada entre as melhores, no gênero, existentes no Estado.

IMPRENSA

O primeiro órgão de imprensa, editado em Paracatú, foi o "Luzeiro". Surgiu em fevereiro de 1883, sob o patrocínio de ilustres paracatuenses, ardorosos e devotados às letras, dentre os quais Júlio César de Melo Franco e Eduardo Angusto Pimentel Barbosa. Seus primeiros números apareceram manuscritos; mas tal era a sua feição artìstica que se percebia neles a grandeza do esfôrço, aliado ao bom gôsto, jamais igualado pelos órgãos que o sucederam. Contudo, o devotamento de Júlio César e o dinamismo de Eduardo Pimentel, não bastaram para conter o indiferentismo do paracatuense de então. O descaso votado ao jornal foi a contra-fôrça ignominiosa que paralizou seu "prélo".

Em principios de 1885, o "Luzeiro" deixou de circular.

Anos após, chegava a Paracatú um pernambucano operoso, portador de apreciável bagagem de conhecimentos e dono de uma alma inteiramente bôa. Cuidou logo de reerguer a imprensa em sua terra adotiva, numa homenagem eloquente a Júlio Cesar, já então seu grande amigo. E fundou, em junho de 1893, a' 'Gazeta do Paracatú", cuja parte gráfica entregara a Nestório de Paula Ribeiro, auxiliado pelo saudoso José Augusto da Fonseca e Silva.

O grande pernambucano e maior dos paracatuenses de sua época, chamava-se Pedro Salazar Môscoso da Veiga Pessôa.

Em 1894 surgia a "Rosa do Lar", dirigida por D. Paulina Loureiro Salazar. Quando à "Gazeta", não resistiu ela penetrar no quinto ano de publicidade. Desapareceu em 1.897.

Em Agôsto de 1896, refeito de suas mágoas e esquecido dos dissabores sofridos com o "Luzeiro", Júlio César pôs se à frente de "O Paracatú", ao lado do valoroso goiano Alceu Vitor Rodrigues. De um modo ou de outro, o jornal logrou manter-se até fins de 1898.

Em 1897 apareceu o "Lar Católico", e, após, a "Gazetinha", em 1900. Logo mais, em 1903, o "O Operário", todos sob a direção dinâmica do grande pernambucano Pedro Salazar.

Anos depois, em 1909, o Partido Popular, agremiação política em organização no município, editou o seu órgão de propaganda, a "Folha do Pôvo", cujo primeiro número circulou a 24 de Fevereiro, em homenagem à data natalícia do presidente honorário do Partido, Dr. Afrânio de Melo Franco.

Redigida por Alírio Carneiro, homem de espírito aguçado idéais combativas, a "Folha do Pôvo" primou em ostentar artigos verdadeiramente satíricos, mordazes, enervantes. O hebdomadário contava ainda com a colaboração sarcástica de Josino Neiva, João Barroso, Samuel Rocha e com o espírito lúcido de Alísio de Matos.

A circulação da "Folha do Pôvo" motivou o aparecimento de "O Paracatuense", em agôsto de 1909, patrocinado pelo Partido Municipal, sob a direção inteligente do dr. Gastão de Deus Vitor Rodrigues e colaboração dos argutos srs. João Batista de Ulhôa, Genésio Pimentel Barbosa e Anísio Botelho.

Viviam êsses órgãos aferrados a eternas polêmicas e bastaram para acender, exorbitantemente, os ânimos políticos do município. Cada um "lavrou o decreto de morte do outro". Mas O Paracatuense desapareceu primeiro. Extinguiu-se em 1912, após a vitória do Partido Popular. A "Folha do Pôvo" sobrexistiu ao seu antagonista, durante alguns anos, embora tivesse, de quando em vez, interceptada sua publicação, à carência de direção e estímulo, até que, em 1918, não conseguin-

Fundo Oliveira Mello/Cod.83/Acervo Arquivo Público de Paracatu

do manter-se, "exalou seus últimos suspiros, nos braços paternais do incansável jornalista conterrâneo, sr. Bernardo Caparucho de Melo Franco." Empastelaram-na no mesmo dia em que se ateou fôgo à Empresa Funerária, mantida por privilégio, pelo sr. Ananias de Melo Franco.

Pouco antes, no mesmo ano ainda, havia aparecido na cidade a "Voz do Sertão", editada pelo Sr. Santos Roquete e dirigida pelo Sr. Carlos Tunes. Apareceu disposta a seguir a mesma orientação do 'O Paracatuense". Mas desapareceu, também, pouco depois.

Muito tempo passou Paracatú sem um órgão de imprensa, até que, em 1928, surgiu o "Paracatú jornal", dirigido pelo seu proprietário sr. Arlindo Ulhôa e mais tarde, em nova fase, pelos irmãos Rodrigues de Oliveira, redigido pelo sr. Bernardo Caparucho de Melo Franco. Apareceu e desapareceu sucessivamente, até que foi substituido pela "Renascença", de propriedade do mesmo sr. Bernardo Caparucho.

Eclipsou-se pouco depois a "Renascença", para ceder logar ao "O Município", órgão oficial da Prefeitura, dirigido pelos Drs. Câmara Filho e Ernani Cabral. Seu primeiro numero circulou a 28 de maio de 1934. Mensário de distribuição gratúita, apoiou-se êle em tão frágeis alicerces, que a 26 de agosto do mesmo ano circulou, substituindo-o, "O Imparcial", redigido ainda por Caparucho, mas sob o contrôle e patrocínio do poder municipal, que dêle fez seu acérrimo defensor e colaborador intransigente da política Vargas. Mas não foi longa demais sua agonia: cedeu. breve, lugar a outro efêmero hebdomadário, dirigido pelo Cel. Dr. José Vargas da Silva. Êste, por sua vez, eclipsou-se tão logo os destinos da política municipal se decidiram pelas urnas.

Sob o impulso da bôa vontade, reaparece a 1ª- de fevereiro de 1937, em 3ª- fase, o "Paracatú Jornal" conduzido pelo jornalista conterrâneo José de Aquino. Após circular algumas semanas, suspendeu-se sua publicação, em virtude de o seu programa não se haver coadunado com a censura oficial.

Finalmente, a 10 de Novembro de 1938, em "homenagem" ao primeiro aniversário do Estado Novo, aparece a "Folha de Paracatú", sob a direção do seu proprietário, Antônio Ribeiro Júnior e redação do fluente advogado e brilhante jornalista, Dr. Wladmir da Silva Neiva. Jornal social, por excelência, sem nenhuma côr política, deixou de circular em principios de 1940, devido à escassês e elevado custo do material tipográfico, anomalia essa, verificada em virtude do conflito irrompido no Velho Mundo.

HÁBITOS DE CONVIVÊNCIA SOCIAL:

Afeito aos costumes de seus avós, o paracatuense é, acima de tudo, um povo sociável. Essa virtude é aqui respeitada, mantida e confiada às gerações subsequentes, com o mesmo ardor e com a mesma devoção com que foi havida dos seus antepassados.

Os bailes são o principal motivo de aproximação das familias. Realizam-se frequentemente, em lugares públicos e residências particulares. Um casamento, ou mesmo um batizado, basta para motivá-los. A êles, afluem os amigos das familias promotoras, os convidados e, em ambientes espetacularmente agradáveis, prolongam-se, deleitantes, pela madrugada a fóra. Tôdas as castas promovem-nos, segundo suas possibilidades. Em todos, porém, a ordem é a mesma, é o mesmo o respeito.

São ainda frequentes, na cidade, os "brinquedos". Consistem em diversões intimas, constantes de jogos familiares, recitativos e, não raro, alguns números de dansas.

As excursões aos pontos pitorescos dos arredores da cidade limitam-se, de ordinário, a simples pique niques, organizados por familias amigas e têm lugar, quasi sempre, às margens do Córrego Rico, nas proximidades da cidade.

Fundo Oliveira Mello/Cód.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A sociedade é inteiramente afeita a visitas cordiais. Quaisquer motivos as determinam. Êsses costumes fazem com que nossa gente conserve amizades vindas dos seus mais remotos troncos. Essas são cultivadas, sempre, com amôr e com orgulho.

Quando algum forasteiro chega à cidade, não há quem dêle não se aproxime. Vê-se logo cercado de considerações. Cada um oferece-lhe a sua amizade. Daí o motivo de possuir Paracatú tão elevado número de filhos adotivos, forasteiros que aquí se radicam.

Ou é demais hospitaleira e bôa a minha terra, ou avantajado demais meu egoismo de paracatuense.

ALCOOLISMO:

A suavidade da luta pela vida foi, em todos os tempos e entre todos os povos, a mais larga senda aberta à ociosidade.

Vimos, alhures, que a abastança de ouro em Paracatú permitiu aos seus fundadores mandarem vir do reino as mais finas bebidas, os mais custosos vinhos para suas adégas. Com êles, embebedavam-se nas bacanais e orgias quotidianas. E, á medida que as fortunas se rarefaziam, o exemplo se perpetuava. O solo fértil fez crescer a cana de açucar, e numerosas pequenas fàbricas de aguardente foram instaladas no território e começaram a jorrar o seu produto pecaminoso. Intensificou-se, então, o uso do alcool em Paracatú. Assume, hoje, o alcoolismo, carater sériamente comprometedor às gerações futuras. Outrora, a mocidade eximia-se com mais decôro, do uso abusivo do alcool. Na atualidade, o abstêmio desagrada à maioria. Nosso rapazinho, assim que sente as primeiras manifestações da puberdade, vê-se logo assediado pelos seus companheiros e impelido a beber. Quando afetivo,ao receber as

primeiras "rajadas do coração", é no alcool que vai procurar o seu lenitivo; quando algum distúrbio orgânico o enfastia, é na bebida que busca o apetite; quando no baile, e necessita encorajar-se para uma contradansa, vai logo ao encontro de Báco. E, dêsse modo, as mais comezinhas cênas diuturnas a que se prende a vida da nossa mocidade, apoiam-se no alcool. E a maioria bebe sem motivo algum. É o proprio organismo que reclama alcool, para contrapor-se ao seu próprio veneno.

Na zona rural, veritica-se quasi o mesmo. Bebe-se menos, parece. Para o nosso sertanejo, é motivo de "matar o bicho" um simples encontro, uma afinidade de sentimento qualquer, ou mesmo o motivo de vir à cidade.

Nenhum paracatuenss, porém, é dado ao uso de entorpecentes de outra natureza. Ninguém é afeito à morfina; ninguém se entrega à cocaina ou ao uso degradante de droga similar

JOGOS A DINHEIRO

Em Paracàtú, os jogos a dinheiro assumiram sempre feições gigantescas, muito embora a sua proibição, no tocante aos jogos de azar, sujeitos como tais, ás penalidades da lei. Não menos intensos são os jogos lícitos.

Nossa autoridades policiais, a quem está afeta sua repressão, os têm tolerado sempre, com raras excepções. Há, nessas tolerâncias, fartas vantagens pecuniàrias, Colocando o dinheiro acima do cargo que ocupam, já que não cogitam da dignidade, vàrias dessas autoridades não resistem a uma oferta vantajosa. Levam "bolas" sempre. É verdade que algumas reditem a consciência, velando pelos menores. Evitam que êstes façam a sua "fezinha", numa figuração do "pano-verde". Outras, elevam o valor mínimo das fichas, de modo a não per-

Fundo Oliveira Mello/Cod.831/Acervo do Arquivo Público de Paracatu

mitir que os operários satisfaçam seus palpites. Isso em relação à campista. O grande mal social, porém, reside no "jogo do bicho" e na rolêta. Ambos têm sido "bancados" abertamente na cidade. As autoridades mais conscienciosas e menos venais, pejam-se dêsse absurdo e não consentem no seu funcionamento. A Prefeitura os tem evitado, sempre que possível. A verdade, é que êles não degradam tanto quanto a chamada "Nona", a mais espetacular ladroeira que se conhece, em materia de jôgo. Rouba cada tostão que a criança leva no bolso ou que o pobre destina ao pão para a familia. Quando aos jogos lícitos, é também enorme a sua proporção na cidade. Além do Joquei Clube, onde jogam os maiorais, várias outras casas de jogos existem e existiram sempre na cidade, tôdas com grande frequência. Nelas, jogam sobretudo o "pocker" e o "cook and play", atingindo as paradas, não raro, a elevadas somas. Além dêsses, vários outros jogos são praticados na cidade, como o "marimbo", o "sete e meio" o "vinte e um", o "bacará" o "agáche", etc. Outra modalidade de jôgo também usual na cidade são as apostas, por ocasião das corridas hípicas, proporcionadas, há anos, ao público, pelo Joquei Clube Paracatuense.

A loteria é pouco difundida no municìpio. Nosso povo não está afeito a sorteios de emprezas organizadas ou a jogos da mesma natureza.

Na zona rural, é intenso o jogo do "truc", mòrmente aos domingos e nos dias de festas. Não resultam êstes em prejuizo algum para os parceiros, de vez que não passam de brincadeiras, diversões em que não se perde um só tostão.

MERETRÍCIO

O meretrício, na cidade, é exercido em proporções diminutas. A mulher paracatuense raramente-se prostitui. Assim,

as mudanças aquí existentes, quase tôdas são de localidades vizinhas. Moram aquí geralmente em casas particulares, em virtude de não existirem, na cidade, pensões a elas destinadas. Também não há zona de meretrício, determinada pela municipalidade, como medida de expurgo ou tendente a facilitar-lhe o policiamento. Estão, essas mulheres, espalhadas pela cidade, sendo-lhes permitido habitarem qualquer lugar, uma vez que os senhorios lhes aluguem as casas. Verdade é que elas souberam sempre manter o respeito que suas vizinhanças requerem. Não permitem, nunca, que obscenidades partam de suas casas, em palavras ou gestos, de modo à macularem o pudor dos lares vizinhos. Quando notam que os vizinhos, por isso ou por aquilo, as julgam inconvenientes, mudam-se.

Devido ao isolamento em que se acha Paracatú, poucas são as meretrizes que aquí veem. Aquí chegando, sentem logo necessidade de se radicar ao meio. Tornam-se conhecidas das familias e pejam-se, por isso, de provocar escândalos. Pretendem, a todo custo, manter bôa reputação. Isso quanto às mulheres de fóra. Relativamente às do logar, o respeito é mais rigoroso ainda. Quando alguma moléca, seduzida com promessas de casamento, se entrega ao namorado, em circunstância que não possa se valer da justiça, procura manter seu pudôr, tanto quanto possível. sempre que essa desdita atinge lares de classes mais elevadas, as vítimas abstêm-se do convívio social. Levam vida de exclusão completa, como se procurassem reparar o êrro a que foram impelidas, num impulso de incontida afetividade. E a censura corre, célere, por todos os quadrantes da cidade, causando constrangimento a uns, pena a outros e admiração a todos. O mal é menor ainda na nosso rural. O nosso sertanejo assume, cêdo, responsabilidade de familia. Quando tem filhas moças, preserva-as do contáto íntimo de seus namorados e dos "D. Juan", fàcilmente reconhecíves. Raros são os crimes de estupro ou mesmo de defloramento, no mu-

Fundo Oliveira Mello/Cód.634/Acervo Arquivo Público de Paracatu

nicípio. Quando os há, seus responsàveis são punidos. Algumas vezes, pagam-nos com a vida. E isso explica-se: o sertanejo hipotéca à pureza de suas filhas e à honra de sua espôsa tôda a sua dignidade de homem. Quem as macúla, os impele à prática do crime. Nesses casos, as autoridades tomam conhecimento já do segundo delito.

Esgroviado e ignaro, impassivel aos vai-vens da vida, o nosso homem rural a tudo suporta, resignado, menos a mácula do seu lar. Nesse caso, torna-se, de momento capaz de todos os holocaustos. Tudo o impele a ilibar sua honra ultrajada. Em face de sua ignominia, não méde sacrificios. Transpõe todos os obstáculos e vence sempre.

Quando sua mulher o trái, mata-a.

Nosso sertanejo carece de tranquilidade bastante para tanger, à noite, ao regressar de sua fâina, as cordas de sua viola e saudar, numa canção dolente, o aparecimento da lua cheia.

LOUCOS, DEMENTES E MENORES ABANDONADOS

A loucura e a demência não têm feito entre nós tantas vítimas como era de esperar-se, em face do uso abusivo do álcool pelos nossos conterrâneos, como vimos. Por outro lado, a consangüinidade deveria legar aos lares paracatuenses idênticos dissabores. Em face dessas fortes razões, é relativamente minguado o número de loucos e dementes existentes no município, ou daquí enviados aos hospitais de alienados do Estado. Está claro, que há aqui desses enfermos, como os há em todo lugar. Os nossos, mesmo os residentes nos centros urbanos, são recolhidos pelos seus parentes, que dêles cuidam com desvêlo, suportando-lhes a fúria, na esperança de que se curem um dia.

O fato de serem alguns enviados aos manicômios e não mais tornarem a seus lares, robustece o ânimo de seus parentes suportá-los em casa. Também, não há, no município, nenhum estabelecimento apropriado para abrigar êsses doentes. Quando furiosos, a cadeia pública recolhe-os, até que suas familias e as autoridades se entendam, quanto ao destino que lhes deve dar.

Relativamente às mulheres, na maioria, podemos citar como causas principais de distúrbios mentais, irregularidades em suas funções genitais. Nesses casos, as pacientes quasi semprese curam e voltam às suas atividades domésticas. O casamento foi sempre o grande antídoto ao mal.

Um dos nossos mais sérios problemas sociais, são os menores abandonados. Existem êles na cidade em abundância, e mais ainda no interior do municipio. Devido à circunstância de não dispor o município de orfanatos para recolhê-los, crescem á lei da natureza, entregues aos seus instintos, adquirindo os mais pecaminosos hábitos. São o embrião de futuros criminosos a pulular pelas nossas ruas, sem que para êles se voltem as vistas das autoridades competentes. É verdades que os estabelecimentos adequados para contê-los, no Estado, estão superlotados. Mas o problema precisa ser encarrado mais de perto dada a gravidade social de suas consequências.

As cadeias, as penitenciárias e os manicômios destinados a delinquentes adultos, deveriam ser substituidos por patronatos que cuidassem de encaminhar na vida os pequenos que, cêdo, se transviam, por um capricho do destino.

Em vez de castigar uma criança, ao revelar tendencias criminosas, seria mais racional obrigá-la a trabalhar, para manter-se. O castigo não cedime o crime. A prisão não o evita: interrompe-o, apenas.

O espírito de filantropia do nosso pôvo cria e alimenta a vadiagem. Veem-se, não raro, crianças mendigando na cida-

Fundo Oliveira Mello/IPHAN/Acervo Arquivo Público de Paracatu

de, em condições lamentáveis. O esmoler dá-lhe um óbulo, ao ouvir o nome de Deus. A autoridade acha mais facil atirar-lhe alguns centávos, do que tomar o cuidado de indagar algo sôbre o pedinte e de velar pelo seu destino.

Crescem, assim, êsses infelizes, contentes com as sobras que lhes são atiradas cotidianamente.

MENDICÂNCIA — INVÁLIDOS — ASSISTÊNCIA SOCIAL

A mendicância constitui outro sério problema social no município. A princípio, era exercida livremente por quantos se vissem em contingência de estender as mãos á caridade pública. Eram então frequentes os falsos mendigos, os que viam na esmola um meio mais cômodo de promover sua subsistância, furtando-se ao trabalho: — A cidade suportou sempre êsse peso enorme, até a organização da "Sociedade São Vicente de Paluo", destinada a cuidar dêsse problema e à qual já nos referimos. Iniciou-se, então, o amparo coletivo aos mendigos e inválidos do município, fazendo-se o seu necessário expurgo e exercendo-se sôbre êles o mais rigorosa vigilância. Desde sua fundação, mereceu essa entidade o mais eficaz apôio da nossa sociedade.

Ao poder municipal foi solicitada uma faixa de terrenos na parte W. da cidade e lá surgiram modernos e confortáveis abrigos,destinados a recolher os inválidos e desamparados do municipio. Asilados, sob o patrocinio de S. Vicente, a população obrigou-se a enviar-lhes, por intermédio da Sociedade, o seu óbulo mensal. As moças iniciaram a sua valorosa campanha em pról dêsses infelizes. Quermésses e barraquinhas foram organizadas e os seus produtos entregues aos dirigentes de S. Vicente. Durante longo tempo, tudo correu bem. Aos poucos, porém, a população aliviada, foi deixando de enviar sua contribuição à Sociedade. Veementes apêlos fizeram-se ouvir, concitando a todos ao auxilio comprometido. Nova fase de realizações, nôvo surto de prosperidade. Mas o desleixo se renovava sempre. Novas súplicas, novo soerguimento. A Prefeitura destinou-lhe verbas, auxiliando-a. Mas tudo foi impotente para manter abrigados os mendigos da cidade. Voltaram êles a esmolar a domicílio, com permissão de S. Vicente. A isenção de chapa de matrícula permítiu o aparecimento de falsos mendigos, de malandros exploradores.

Demais, um "Deus lhe pague" é bastante para não se indagar das condições de quem pede. Um punhado de feijão, um pedaço de rapadura ou sobras de um jantar, são migalhas capazes de abrir as portas do céu a muita gente, que tem contas a ajustar com Deus, ou que teme a miséria.

Um "Deus lhe pague" é, muita vez, a alvorada de muitas esperanças. De outro lado, a recusa da esmola pode ser o início de uma desventura, a primeira porta de acésso ao infortúnio. É melhor precaver-se, portanto.

Na zona rural, a miséria é mais alarmante, mas os miseráveis são menos e a mendicância quasi nula. Os campos prestam-se menos á vadiagem.

Nas propriedades ruràis há sempre trabalho para todos.

CRIMINATIDADE

As estatìsticas criminais, anualmente fornecidas pelo Tribunal do Estado e publicadas em gráfico, bastam para evidenciar a insignificância do nosso índice de criminalidade, em relação à população do município. Poucos delitos se cometem no nosso território. As lesões corporais são raras O roubo, o furto e o estelionato, verificam-se, é verdade, mas em proporções minimas. Seus agentes, em geral, são indivíduos doentes, que reclamam mais clemência do que mesmo punição. Raramente há um homicídio em Paracatú. Os que se verificam, têm sempre por protagonistas, pessôas alheias ao meio social. Os

Fundo Oliveira Mello/Cod.BST/Acervo Arquivo Público de Paracatu

casos que envolvem elementos nossos, são sempre de caráter passional, verificam-se mais na zona rural! E os responsáveis nem sempre fogem à policia. Perseguidos, entregam-se á justiça, humildes, e já não contam mais com o porvir. Êsses delinquentes preferem as prisões às nódoas que lhes maculam a dignidade, a honra. Essa dignidade, essa honra, porém, podem estar inerentes aos fatos mais fortuitos, as causas mais comesinhas. Processados e julgados, voltam à sua fâina, ao seu labôr, ou vão responder por suas culpas nos presídios. Nêste último caso, um grande crime social sobrepõe-se ao delito cometido. Um homem atirado à prisão é um ser inutilizado. O contato com criminosos natos, só pode ser nocivo a quem, impelido por qualquer circunstância, viu-se na contingência de cometer um delito. O exemplo de criminosos contumazes criaraize-profundas no espirito do delinquente primário. Longe de corrigi-lo, essas prisões pervertem-no. Encarcerando-o, o Estado não só inutiliza-lhes a existência como conduz a seu lar a ruína, a miséria e, não raro, a deshonra. Sôbre sua familia, recaem as mais ignominiosas injúrias, tendentes á inferiorizá-la, cobrindo a cada um de seus membros do mais nefando opróbrio. Visitando seu pai na prisão, o filho acostuma-se, cêdo, a presença da polícia e não tem dificuldade, mais tarde, em cometer um delito, a exemplo de seu progenitor. Essa possibilidade orgulha-o, antes.

O que poderia restar a um homem que tenha passado a vida preso, respondendo por uma falta que cometeu num momento de alucinação? De que lhe servem uns restos de vida, se ao deixar o presídio, tem a cabeça embranquiçada e lá deixou a mocidade? Onde iria encontrar sua familia? Como reorganizar seu lar, si seus membros já se dispersaram? E pensando bem, para que essa reorganização, si as vizinhanças do túmulo já se fizeram sentir tão acentuadas? Nada mais lhe deve restar. Nenhuma esperança, siquer! Nada, absolutamente

nada, que lhe possa lenir a senilidade, a decrepitude prematura.

Como punir, então, os crimes? — De qualquer modo, contanto que si não inutilize a vida do criminoso e de modo a preservar a subsistência de sua familia, amparando-o.

O destino da criança que a mãe embala nos braços, não deve responder pelo crime que seu pai cometeu, num momento desvairado da vida.

Como vimos, a violência carnal quasi não é crime por que responde o paracatuense. O filicídio (provocações de abôrtos), sobretudo entre moças havidas como donzelas, quasi não é comum no município. Desvirginada, a mulher paracatuense nunca oculta o fruto pecaminoso do seu amôr, Outro amôr, o amôr materno, em seguida, passa ser o único objetivo da sua vida, diminuindo seu desdoiro. Fazendo-se mãe, adora seu filhinho. A êle entrega-se de corpo e alma. Passa a ser mãe, mas nunca assassina.

Nossa cadeia está sempre vasia. Poucos réus há nas sessões de júri. E quando os há, nosso tribunal age de tal modo, que a instância superior semore lhe confirma as decições.

DESORDEIDOS CONTUMAZES — BANDITISMO

A vida, de Paracätú, foi sempre calma e despreocupada. Nunca foi, o nosso pôvo, afeito a desordens. O respeito às familias, como vimos, sobrepôs-se sempre aos excessos. Nem mesmo os alcoólatras inveterados são capazes de provocações que ponham em sobressalto a tranquilidade pública. A tranquilidade é um patrimônio social nosso, pelo qual todos velam, a que todos respeitamos.

Nos botequins, nos cafés, nos bares, nos lugares sediados pelo meretrício, ouvem-se, às vezes, vozerios, discussões que não passam de simples rumores. Mesmo êsses cessam a uma ad-

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu

vertência qualquar, á lembrança, por exemplo, de que há familias nas vizinhanças.

Quado aigum forasteiro se arvora em valente, começa com arrufos, não demora acertar contas com a polícia.

O município jamais foi assaltado por bandidos, quer filhos do lugar, quer procedentes de outras localidades. Tem, no entanto, acoitado desordeiros e criminosos contumazes, procedentes de regiões longinquas, que aquí se refugiam, durante anos às vezes. Mesmo êsses, nunca dão evasivas às suas tendências e práticas criminosas. Também não há noticia, em outras localidades, de pessôas nefastas aos meios sociais, filhas de Paracatú.

Acima de tudo, é crdeira, pacata e bôa a gente da minha terra.

x x x

Ao terminar a presente Monografia, confesso que nenhuma vaidade me sobrelevou o espírito. Estou convicto de que realizei trabalho medíocre. E a mediocridade não desvanece a ninguém.

Várias vezes tive convicção dá nulilidade de meu esfôrço. Decidi-me, contudo, chegar ao fim da jornada.

O desejo de contribuir com algo para a história de minha terra, encorajou-me tanto, que cheguei a concluir o presente esbôço. Certo estou, porém, de que êle será recebido por muitos de meus conterrâneos, destruidores gratúitos, com o descaso que merece.

Bemvinda seja a destruição!

Paracatú, janeiro de 1943. FIM

JOSE JOEL DE AQUINO

Fundo Oliveira Mello/Cod.631/Acervo Arquivo Público de Paracatu